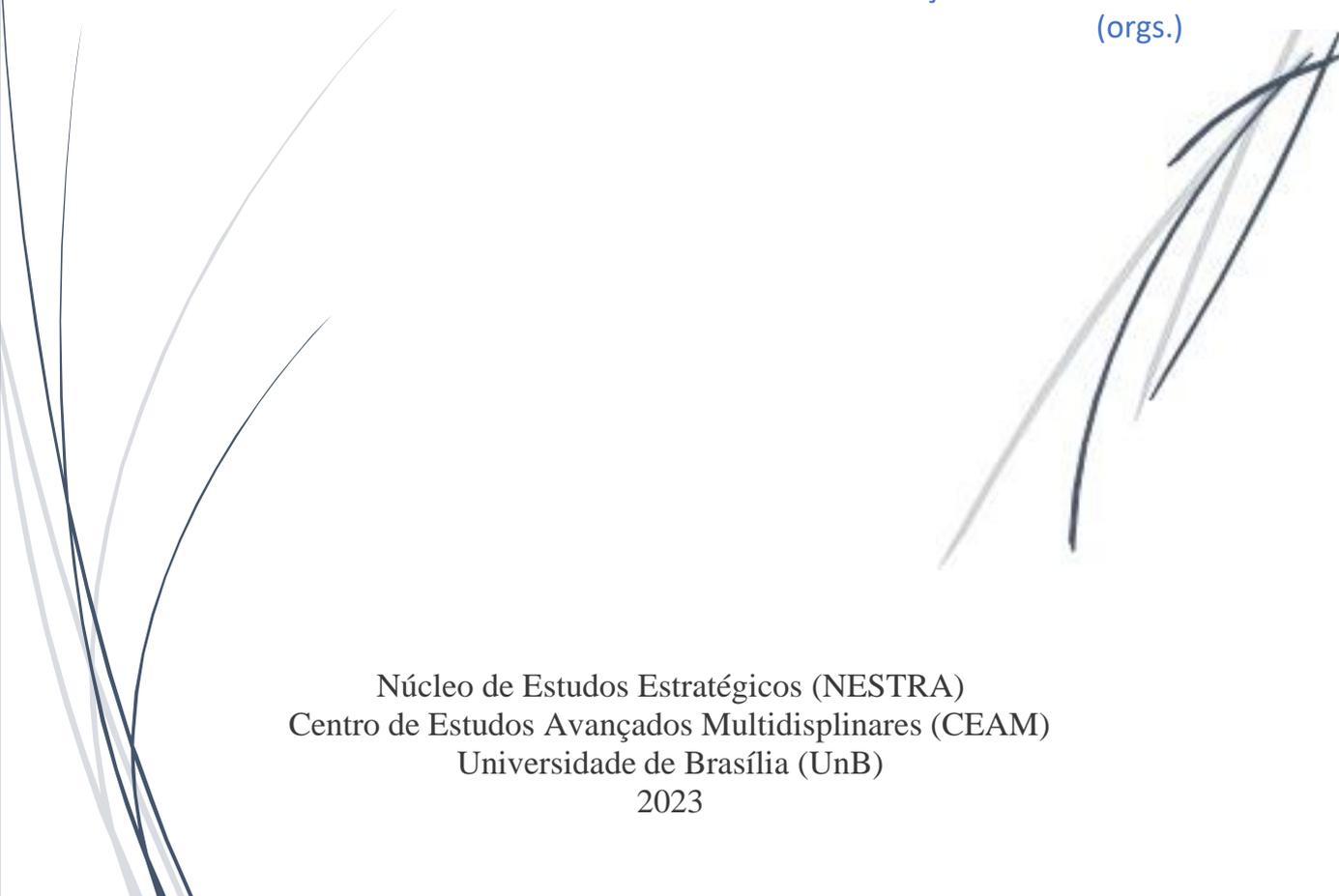




A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva
Fernando Bomfim Mariana
Maria da Conceição da Silva Freitas
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)
Universidade de Brasília (UnB)
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: www.ceam.unb.br

E-mail: nestra@unb.br

Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19
NO DISTRITO FEDERAL
coletânea de depoimentos e outros escritos

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – 4

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO – 7

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

CAPÍTULO 1: Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva

CAPÍTULO 2: O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

Ana Cláudia Costa Medeiros

CAPÍTULO 3: Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

Anita de Oliveira Ventura

CAPÍTULO 4: O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

Carla Micheline Campos da Silva

CAPÍTULO 5: Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

Débora A. Felipe

CAPÍTULO 6: Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

Edvaldo Medeiros de Souza

CAPÍTULO 7: Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

Fernanda Cavalcante e Keila Andrich

CAPÍTULO 8: O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

Hellen Andrade Lima

CAPÍTULO 9: Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

Ivanilde Silva

CAPÍTULO 10: A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

Jesica Barbosa Dantas

CAPÍTULO 11: Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

CAPÍTULO 12: A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva

CAPÍTULO 13: Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana

CAPÍTULO 14: Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva

CAPÍTULO 15: Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

Marina Cantanhêde Rampazzo

CAPÍTULO 16: O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

Maristela Pereira de Sousa Severo

CAPÍTULO 17: Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

Michele Miranda

CAPÍTULO 18: Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

Nádia Lopes dos Santos

CAPÍTULO 19: Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

CAPÍTULO 20: Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

Vera Lúcia Bezerra Cândido

CAPÍTULO 21: A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

Zenilda Martins

APRESENTAÇÃO

Este livro teve como origem os relatos dos Orientadores Educacionais durante o período da pandemia de Covid-19¹, que atingiu as pessoas e as instituições do mundo todo. A publicação dos textos encaminhados pelos Orientadores Educacionais da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) revela a necessidade da reflexão permanente sobre o trabalho pedagógico desempenhado por esses profissionais nas escolas, o que se mostra especialmente urgente nos momentos de crises humanitárias como o vivido.

O trabalho dos Orientadores da SEEDF representa a luta desses profissionais pela visualização e valorização do seu trabalho por meio da formação continuada. Do ponto de vista da legislação, observa-se um movimento pendular entre a obrigatoriedade, colocada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 5.692/7, e a não obrigatoriedade da Orientação Educacional (OE) nas escolas, como se depreende da LDB 9.394/96. O resgate desse importante aspecto histórico é necessário para a compreensão das mudanças na formação desses profissionais. Se a exigência anterior da OE nas escolas levou à criação da habilitação específica, a não exigência na atual LDB trouxe uma indefinição. Não se forma mais o especialista. O foco nos cursos de Pedagogia tem se deslocado para a formação do pedagogo-docente.

Todavia, em sentido amplo, a função de orientar o educando esteve presente na história da humanidade desde os seus primórdios: na Antiguidade, com Platão e a hierarquização dos cargos na Academia para a seleção dos mais aptos. Na Idade Média, nas corporações de ofício, em função da necessidade de conhecer as aptidões dos aprendizes. E, nos tempos atuais, os estudantes continuam a demandar orientação diante da complexidade e das incertezas no delineamento de seus percursos formativos.

No século XXI, o tempo histórico é marcado por conquistas científicas e tecnológicas que causam modificações na vida de todos, contudo ainda persistem problemas como a pobreza, a miséria; bem como radicalismo e negacionismo, em países ricos e em países pobres. A educação reflete o que se passa na sociedade. Observamos as modificações dos

¹ Optamos pela padronização nos textos da expressão a Covid-19, uma vez que a sigla se origina dos termos *corona virus disease*, traduzidos para o português como a doença causada pelo coronavírus. Quando junto ao termo pandemia, que se refere à disseminação de casos de uma doença infecciosa em escala global ou em um vasto número de países, optamos pelas variações: pandemia da Covid-19 ou de Covid-19.

currículos dos cursos de formação de professores, com novas e antigas questões: a interdisciplinaridade, a interseccionalidade, a construção de projetos políticos pedagógicos significativos, a necessidade de preparar para/produzir a vida social. Entretanto, ainda há muita dificuldade para saber dar conta dos diferentes lugares de fala, da cultura, das experiências dos estudantes, em especial os das classes populares.

A OE não trata desses problemas isoladamente, mas inserida no contexto pedagógico da escola, portanto, dentro do contexto social mais amplo. Na realidade existe uma rede de fatos que se entrecruzam e transformam a escola do exterior para o interior. Podemos destacar dois fatos atuais: a globalização e as novas tecnologias informacionais.

No contexto pandêmico, a utilização do ensino remoto emergiu como solução do problema do ensino presencial impactado pela transmissão da Covid-19. A convivência em grupos em salas de aula com diferentes configurações arquitetônicas mostrou-se um fator de alto risco dado que a transmissão se dá de pessoa a pessoa, pelo ar ou pelo contato com secreção contaminada como as gotas de saliva. O ensino remoto emergencial se tornou subitamente a realidade vivenciada desde março de 2020, quando foi anunciada, oficialmente, a existência da Covid-19 no Brasil e divulgadas as medidas de isolamento social necessárias para a contenção da pandemia.

Nesse cenário, diferentes questões educacionais confluíram para o que talvez possamos chamar de uma tormenta perfeita no campo da OE. Se, por um lado, o ensino presencial já demandava uma ampla gama de atividades desses profissionais, demanda esta originada de problemas sociais mais amplos e aspectos mais específicos do cotidiano escolar, por outro lado, questões problemáticas no uso de novas tecnologias no campo educacional adicionaram desafios e dilemas ao trabalho de orientação.

A utilização de novas tecnologias em educação tem sido protagonista de situações emblemáticas. As políticas neoliberais, que reivindicam a redução de gastos nos investimentos públicos, se apoiam em discursos sobre a promoção de acesso mais rápido ao que a escola poderia oferecer, com maior domínio das informações por parte dos estudantes, sem considerar a extrema desigualdade socioeconômica da população nacional. A essa conjuntura soma-se a condição da pós-modernidade, com suas incertezas sobre os valores, e buscas por uma nova certeza, uma nova verdade, com todos os riscos de tais proposições para processos sociais fundamentais.

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional

no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas. Assumem, pois, a exclusiva responsabilidade pela exatidão das informações, assim como pelos conceitos e opiniões emitidos em suas produções.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

Orientadora Educacional da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Mestra em Educação pelo PPGEMP da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

O cenário da pandemia trouxe profundas incertezas, caminhos desconhecidos e momentos oportunos de reflexão e reconstrução. Estamos diante de um enorme desafio, viver o melhor do presente, com aprendizados do passado e projetos para o futuro, e isso implica um processo de fazer, refazer, temer, avançar, recuar.

Ao pensar a escola, na construção de um “novo normal” é preciso abrir as cortinas do cenário: analisar o que temos, erguer a cabeça e olhar à frente, com esperança, mesmo em meio a desafios. Abrir a “caixa do desconhecido” (talvez possamos chamar assim) não é um processo solitário e nem pode ser. A caixa do desconhecido precisa ser aberta por todos que compõem a escola, sem nos isentarmos das nossas responsabilidades e, ainda, articulando nossas ações. Difícil, não é? Mas que esse difícil não seja impossível, que não nos paralise, e que o melhor esteja por vir.

Nossa caixa foi aberta e reencontramos: as pessoas, a possibilidade do toque, de estar perto, de poder fazer atividades em grupo, de conhecer pessoas novas, interagir. No entanto, também nos deparamos com agruras: dificuldades nas relações, falta de diálogo, intolerância, medo, ansiedade, dificuldades de aprendizagem, bullying, sentimento de não saber o que fazer, que decisão tomar, entre outros.

Aproveitando o momento de hoje, neste contato tão importante, convido todos/as para refletirmos sobre a nossa “caixa do desconhecido”! Que parceria podemos construir nessa descoberta/ação? Os desafios são muitos, sabemos, mas precisamos começar a trocar as lamentações por ações, e começar ações simples talvez seja o primeiro passo. Que tal começarmos pelo diálogo?

Começar ou ampliar o movimento de escuta e afeto. Quem sabe podemos dar uma contribuição nessa reflexão a partir do que escutamos e observamos dos estudantes? Assim, seguem algumas possibilidades de ação: olhar nos olhos, ficar atento ao que ele/ela fala, perguntar sobre seus sentimentos, refletir sobre suas palavras, conversar bastante sobre respeito ao próximo, usar palavras positivas, conversar sobre comportamentos na escola,

perguntar se está feliz, acompanhar as atividades e ajudar com a rotina de estudos e a organização de seu processo escolar, perceber com quem conversa e o que vê nas redes sociais.

Ah, tantas atitudes que podemos e vamos precisar implementar! Nessa trajetória de reorganizar nosso cotidiano podemos ter como aspectos fundantes da nossa empreitada a amorosidade, o cuidado, o respeito?

Cora Coralina também nos ajuda nesse desafio quando diz: *“O tempo muito me ensinou: ensinou a amar a vida, não desistir de lutar, renascer na derrota, renunciar às palavras e pensamentos negativos, acreditar nos valores humanos, e a ser otimista. Aprendi que mais vale tentar do que recuar... Antes acreditar do que duvidar que o que vale na vida, não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada”*.

Nesse entrelaçar de histórias, cada pessoa é importante. Oferecemos, a vocês, a possibilidade de falar, partilhar e compartilhar, contar seus casos, alegrias e dores, pedir ajuda nas dificuldades escolares, tornando esse espaço uma rede de contribuição mútua. Assim, nessa caminhada escolar, que também é vida, vamos combinar de não deixar ninguém desistir?

E que nessa caminhada cada um faça sua parte com cuidado, respeito e dedicação.

CAPÍTULO 1

COMENTÁRIOS SOBRE PUBLICAÇÕES ACERCA DO TRABALHO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Aldeane de Souza

Jane Rose Ferreira dos Santos

André Ribeiro da Silva

A Orientação Educacional (OE) é um serviço especializado, desempenhado pelo Pedagogo-Orientador Educacional concursado, com o objetivo de proporcionar condições para o desenvolvimento integral e harmônico do aluno, acompanhando o rendimento escolar e promovendo a integração entre família, escola e comunidade. Desse modo, o propósito do SOE é acolher, ouvir, atender, orientar e acompanhar o processo de ensino e aprendizagem.

Conforme prevê o Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, em seu Art. 126:

"A Orientação Educacional é serviço especializado, desempenhado pelo Pedagogo-Orientador Educacional, para o acompanhamento e o apoio dos profissionais da educação; dos estudantes e das famílias e articulação da comunidade escolar e da rede externa (rede social ou rede de apoio), quanto ao processo de ensino e aprendizagem e das relações humanas que os cercam" (DISTRITO FEDERAL, 2015).

O Serviço de Orientação Educacional (SOE) atua integrado ao trabalho pedagógico da escola com a comunidade, na identificação, prevenção e superação de conflitos. Contribui para o desenvolvimento global dos estudantes no que tange ser, conhecer, conviver e fazer. Seus objetivos visam ampliar as possibilidades de o estudante interagir na realidade onde vive, favorecendo seu crescimento pessoal.

Dentre várias ações do SOE, destacam-se quatro: na instituição, o mapeamento institucional, o planejamento coletivo (Proposta Pedagógica e Plano de Ação Anual da OE); interagir, participar e articular nas atividades pedagógicas (conselhos de classe, coletivas, atividades comemorativas...) e mediação de conflitos. Junto aos professores: acolhimento;

escuta sensível e ativa; apoio para tomada de decisões; encaminhamentos e articulações em rede; devolutiva das ações desenvolvidas; preparação e participação das Coordenações Coletivas; promover e coordenar reuniões pedagógicas para reflexão e aprofundamento de temas relativos ao trabalho pedagógico e outras intervenções. Junto aos estudantes: acolhimento e escuta ativa; organização do trabalho escolar e rotina de estudos; ações preventivas contra qualquer tipo de discriminação e preconceito e para desenvolvimento da autonomia e frequência escolar. Junto às Famílias: acolhimento; mediação; integração e escola (palestras, materiais informativos...) e articulação em rede.

A Orientação Educacional atenderá sempre que for identificado algum fator que esteja interferindo no processo de aprendizagem do estudante, seja de ordem: disciplinar: (estudante com comportamento agressivo), social: (estudante suspeita de violência doméstica, ...), afetivo: (apatia, desinteresse pelos estudos, baixa autoestima, ...). Também devem ser encaminhados para o SOE estudante com elevado número de faltas, estudantes com suspeita de abuso sexual e estudantes com suspeita de envolvimento com uso de entorpecentes ou outros fatores que estejam influenciando no processo ensino aprendizagem.

Uma misteriosa doença infecciosa epidêmica (Covid-19) foi encontrada na cidade de Wuhan, na China, com uma grande velocidade de propagação desde o seu primeiro relato público em 31 de dezembro de 2019 (LAI et al., 2020). Em todo o mundo morreram milhares de pessoas vítimas da Covid-19 e até o momento de realização desse estudo, mais de meio milhão de brasileiros foram a óbito e centenas continuam falecendo diariamente, mesmo com mais de 50% da população terem sido vacinadas com a primeira dose, preocupando assim toda a população, especialistas em saúde pública e profissionais de educação.

Como ainda a população do Brasil e do Distrito Federal ainda não está completamente imunizada, o trabalho dos profissionais de educação ainda está bastante prejudicado, por não existir condições mínimas do retorno às aulas presenciais na rede pública de ensino. Os profissionais estão se reinventando e realizando suas atividades de forma “remota” e a distância, com as condições mínimas que o Estado e Municípios veem oferecendo para os discentes e docentes.

Diante este cenário, o problema de pesquisa deste artigo é: “Qual a tendência atual da literatura científica brasileira sobre o trabalho do Orientador Educacional, no âmbito da Educação Básica no cenário da pandemia de Covid-19?” e o objetivo é apresentar a tendência atual da literatura científica brasileira sobre a atuação do Orientador Educacional

no âmbito da Educação Básica no contexto da pandemia de Covid-19.

Método

Foi utilizado para a elaboração deste artigo o método de revisão integrativa de literatura, baseada na prática baseada em evidência (SOUZA, SILVA E CARVALHO, 2010), onde foram utilizados como critérios de inclusão: artigos e trabalhos científicos publicados a partir de 2020, que retratasse em seu conteúdo o tema Orientação Educacional na educação básica e pandemia de Covid-19.

Foram utilizados para a pesquisa o Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), buscador Google Acadêmico e Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO). Foram utilizados os descritores: Orientação Educacional, Educação Básica, Covid-19. Para conciliar os descritores, nas variadas estratégias de busca, foi utilizado o operador booleano OR e o operador AND.

Foram encontrados 5580 resultados de trabalhos e publicações relacionadas a pesquisa, sendo que destes, apenas 3 estudos se encontravam-se nos critérios de inclusão e apresentava o tema Orientação Educacional na educação básica no contexto da pandemia de Covid-19.

Resultados

No primeiro artigo, as autoras Oliveira e Saraiva (2020) apresentaram o estudo “atividades pedagógicas remotas: projeto “construindo histórias” e a atuação do setor de Orientação Educacional e Pedagógica – Campus Tijuca I, colégio Pedro II” com o objetivo de:

Descreverem o contexto em que se inseria o Colégio Pedro II, reunindo alguns documentos oficiais da instituição sobre as atividades remotas, sintetizaram quais foram as atividades propostas no período de isolamento social pelos profissionais do Setor de Orientação Educacional e Pedagógica do Colégio Pedro II (SOEP), campus Tijuca I, bem como descreveram em quais princípios pedagógicos, éticos e políticos tais atividades foram fundamentadas.

As autoras concluíram que:

O período de isolamento social da pandemia de Covid-19 trouxe inúmeros

desafios e possibilidades de adaptação pelas instituições escolares. A instituição seguiu a determinação de suspensão das atividades escolares, sendo que o SOEP formulou propostas de atividades educacionais como possibilidade de ofertar acolhimento emocional e cognitivo, sempre seguindo os documentos oficiais que regulamentavam a formulação das propostas pedagógicas no âmbito do colégio (OLIVEIRA; SARAIVA, 2020).

Esses documentos foram as atividades remotas, propostas postadas no blog institucional do Campus Tijuca 1 do colégio Pedro II, podendo ser consultado no site <https://www.cp2.g12.br/blog/tijuca1/>, além do Projeto “Construindo Histórias” com atividades multisseriadas e transdisciplinares, a partir de projetos pedagógicos específicos, conduzido pelos professores da instituição, de forma voluntária. A construção do projeto foi elaborada de forma horizontal, para contemplar todos os alunos, conforme apresentado abaixo (OLIVEIRA; SARAIVA, 2020):

Elas primeiro organizaram a inserção dos projetos que estavam sendo elaborados:

Neste contexto, os orientadores educacionais do SOEP começaram a organizar a sua inserção nos diversos projetos que estavam sendo elaborados. Em parceria com a equipe de Literatura do campus, os servidores do SOEP propuseram a construção do projeto “Construindo Histórias”, que tem, por objetivo, favorecer a aproximação emocional com os alunos por meio da linguagem literária, que oportuniza o desenvolvimento do imaginário infantil e da função simbólica, facilitando a compreensão da realidade por parte da criança que representa os enredos e se coloca no lugar dos personagens (OLIVEIRA; SARAIVA, 2020).

Depois realizaram a primeira atividade do projeto:

Como primeira atividade do projeto, pensamos na elaboração de um vídeo que contaria a história de seis alunos do Colégio Pedro II que, em conjunto, atuariam como super-heróis no combate ao coronavírus. O vídeo foi confeccionado por meio do aplicativo “Toontastic” pela equipe, e o objetivo era que as crianças criassem um final para a história. Este final poderia ser feito por meio da construção de uma história em quadrinhos, desenho, redação. Com este modelo de proposta, além de proporcionarmos uma atividade divertida de acolhimento, exploramos a criatividade das crianças por meio da elaboração de um desfecho para a história (OLIVEIRA; SARAIVA, 2020).

Após esta primeira atividade elas realizaram a próxima com um encontro síncrono (online ao vivo):

A segunda atividade culminou na realização de um encontro síncrono,

ocorrido no dia 29 de outubro de 2020. O objetivo da atividade era o de estimular a pesquisa e seleção de poesias por conta de nossos estudantes, para que eles pudessem apresentá-las na reunião online conduzida e organizada pela nossa equipe. Para auxiliar as crianças em suas pesquisas, preparamos um material para que os alunos conhecessem poetas, poetisas e seus poemas. Após o encontro síncrono, como forma de feedback sobre a atividade realizada, pedimos aos alunos que nos enviassem, por e-mail, as poesias por eles escolhidas e apresentadas, bem como sua avaliação sobre o que acharam da atividade online (OLIVEIRA; SARAIVA, 2020).

Depois realizaram uma nova etapa do projeto com a contação de histórias:

A próxima etapa do nosso projeto consiste em uma contação de histórias a partir de um livro de um escritor ou escritora afro-brasileiros. Esta atividade será realizada em parceria com a Biblioteca “O Fantástico Mundo dos Livros” do campus Tijuca I. A partir de reuniões com os servidores da biblioteca, selecionaremos um livro da categoria “literatura negra” infantil. Sobre o conceito de literatura negra, a escritora Conceição Evaristo explicita:

Sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico (EVARISTO: 2009, p. 19 apud OLIVEIRA; SARAIVA, 2020).

Segundo Oliveira e Saraiva (2020):

A escritora salienta que, apesar de grande parte da literatura brasileira considerada canônica ser permeada pela lógica eurocêntrica, uma gama de produções, sobretudo advindas da literatura negra, tem ressignificado o papel das personagens negras nos enredos, abrindo possibilidade para novas epistemologias no âmbito literário. E é justamente a partir desta vertente literária que iremos, em conjunto, propor a seleção de obras que irão compor o nosso acervo para o possível projeto de contação de histórias.

O segundo artigo foi apresentado em formato de resumo em um evento científico IX Simpósio de Pesquisa e de Práticas Pedagógicas do Centro Universitário Geraldo di Biase /Fundação Educacional Rosemar Pimentel (UGB/FERP). As autoras Medeiros e Mello (2021) apresentaram o trabalho intitulado em “A Orientação Educacional e os desafios enfrentados na pandemia de Covid-19”, com o objetivo de apresentar os desafios enfrentados pelo Orientador Educacional na pandemia de Covid-19, identificando os principais desafios apresentados pelas mesmas no processo de trabalho dentro do cenário da pandemia, demonstrando suas ações pedagógicas e estratégias para realizar o seu trabalho com os

alunos, professores e familiares.

Elas utilizaram a metodologia teórico-empírica, com 13 Orientadores Educacionais da educação básica de escolas públicas e privadas de Volta Redonda. Elas constataram no estudo que a pandemia alterou a dinâmica das escolas envolvidas e muitas demoraram a se adaptarem. Os Orientadores Educacionais tiveram que reformular todo o seu trabalho para atender as novas demandas e necessidades das escolas. As reuniões de pais ocorreram de forma online, assim como o atendimento aos alunos utilizando sempre a plataforma adotada pela escola.

Não fica claro neste estudo se todas as escolas, principalmente as públicas realizavam as atividades somente pela plataforma virtual. Esse questionamento se dá pelo motivo de muitas crianças que frequentam escolas públicas serem carentes e não terem acesso a sistemas que necessitam de computador e internet, mas as autoras do estudo relatam que os Orientadores Educacionais orientaram as famílias a manusear as ferramentas das plataformas e como acessá-las, demonstrando assim um serviço extra à função do Orientador Educacional.

As autoras concluíram que novos desafios e ações pedagógicas se mostraram eficazes para a maioria das escolas (elas não quantificaram), e uma parcela de alunos acham essa situação um grande desafio por não possuírem recursos para realizar as aulas remotas (também não quantificaram os alunos).

O terceiro artigo, intitulado em “Orientação Educacional com psicanálise: um lugar de escuta em tempos de escola remota”, de autoria de Ferraz (2021) traz, a partir da análise das falas dos atendimentos realizados pela Orientação Educacional no período de ensino remoto, efeitos e reflexões que um espaço de escuta pode produzir durante a pandemia de Covid-19.

A autora tomou o esquema narrativo dos pais e filhos, direcionados a escola, no período das aulas remotas, com duas reflexões possíveis: uma localiza-se na demanda que é levada à escola, sinalizando uma solicitação, um apelo ao saber sobre a criança a quem supõe-se saber sobre toda criança. A outra reflexão é relacionada ao discurso dos pais sobre o filho, relevando muitas vezes algo além daquilo que diz e da própria demanda apresentada à escola (FERRAZ, 2021).

Essas reflexões, segundo afirmação da autora, dizem que:

O primeiro apontamento que levantamos é que o adulto parental, frente ao seu filho, dirige-se à escola buscando orientação, em primeiro momento, como se tratasse da criança de forma genérica. Não é neste vetor, no entanto, que caminhamos, já que o trabalho do orientador educacional coma psicanálise está em operar no intervalo entre aquilo que aparece como queixa e a mobilização que o desvelamento de questões produz naquele adulto frente àquela criança. Buscamos, afinal, produzir efeitos a partir do que possa ser dito da criança em questão, do que se constitui na relação parental daquela família, trazendo à tona questões da especificidade do caso atendido. Já o segundo ponto levantado, nos remete à questão sintomática da/na criança, que, muitas vezes, usa dos sintomas para falar; estes, de alguma forma, herdados dos próprios pais. Este ponto nos ajuda a pensar, ainda, sobre a experiência parental e o atravessamento do mal-estar na atualidade (FERRAZ, 2021).

O trabalho da Orientação Educacional com a psicanálise, ao admitir o sujeito do inconsciente, não se rende a oferta de uma simples equação entre educar e aprender, entre pedir e ser atendido; não acredita, afinal, que as relações operem em um nível estritamente consciente, racional e cognitivo (FERRAZ, 2021).

A autora concluí que:

Enquanto o psicanalista faz um manejo para que o sujeito, através da fala se apresente na transferência e possa ele próprio interrogar-se e construir suas próprias respostas sobre suas questões e implicação com o desejo, o orientador educacional pode oferecer as perguntas ao sujeito diante das questões que se evidenciam do seu (des) encontro com o outro – no caso, do adulto parental com seu filho. Admitir o real do sintoma na instituição educacional nos parece um desafio necessário. Com isso, coloca-se em cena a questão do saber sobre o sujeito; de um lado uma instituição que possa se esvaziar desse lugar de saber prévio ou total sobre o aluno e suas apresentações sintomáticas, de outro o sujeito que possa se apresentar na sua singular articulação com a sua verdade, com o seu saber, e com a sua repetição—que vem por um sintoma.

Discussão

A educação tem passado por grandes transformações ao longo do tempo e contribuído significativamente para a construção de nossa sociedade. É notório que a luta pela democratização da educação é essencial para a inserção das classes menos favorecidas em nosso meio social. E para que isso ocorra a educação precisa ser um espaço de inclusão social que acolha as necessidades dos nossos educandos ofertando educação de qualidade para todos. São grandes os desafios enfrentados pela educação, principalmente em virtude da necessidade de investimentos nesse setor.

O coronavírus evidenciou ainda mais o fosso de desigualdades em nossa educação. Desde o início da pandemia a educação pública teve que reorganizar-se por meio do trabalho remoto e apesar de todo os esforços dos profissionais da educação em ofertar uma educação de qualidade aos alunos, sabemos que vários são os fatores que interferem para que o ensino remoto não se efetive e atinja todos os nossos alunos. A falta de acesso à internet, computador e celular é um dos motivos que dificultam o processo de aprendizagem dos alunos, que apesar de terem material impresso como suporte para aprendizagem ficam prejudicados por não conseguirem interagir com os professores sempre que necessitam.

O isolamento social também interferiu significativamente na qualidade de vida de nossos estudantes que por estarem confinados em casa tiveram sua rotina de vida totalmente modificada. Para muitos estudantes o distanciamento social tem causado estresse e problemas emocionais como ansiedade e depressão. São vários os fatores que tem contribuído para que isso ocorra como as dificuldades em construir uma rotina de estudos acompanhar o ensino remoto, o aumento dos conflitos familiares causado pelo isolamento social, o desemprego na família, a perda de familiares para a Covid-19, entre outros fatores.

Evidencia-se que a atuação desse profissional hoje passa a dar um enfoque na integralidade do estudante levando em consideração a formação de competências e habilidades que o estimule para que seja um sujeito autônomo, crítico e participativo.

Em virtude da pandemia a Orientação Educacional precisou readequar seu trabalho para atender as necessidades dos estudantes diante da pandemia. O trabalho do Orientador passou a concentrar seus esforços em acolher as necessidades dos estudantes, estimular a autonomia de estudos e a construção de competências e habilidades socioemocionais.

A importância do acolhimento dos estudantes

Ao refletirmos sobre a realidade que estamos enfrentando nesse momento de pandemia, torna-se um desafio ainda maior para nós como orientadores educacionais desenvolver ações para alcançar os nossos estudantes. Percebemos a necessidade de construir novas habilidades e conhecimentos para atuar de forma significativa, afim de acolher as diversas necessidades da comunidade escolar, realizando ações para minimizar os efeitos de desesperança ao qual este cenário vem impondo para todos nós. Alcançar os estudantes em suas especificidades e necessidades tornou-se extremamente necessário.

Desse modo, a escuta empática tem sido ferramenta essencial para que possamos acolher as necessidades dos nossos estudantes e profissionais da escola, bem como, para que possamos realizar ações que promovam reflexões e enfrentamentos nas mais variadas dificuldades que nossa comunidade esteja enfrentando nesse momento tão peculiar, sejam eles de ordem afetiva, social ou econômica.

Habilidades e competências socioemocionais

A necessidade de se trabalhar o desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais já era latente mesmo antes da pandemia ocorrer, no entanto foi possível perceber que trabalhar essa temática durante este cenário tornou-se ainda mais necessário, tendo em vista o grande aumento de casos de estresse, depressão e ansiedade tanto de profissionais da educação quanto de estudantes.

Diante do cenário de pandemia a Orientação Educacional tem realizado trabalhos direcionados afim de estimular os estudantes para que sejam capazes de identificar suas emoções e intervir de modo a superar as tensões, medos e tristezas vivenciadas nesse período tão desafiador para todos nós. No entanto, os problemas relacionados as dificuldades em entender as emoções estão cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes.

O trabalho do Orientador em relação as questões socioemocionais tem sido direcionado para o fato de que é preciso que se desconstrua certos conceitos acerca das emoções principalmente no que diz respeito a classificação das emoções como boas ou ruins. Nesse sentido, o Orientador Educacional tem estimulado os estudantes a perceber que o olhar mais aprofundado auxilia a percepção de que todas as emoções que sentimos propiciam uma análise acerca da nossa realidade.

Por isso, é importante ultrapassar a visão dos julgamentos das emoções como negativas ou positivas e entender o porquê de cada sentimento evidenciado. Esse entendimento em relação aos sentimentos é de suma importância para que se possa não só entender o que se está sentindo, mas também para que se possa aprender com esses sentimentos. O autoconhecimento é a chave desse processo, pois quanto mais aprendemos a nos conhecer menos sofrimento sentiremos ao nos deparar com situações que nos causem algum desconforto.

Esse é o grande desafio de se trabalhar a questão das emoções com os nossos

estudantes. Fazê-los perceber que em seu cotidiano irão vivenciar momentos de prazer e felicidade, mas que também poderão passar por momentos de frustração, medo e tristeza. Trabalhar as competências socioemocionais com estes estudantes contribui significativamente para que eles superem as fases difíceis e que conquistem habilidades e competências que os tornem adultos cada vez mais preparados para enfrentar os desafios que a sociedade os impõe.

Considerações finais

Foi constatado neste estudo que a publicação científica de estudos com o tema Orientador Educacional da Educação Básica no contexto da pandemia de Covid-19 ainda é muito escassa, uma vez que isso pode ocorrer pelo excesso de trabalho destes profissionais no cenário atual, o que sobrecarrega suas funções, indisponibilizando seu tempo para realizar estudos e pesquisas.

A autora Ferraz (2021) afirma na sua pesquisa o papel do Orientador Educacional e sua grande importância, explicitando investidas educativas em situações problemas de fracasso escolar, demonstrando assim que a escuta por este profissional vai além do indivíduo, incluindo outros elementos estruturais que proporcionam ao discente desenvolver suas atividades em “harmonia” consigo mesmo.

Oliveira e Saraiva (2020) afirmaram que muitos desafios e possibilidades de adaptações nas escolas ocorreram desde o início do isolamento social da pandemia, e demonstrou que projetos desenvolvidos na prática durante a atual situação pandêmica podem proporcionar melhores resultados no trabalho da orientação, tendo como pressupostos teóricos, por exemplo, Paulo Freire (1987).

Durante a pandemia o trabalho do Orientador Educacional, até o período de publicação do estudo de Medeiros e Melo (2021), foi realizado em formato virtual, com muitas dificuldades por parte dos pais que não estavam habituados aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, bem como alguns não tinham sequer recursos para participar das aulas remotas, mas os resultados se mostraram mais eficientes para a maioria das escolas, demonstrando assim que o novo, mesmo com obstáculos apresentados foram eficazes.

É importante que o Orientador Educacional analise e registre frequentemente o seu cenário de atuação, para estas informações serem apresentadas/publicadas em veículos de

informação acadêmica/científica, como exemplo eventos científicos online, periódicos científicos e editoras, assim, esse intercâmbio com diversos experimentos podem subsidiar e apoiar o trabalho de Orientadores Educacionais no cenário da pandemia de Covid-19.

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Sistema Integrado de Normas Jurídicas do Distrito Federal (SINJ-DF). **Portaria 15**, de 11 de fevereiro de 2015. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/79276/see_prt_15_2015_rep_rep.html. Acesso em 30/06/2021.

FERRAZ, Ires Ramos Lacava. **Orientação Educacional com psicanálise**: um lugar de escuta em tempo de escola remota. *Estilos da Clínica*, V. 26, n. 1, p.29-43, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178667/171210> Acesso em 30/06/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAI, Xiaoquan, et al. Will healthcare workers improve infection prevention and control behaviors as Covid-19 risk emerges and increases, in China? **Antimicrob Resist Infect Control**. 2020; 9(83):1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13756-020-00746-1> Acesso em: 30/06/2021.

MEDEIROS, Simone Alves; MELLO, Joice Amara Rodrigues. **A Orientação Educacional e os desafios enfrentados na pandemia de Covid-19**. Simpósio, [S.l.], n. 9, fev. 2021. ISSN 2317-5974. Disponível em: <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simposio/article/view/2258>. Acesso em 30/06/2021.

OLIVEIRA, Marina Ribeiro; SARAIVA, Karina Siciliano Oliva. Atividades pedagógicas remotas: Projeto “Construindo Histórias” e a atuação do setor de Orientação Educacional e Pedagógica – Campus Tijuca I, Colégio Pedro II. **Revista Interdisciplinar Parcerias Digitais**. Vol. 3, N. 3, 2020. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/parceriasdigitais/article/view/2907> Acesso em 30/06/2021.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Mychelle Dias da.; CARVALHO, Raquel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. São Paulo, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/> Acesso em 30/06/2021

CAPÍTULO 2

O ORIENTADOR EDUCACIONAL E A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA CLASSE 22 DO GAMA

Ana Cláudia Costa Medeiros

A pandemia de Covid-19, a necessidade do isolamento social e o fechamento das escolas públicas trouxeram inúmeros desafios para os profissionais de educação, para os estudantes e seus familiares.

Nas escolas públicas do Distrito Federal, o ano letivo de 2020 tinha começado há poucas semanas, quando no dia 13/05/2020 sem aviso prévio a população foi surpreendida com a notícia nos telejornais de que as aulas seriam suspensas por 15 dias como medida de prevenção e enfrentamento a pandemia. Ressalta-se que o Distrito Federal foi a primeira unidade da federação a decretar o fechamento das instituições de ensino como medida de prevenção e enfrentamento à pandemia no Brasil. O Governador Ibaneis Rocha foi muito criticado por essa decisão. Nesse período ainda havia muito ceticismo em relação à gravidade e à dimensão que a pandemia tomaria no país.

A comunidade escolar acreditava que após esses quinze dias, as aulas presenciais voltariam normalmente, o que infelizmente não aconteceu. Todo o ano letivo de 2020 precisou ser readequado para o ensino remoto e o primeiro semestre do ano letivo de 2021 continuou com as escolas públicas fechadas.

Como alternativa para que o ano escolar não fosse perdido, a Secretaria de Educação no Distrito Federal propôs a educação mediada por tecnologia. Havia grandes desafios para implementação desse projeto como a criação de uma plataforma digital, a formação dos professores e a garantia de que nenhum estudante fosse prejudicado por não ter acesso a internet, computadores e outros meios de acesso digital.

Foi um período de adaptação difícil que gerou sofrimento e angústia em toda a comunidade escolar, no entanto, os profissionais de educação demonstraram muita

resiliência, capacidade de enfrentar desafios e muita criatividade para que fosse garantido aos estudantes o acesso à educação remota.

Assim como os professores e demais profissionais da educação, os orientadores e orientadoras educacionais, precisaram repensar sua prática profissional e adequar os atendimentos que eram realizados de forma presencial para as necessidades e demandas do ensino remoto embasados e fundamentados em dois documentos principais: A Orientação Pedagógica da Orientação Educacional e a Circular 173/2020 SEE/SUBEB que especifica o atendimento na educação remota. No artigo 126 dessa circular encontramos:

A Orientação Educacional é serviço especializado, desempenhado pelo Pedagogo-Orientador Educacional, para o acompanhamento e o apoio dos profissionais da educação, dos estudantes, seus familiares e articulação da comunidade escolar e da rede externa (rede social ou rede de apoio), quanto ao processo de ensino e aprendizagem e das relações humanas que os cercam. (Circular 173/2020 SEE/SUBEB, Art. 26)

Nesse contexto emerge a importância do Serviço de Orientação Educacional nas instituições de ensino. O(A) Orientador(a) é o profissional que tem uma visão ampla do processo educativo. Além da preocupação com a aprendizagem dos conteúdos, se preocupa também com os aspectos emocionais, as relações humanas e as dificuldades e necessidades de toda a comunidade escolar.

Esse profissional realiza o acolhimento e a escuta ativa dos profissionais da educação e dos estudantes, mediando conflitos, prestando apoio, buscando parcerias nas redes de apoio, trabalhando temas como a prevenção das violências, a inclusão e realizando a busca ativa para garantir o acesso e permanência dos estudantes no ensino remoto.

Na Escola Classe 22 do Gama o Serviço de Orientação Educacional é conhecido e valorizado pela comunidade escolar pelo trabalho desenvolvido com a mediação social de conflitos por meio da implantação do Projeto Mediação de Conflitos: do Diálogo à Cidadania. Esse projeto está integrado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e subsidia as ações dos demais projetos da escola como o Projeto Amigos do Recreio e Força: Substantivo Feminino.

Em 2020, a mediação de conflitos e o incentivo à leitura foram eleitos como “missões” da escola. Isso significa que a escola quer ser reconhecida como uma escola mediadora, que valoriza e respeita as relações humanas e que incentiva a descoberta e à produção literária.

Após a realização de cursos, observações em outras instituições de ensino e estudo de diversas metodologias, adotamos a mediação social de conflitos por acreditarmos que seja a mais adequada para o âmbito educativo. Ela pode ser definida como:

um processo de criação e recriação do laço social e de regulação de conflitos da vida cotidiana, no qual um terceiro imparcial e independente tenta, através da organização de trocas entre pessoas ou instituições, ajudá-las a melhorar uma relação ou regular um conflito que as opõe. (FRANÇA, 2000, p. 74).

Na mediação social de conflitos o processo da mediação é mais importante que o resultado propriamente dito. O foco não está no simples estabelecimento de acordos, mas no estabelecimento de relações saudáveis e respeitadas por meio da reflexão, da empatia, da escuta ativa, da prevenção dos diversos tipos de violência e da criação e manutenção dos laços afetivos.

O conflito é visto como divergência de ideias, pensamentos e opiniões e, portanto, é inerente às relações humanas portanto não tem como ser evitado e nem deve. Nesse sentido concordamos com Galtung (2006) de que não se deve trabalhar com prevenção de conflitos e sim em prevenção às violências. Nossa maior preocupação não está em “resolver” a maior quantidade possível de conflitos, mas sim em compreendê-los para transformá-los.

Adotamos também o conceito de paz positiva e os conceitos de violências apresentados por Galtung. Na escola trabalhamos com crianças e educadores os conceitos de violência direta, violência estrutural e violência cultural. Existem outras, mas o trabalho foca nesta tríade para melhor compreensão dos estudantes que estão na faixa etária de 6 a 12 anos e também por que se tratam dos tipos de violência mais fáceis de se identificar no meio social.

A violência direta é a mais fácil de ser identificada e acontece quando um indivíduo tem a intenção de causar um dano físico no outro. No contexto escolar se apresentam na forma de xingamentos, agressão física e bullying.

O conceito de violência estrutural é o que causa mais espanto nos estudantes e professores. Ele emerge das injustiças sociais, do modelo socioeconômico vigente, da estratificação da sociedade e dos descumprimentos com os direitos estabelecidos em nossa Constituição Federal e dos direitos fundamentais dos seres humanos como: habitação, saúde, educação, alimentação, saúde, inclusão, segurança e outros.

Por fim, trabalhamos o conceito de violência cultural que provém de todos os tipos de preconceitos, de crenças e costumes estabelecidos nas relações entre eles: a homofobia, intolerância religiosa, violência contra a mulher, o racismo, não aceitação da diversidade, não aceitação da inclusão e outros.

A implementação do projeto teve inicialmente a parceria e colaboração da Coordenação Intermediária do Serviço de Orientação Educacional do Gama e da Universidade de Brasília (Estudar em Paz).

Com a mediação tendo sido escolhida como missão da escola e eixo norteador de todas as ações surgiram dois grandes desafios: a realização de uma formação mais aprofundada da equipe escolar sobre o tema e o desenvolvimento de uma postura mediadora na condução das resoluções de conflitos. Percebemos que mesmo os profissionais tendo escolhido a mediação como lema, nas situações de conflitos, continuavam adotando medidas punitivas.

Essas formações e sensibilizações sobre o tema precisam ser feitas todos os anos, pois devido a afastamentos para tratamento de saúde e remanejamentos, todos os anos recebemos novos professores de contrato que não passaram pela formação.

Por meio de conversas e intervenções percebemos que nenhum profissional da Escola Classe 22 do Gama seja efetivo ou de contrato recebeu durante sua licenciatura alguma formação em Mediação de Conflitos e/ou Comunicação Não-Violenta. Os poucos que conheciam a temática a viram de forma muito superficial e em palestras e oficinas oferecidas como formação continuada. Eles reconhecem a importância e a necessidade de que os futuros professores recebam dentro das licenciaturas uma formação mais aprofundada sobre o tema que é pré-requisito para a prática de qualquer profissional que irá lidar com relações humanas.

Os professores inclusive acreditam que esse tema deveria ser obrigatório no currículo de todas as Graduações pois os conflitos não se limitam aos espaços escolares, são inerentes à vida. Segundo Chrispino apud Nunes (2011, p. 15),

todos os que vivem em sociedade têm experiência de conflito e, desde a infância até a maturidade, convivem com o conflito intrapessoal (ir/não ir, fazer/não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar/não casar, etc.) ou interpessoal (brigas entre vizinhos, separação familiar, guerra, desentendimentos entre estudantes, etc.).

No Distrito Federal a Escola de Aperfeiçoamento aos Profissionais de Educação (EAPE) tem oferecido desde 2011, por demanda dos orientadores educacionais, cursos de mediação de conflitos voltados ao contexto escolar. Os cursos são oferecidos para que os participantes conheçam e possam levar a mediação de conflitos às suas escolas. No entanto, muitos orientadores relatam que existe resistência em algumas escolas da incorporação da mediação na prática pedagógica, seja pela sobrecarga do trabalho docente ou pelo não entendimento que a mediação perpassa todo o currículo escolar e que não é apenas mais um projeto dentro da escola e sim uma mudança de postura diante os conflitos.

No Currículo em Movimento do Distrito Federal todo o conteúdo da mediação social de conflitos está contemplado nos eixos transversais: educação para a diversidade, cidadania e educação em e para os direitos humanos e educação para a sustentabilidade. Um dos eixos de aprendizagem desse currículo é compreender o estudante como sujeito central do processo de ensino capaz de atitudes éticas, críticas e reflexivas, comprometidos com suas aprendizagens, na perspectiva do protagonismo estudantil. (Currículo em Movimento p. 9)

É importante destacar que a mediação de conflitos não é uma atribuição apenas do Orientador Educacional e sim responsabilidade de todos os profissionais da escola. No Projeto Político Pedagógico da Escola Classe 22 do Gama, por exemplo, percebemos a integração do projeto com os diversos segmentos:

O projeto de mediação também possibilitou o estabelecimento de uma relação profissional de respeito, valorização e participação na construção coletiva. Partiu-se do pressuposto que todos os trabalhadores em educação deveriam ter o objetivo de resgatar a qualidade do ensino e promover um ambiente mediador. (PPP Escola Classe 22 do Gama, p. 5)

Na modalidade presencial, a Orientadora Educacional dessa escola atua na sensibilização e na formação em mediação de conflitos junto aos profissionais e estudantes. Essas formações são realizadas com apoio de Instituições Parceiras da Escola (Projeto Estudar em Paz, UCB, EAPE e outras). Além disso, colabora, presta apoio e acompanha as mediações realizadas nos diversos segmentos como entre estudante/professor, professor/família, professor/professor, aluno/aluno e etc.

As sensibilização e formações com a equipe escolar acontecem nos momentos de coordenação coletiva e com os estudantes durante o horário escolar. Devido a faixa etária dos estudantes a formação em mediação de conflitos acontecem nas turmas de 5º Ano do Ensino Fundamental.

O projeto de mediação está integrado ao projeto Amigos do Recreio e, portanto, após a formação, os estudantes que quiserem, podem se voluntariar para serem mediadores no recreio e atuar junto ao SOE realizando mediações coletivas em outras salas, campanhas e sensibilizações sobre diversos temas.

No recreio as funções dos mediadores são: observação, coordenar brincadeiras, organização e disponibilização de jogos e brinquedos, orientar os demais estudantes sobre as regras do recreio e mediar pequenos conflitos que acontecem entre as crianças como disputa por brinquedos e desentendimentos.

A cada semana uma equipe de uma turma de 5º Ano fica responsável por realizar mediações no recreio sendo acompanhadas cada dia por dois professores mediadores. Existe uma escala e todos os professores da escola atuam como mediadores junto com os estudantes durante o recreio. Sendo assim, se faz necessária tanto a capacitação dos estudantes quanto dos professores em mediação de conflitos.

O projeto gera um impacto muito positivo nas relações escolares. Os estudantes menores gostam e confiam nos colegas mediadores e sonham em chegar ao 5º Ano para receberem o Colete de Mediador do Recreio. Nos estudantes mediadores gera o sentimento de responsabilidade, de cuidado com os colegas menores, observa-se melhora na autoestima, no desempenho das tarefas escolares e no comportamento em sala de aula reduzindo o número de encaminhamentos de casos ao SOE e direção por conflitos e desentendimentos que são mediados imediatamente entre os próprios estudantes. Alguns estudantes que antes eram apenas vistos pelos professores apenas de maneira negativa por problemas de comportamento ou de aprendizagem, demonstram durante o projeto outras habilidades que não eram percebidas no âmbito escolar e surpreendem como mediadores.

Os estudantes mediadores atuam junto ao o Serviço de Orientação Educacional realizando sensibilizações, campanhas de prevenção à violência e mediações coletivas com outras turmas em sala de aula. São acompanhados e recebem supervisão dos professores e da orientadora educacional.

Existe constantemente a avaliação do projeto tanto com os estudantes quanto com os demais professores da escola para ajustes e modificações das condutas. Algumas vezes os estudantes mediadores quando não estão na sua vez de mediar o recreio se “esquecem” de algumas regras como não correr no pátio para evitar acidentes, esperar a vez no brinquedo, etc. Nestes casos existe a intervenção junto ao SOE ou direção. Não é permitido também que

os estudantes mediadores intimidem, castiguem, haja de maneira violenta (puxar, empurrar) ou abusem na função de mediador. Em caso de recusa dos outros estudantes cumprirem as regras do recreio o estudante mediador do recreio deve o fato ao Professor Mediador.

Com a pandemia e o estabelecimento do ensino remoto houve a necessidade de mudanças e adaptações no Projeto da Mediação. Este contexto deixou evidenciado ainda mais as dificuldades dos profissionais de escola com a escuta sensível, com a mediação de conflitos, com o acolhimento às demandas de sofrimento, luto e angústia que as crianças e seus familiares estão passando. Além, é claro do sentimento de impotência e o próprio sofrimento do educador com a situação que estamos vivenciando.

Nunca a mediação foi tão necessária quanto no momento atual. Estamos com professores esgotados, preocupados e com um nível de auto cobrança muito grande em relação às aprendizagens dos estudantes e de outro lado temos famílias passando por inúmeras situações como perda de emprego, adoecimento, dificuldades com o uso das tecnologias, problemas de acesso à internet dentre outras situações.

Além disso, com distanciamento social e os atendimentos aos estudantes e familiares sendo feitos por meio de recursos tecnológicos, acarretam em algumas falhas na comunicação gerando alguns conflitos e desentendimentos. Para ajudar a intervir nesta situação o projeto de Mediação foi adaptado para atender as demandas do ensino remoto e tem se focado na sensibilização, na realização de intervenções, na sensibilização da equipe escolar e na realização de mediações entre professor/professor, professor/aluno, professor/direção, professor/famílias e outras. Além das mediações tem realizado escuta sobre os problemas emocionais diversos advindo dessa situação atípica e encaminhamentos de casos mais graves a atendimentos especializados.

Em suma, durante o ano letivo de 2020 o do projeto de mediação de conflitos teve como foco a sensibilização dos professores e a realização de mediações tendo o Orientador Educacional ou a equipe da direção da escola como mediadores. Neste ano letivo de 2021 o trabalho será focado na escuta ativa, na formação dos professores e perceberemos também a necessidade de realizar sensibilizações com as famílias sobre comunicação não-violenta e prevenção às violências.

Para que pudéssemos fazer com que o projeto fosse de encontro às necessidades da comunidade escolar, o SOE e a direção da Escola Classe 22 do Gama, além de ouvir pais, professores e estudantes em atendimentos individuais e coletivos também elaboraram um

formulário para os estudantes pudessem expressar suas opiniões e sentimentos sobre o ensino remoto e para verificar se estão passando por alguma situação que necessite de intervenção.

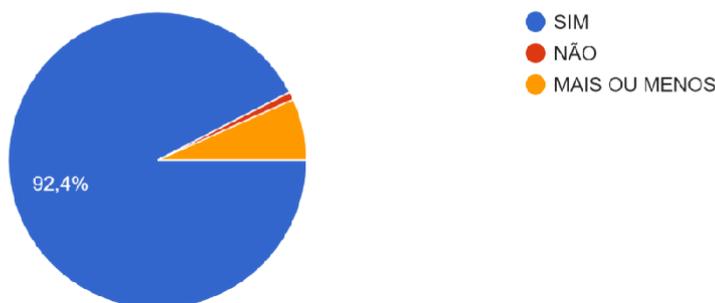
O formulário foi desenvolvido de forma que os próprios estudantes pudessem responder sozinhos ou com pouca ajuda. No formulário os estudantes avaliam as aulas, expressam seus sentimentos e as dificuldades e problemas que estão vivenciando.

Dos 520 estudantes matriculados recebemos a resposta de 341 deles. Apresentaremos agora um resumo dos principais pontos abordados no formulário e que servirão de base para as intervenções que serão realizadas a partir do 2º Semestre de 2021.

Nas respostas dos estudantes pudemos observar que 94,1% querem o retorno das aulas presenciais. Perguntamos aos estudantes se eles sentiam falta da escola e podemos observar no gráfico abaixo que 92,4% responderam que sim, 6,7% dos estudantes dizem que sentem mais ou menos e 0,9% dos estudantes que não sentem falta da escola.

VOCÊ SENTE FALTA DA ESCOLA?

341 respostas



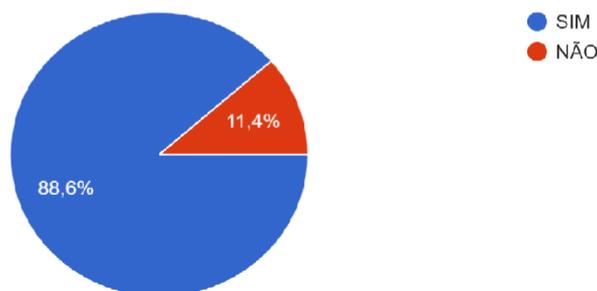
Perguntamos também do que eles mais sentem falta na escola. Nessa questão eles poderiam marcar até 3 opções como respostas e acrescentar alguma que não estava contemplada nas opções. Como resultado tivemos que: 72,4% sentem falta dos professores, 77,7% dos colegas, 44,9% do recreio, 18,5% do lanche e 55,1% de estudar.

Nas conversas com os professores e nas fichas de encaminhamentos de estudantes para a busca ativa observamos com muita frequência reclamações como a falta de hábito de estudo dos estudantes, da falta de estímulo de alguns familiares no encaminhamento das atividades e na frequência às aulas proporcionadas pelo Google Meet.

A fim de compreendermos melhor essa demanda perguntamos aos estudantes se eles tinham um local adequado para estudar em casa e com os materiais mínimos necessários e 11,4% dos estudantes responderam que não. Observamos então que 88,6% por cento dos estudantes possuem um ambiente propício ao estudo em casa.

VOCÊ TEM UM LOCAL ADEQUADO PARA ESTUDAR EM CASA? (LOCAL LIMPO, VENTILADO, SILENCIOSO, COM MESA E CADEIRA)

341 respostas

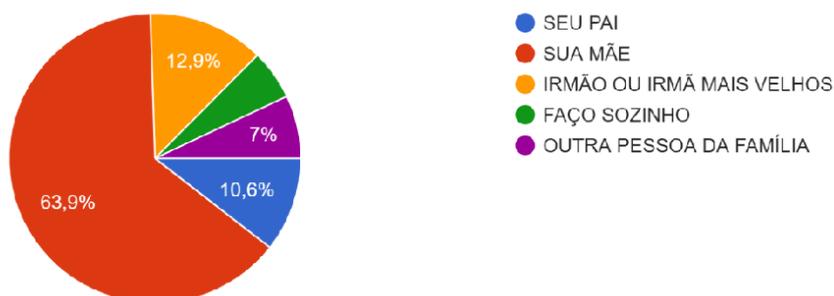


No que se refere ao acompanhamento nas tarefas escolares 78% recebem auxílio, 20,2% dos estudantes responderam que algumas vezes e apenas 1,8% por que não. Sendo assim, apesar da reclamação constante dos professores os estudantes, percebemos que apenas uma parcela muito pequena dos estudantes não recebe nenhum acompanhamento familiar.

Os estudantes informaram ainda quem são as pessoas que os auxiliam nas tarefas feitas em casa. Como já era de se esperar, as mães são maioria nas respostas das crianças e 5,6% dos estudantes relatam fazerem sozinhos.

QUEM TE ACOMPANHA NAS TAREFAS EM CASA?

341 respostas



Em outros questionamentos percebemos que 62,8% dos estudantes possuem irmãos que também estão estudando online e que 45,7% precisam dividir com alguém o computador ou celular para assistir às aulas e fazer as atividades.

Neste sentido, observamos que quase a metade dos estudantes precisam compartilhar o celular e o computador com os pais e/ou os irmãos e que existe a necessidade de revezamento na utilização dos equipamentos eletrônicos. Esse dado contribui com as falas das famílias na Busca Ativa de que têm filhos em idades e níveis escolares diferentes dentro de casa e às vezes precisam priorizar um ou outro.

Os pais que tinham filhos estudando no mesmo turno, mas em anos/turmas diferentes reclamavam que muitas vezes as aulas online aconteciam no mesmo horário e que tendo apenas um equipamento em casa ou com poucos dados móveis ficava impossível de todos os filhos assistirem as aulas nos mesmos dias e horários. Para amenizar a situação, o SOE, a direção da escola e os professores começaram a verificar os casos existentes e propor atendimentos em horários diferenciados.

Perguntamos aos estudantes se eles tinham dificuldades em realizar as atividades enviadas e 34% disseram que não, 44% responderam mais ou menos e 22% que sim. Observamos que se somarmos os estudantes que responderam mais ou menos com os que responderam que sim 66% das crianças relatam terem alguma dificuldade na realização das tarefas enviadas, o que é um número muito significativo. Como ações de intervenção a direção da escola, o SOE e os coordenadores pedagógicos têm conversado com o grupo de professores e pensado em alternativas e intervenções no planejamento das tarefas enviadas.

Além de saber sobre a aprendizagem nos preocupamos também em tentar compreender como as crianças se sentem ao realizar as tarefas online e percebemos uma variedade de sentimentos: 29,3% se sente feliz, 16,4% animados, 22,9% se sentem calmos/tranquilos, 18,2% desanimados, 3,2% com raiva/nervoso e 4,7% com vergonha, outras respostas tiveram menos de 1%.

Os estudantes também tiveram a oportunidade de avaliar seus professores e as respostas foram muito positivas. Em uma questão aberta perguntamos também o que eles achavam das aulas pelo Google Meet e houveram respostas positivas e negativas. As principais críticas se referem ao tempo da aula (curto ou longo demais), problemas constantes de conexão com a internet, travamento de aplicativos e problemas nos equipamentos eletrônicos (muitos deles antigos e que não suportavam o aplicativo Escola

em Casa e o Google Meet).

Como última questão do formulário perguntamos se os estudantes estavam passando por algum problema familiar e 10,3% responderam que os pais se separaram neste período, 38,1% relataram que algum familiar adoeceu neste período, 18,5% relataram brigas e desentendimentos na família, 25,8% perderam algum familiar, 19,6% relataram que o pai ou a mãe perderam o emprego, 35,8% relataram dificuldades das famílias em comprar alimentos e pagar contas básicas como água, luz elétrica e telefone.

Os resultados do questionário foram apresentados e discutidos com toda a equipe escolar. Além disso, cada professor recebeu o resultado da pesquisa feita em sua turma, para que pudessem subsidiar suas ações/intervenções e principalmente compreender um pouco mais sobre a realidade dos seus estudantes neste período tão difícil da história humana.

A utilização do formulário foi muito importante pois deixou “cair por terra” alguns mitos que os professores reproduzem por meio do senso comum como: que as crianças não querem estudar, que não gostam das aulas on-line, que as famílias não acompanham o processo educativo e outros.

Além disso, nos permitiu identificar as crianças que estão passando por situações de violência, vulnerabilidade e norteou várias ações da escola como campanhas para arrecadação de alimentos, encaminhamentos às redes de apoio (Conselho Tutelar, atendimentos psicológicos e outros) e permitiu reflexões sobre a necessidade de mudanças no processo de ensino para os estudantes que estão com dificuldades na aprendizagem no ensino remoto.

Durante todo o ano escolar de 2020 e o primeiro semestre de 2021 a Escola Classe 22 do Gama passou por muitos desafios e transformações. Percebemos a importância do trabalho coletivo, da escuta ativa, da falta que faz um abraço, da necessidade do acolhimento e principalmente de se conhecer a realidade para se conseguir intervir nela. Foram um ano e meio em que vários profissionais, estudantes e familiares adoeceram de Covid-19 e infelizmente houveram algumas perdas. Essas perdas ocorreram em vários sentidos e todos passamos por vários lutos como: perda de familiares, desemprego, as crianças perderam o direito de ir para a escola, brincarem juntas e de expressar os sentimentos com abraços e beijos. Como dói encontrar algum estudante da escola e ter que pedir para que não nos abracem ou beijem.

A pandemia nos adoece não apenas fisicamente, mas também emocionalmente.

Professores, familiares e estudantes relatam sentir o aumento de transtornos como ansiedade, depressão, síndrome do pânico, síndrome de burnout e outros problemas emocionais nesse período. Nos atendimentos feitos pelo SOE percebe-se o quanto todos necessitamos de acolhimento, da escuta sem julgamentos e de um olhar sensível para as dificuldades e de como superá-las.

Nesse sentido confirmamos a importância do Orientador Educacional no ambiente escola seja público ou privado. O Orientador é o profissional que vê a escola de maneira integrada, que preza pelo estabelecimento de laços afetivos, que se preocupa com os sentimentos, com a transformação das relações a partir de sua visão mediadora fundamentada na pesquisa e estudo da realidade.

A experiências em mediação de conflitos na Escola Classe 22 do Gama nos leva a refletir e a reivindicar que, nas licenciaturas e cursos de formação de professores e orientadores educacionais, a mediação social de conflitos seja uma disciplina na grade curricular obrigatória das Faculdades e Universidades.

Precisamos de profissionais e orientadores educacionais nas escolas que sejam capazes se comunicar de forma não-violenta de compreender e intervir nas situações de conflitos, que consigam tornar o estudante protagonista na prevenção às violências e que principalmente compreenda que a mediação perpassa por todo o currículo escolar e que saber conviver em grupo, expressar suas opiniões com respeito, respeitar opiniões diferentes, compreender a diversidade, saber reivindicar direitos, talvez sejam os maiores aprendizados mais significativos que seus estudantes levarão para a vida.

Na Escola Classe 22 do Gama ainda há vários desafios a serem superados dentre eles podemos citar: a necessidade de formação constante dos professores e a necessidade que os profissionais da escola assumam a postura mediadora em todas as suas ações e projetos. Muito ainda precisa ser feito, mas estamos felizes, pois sabemos que estamos na direção certa.

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Projeto Político Pedagógico 2021 da Escola Classe 22 do Gama** (em processo de publicação).

_____. **Projeto Político Pedagógico 2017 a 2019 da Escola Classe 22 do Gama**. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp->

conteudo/uploads/2018/07/pppec22cregama.pdf

_____. **Currículo em Movimento**. Disponível em:
<http://www.educacao.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica/>

_____. **Circular 173/2020** - Orientações para a Organização do Trabalho Pedagógico da Orientação Educacional. Disponível em 03/07/2021 em:
<http://www.educacao.df.gov.br/circular-no-173-2020-see-subeb/>

_____. **Proposta Pedagógica da Orientação Educacional**. Disponível em:
http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/orienta%C3%A7%C3%A3o-pedagogica-da-orienta%C3%A7%C3%A3o-educacional_02mai19.pdf

FRANÇA. Social mediation and new methods of conflict resolution in daily life. **National Forum of Urban Affairs Professionals**. Les édition de la Délégation Interministérielle à la ville. Recuperado em 15/01/2015, de <http://www.ville.gouv.fr>, 2000.

GALTUNG, Johan. **Transcender e transformar**: uma introdução ao trabalho de conflitos. São Paulo, Palas Athena, 2006.

MARSHALL B, Rosenberg. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

NUNES, Antonio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo: Contexto 2011.

RIOS, Zoé. **A mediação de conflitos no cenário escolar**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

CAPÍTULO 3

TRABALHO DOCENTE E O PEDAGOGO-ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL: ORIENTAR DESENVOLVENDO AUTONOMIA DE ESTUDOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Anita de Oliveira Ventura

A autonomia é algo que se constitui ao longo da vida, no entanto, é preciso que o professor ou o Orientador sejam os intermediários desse amadurecimento e da construção da autonomia pelo estudante. Como dito por Maísa P. Pannuti em artigo para a Gazeta do Povo:

Em meio à experiência que o mundo todo está vivendo, ainda não é possível mensurar o impacto do distanciamento social em nossas vidas, dada a complexidade desse fenômeno e a incerteza do que nos aguarda. É fato, porém, que o estresse, a ansiedade, o medo e a angústia são sentimentos que, em maior ou menor escala, muitos de nós estamos experimentando, muitas vezes de forma inconsciente, mas que se expressam em momentos de agitação, raiva e impaciência.

De maneira abrupta, nossas relações foram transformadas, a fim de que possamos lidar com esse inimigo que, invisível a olho nu, em nossa mente é representado como o símbolo do perigo. Mas, o que podemos aprender com essa experiência? E as crianças? E os jovens? Como será que percebem e lidam com essa situação? Para isso, vale a pena refletir sobre dois aspectos: a resiliência, que é a capacidade que desenvolvemos em nos adaptar a situações adversas; e a forma como temos educado nossas crianças. (...)

O momento sugere uma reflexão a respeito de como estamos educando nossas crianças e jovens. Não é sem preocupação que temos verificado a dificuldade de alguns em relação à imposição de limites e de responsabilidades aos filhos. Muitos têm se eximido dessa árdua tarefa de impor restrições a eles, o que, inevitavelmente, trará frustrações. Ora, mas um aspecto fundamental que deveria ser considerado é que a família é o espaço mais protegido para a criança frustrar-se e sofrer, pois é o local mais cheio de amor.

Educar uma criança não se restringe a proporcionar oportunidades para que aprenda e desenvolva competências para um futuro promissor, mas, sim, consiste em desenvolver sua autonomia para que tome boas decisões, o que implica levar em conta o outro, respeitar e ter valores morais sólidos. Qual seria então o papel da frustração no desenvolvimento,

uma vez que aprender a se colocar nesse mundo, que é muito complexo, exige uma estrutura emocional que sustente todas as inúmeras adversidades a serem vividas? Se o estudante não aprender a lidar com as inevitáveis frustrações que a vida nos impõe, é possível que tente, na idade adulta, outros subterfúgios para sentir-se bem. (PANNUTI, 2020).

Amaral e Martinazzo (2008), ao tratarem sobre autonomia destacam que Kant “observa que o sentido de autonomia deriva da capacidade racional do homem. O ato emancipatório do homem, capaz de livrá-lo da dependência e da tutela de outrem e de fazê-lo assumir uma posição autônoma perante a vida, só pode ocorrer pela via do esclarecimento”. Nesse sentido,

a educação traz em si a força e o papel de formar o homem”. Sem educação o homem não se constitui como tal. Os seres humanos ao nascerem possuem uma capacidade inata para pensar e precisam desenvolvê-la pelo processo de educação. O ser humano deve apoiar-se em sua própria razão para se tornar livre e autônomo. Assim sendo, o objetivo principal da educação deve ser educar pelo uso e exercício da própria razão na busca de alcançar a autonomia. (AMARAL; MARINAZZO, 2008).

Sobre o ambiente escolar destacam:

O ambiente escolar deve oferecer oportunidades de exercício de conquista da autonomia, entendida como uma compreensão do impulso, pessoal construída cotidianamente por meio do aprendizado de vivências ricas de inter-relacionamentos e de desafios reflexivos, que pressupõem um repertório de diversidades culturais. As práticas que contemplam e promovem a diversidade cultural, étnica e religiosa podem resultar em promoção da dignidade humana se levarem em conta princípios que contemplem o nosso ser complexo. (AMARAL; MARINAZZO, 2008).

A autonomia nesse contexto é de real importância para o desenvolvimento e crescimento humano. “O sujeito que participa em processos argumentativos tem que ser um sujeito autônomo e racional, ou seja, um Eu reflexivo” (BANNEL, 2010).

A autonomia em todos os aspectos da existência é fundamental para que cada ser humano, seja capaz de ir em busca de seu conhecimento e sua ampliação das possibilidades de forma autônoma. O direito e as garantias representam avanços para as crianças, que passaram a ser vistas como sujeitos de direitos, tendo em vista que a autonomia é conquistada via esclarecimento. A promoção da aprendizagem tem na educação o exercício que abre possibilidades de tornar os sujeitos mais livres, conscientes e soberanos. A promoção do conhecimento, bem como do autoconhecimento propicia a formação de indivíduos livres,

autônomos, responsáveis e que poderão exercer melhor sua capacidade de escolha.

Os direitos das crianças servem para assegurar seu integral desenvolvimento, fazendo-se necessário sua existência, principalmente, quando nos deparamos com famílias que não conseguem atender as necessidades fundamentais para que esse indivíduo cresça de forma digna. Vale ressaltar que as crianças são seres humanos sujeitos do seu próprio direito. Sendo assim, as leis ajudam no processo de conquista e de proteção de acesso da obtenção da autonomia de maneira mais igualitária.

Um aluno que possui autonomia torna-se um indivíduo proativo, capaz de resolver mais facilmente os problemas, dentro e fora do contexto educacional, e aprende a ser crítico quanto ao que pensa e produz. Nesse sentido, tornou-se ainda mais exposta, no distanciamento social, a fragilidade dos estudantes por não terem o professor e até mesmo os responsáveis, familiares, por perto para ajudá-los na execução das atividades propostas nas plataformas e todas as outras impressas. Somam-se a isso a desigualdade social, falta de recursos tecnológicos e condições de prover internet para que o estudante possa cumprir com a agenda escolar em casa.

Com o ensino remoto, nos sentimos engessados pelas razões que a pandemia exige. Assim, à falta de efetivos investimentos, permanece a sensação de frustração pois, até para encaminhamentos imprescindíveis e urgentes, faltam profissionais e estabelecimentos com operações muito reduzidas. Enfim, materiais e literaturas riquíssimos, mas continuamos com muitas dificuldades para serem superadas.

Precisamos dar espaço para que o aluno construa sua autonomia e para o reconhecimento do deste em seu protagonismo na comunidade escolar e social em que atua. Além disso, a autonomia se desenvolve também com um ensino cada vez mais personalizado. Portanto, o educador precisa identificar quais são as potencialidades de cada estudante e desenvolvê-las através do trabalho pedagógico. Podemos ter como exemplo a seguinte situação, alguns indivíduos gostam mais de falar, outros de escrever, de transformar em canção, poema ou desenho. Cabe ao educador ou à escola como um todo, estimular essa autonomia, identificando também, quais são as particularidades, habilidades e competências de cada um, para que sejam aproveitadas ao máximo essas habilidades.

Conforme consta no glossário online do Centro de Referência de Educação Integral: “A autonomia é um dos pilares da educação integral. Entende-se que para desenvolver todas as potencialidades e dimensões do sujeito, é preciso garantir sua independência dentro do

processo de ensino-aprendizagem”. Muito questionada, a autonomia não faz parte só de uma habilidade ou competência adquirida pela criança, a autonomia é um processo gradual e diário que se estabelece à medida do amadurecimento diário, fazendo escolhas, assumindo responsabilidades, criando hipóteses, ressignificando o ambiente em que se está inserido, utilizando o pensamento crítico e reflexivo, e nesse contexto, ser protagonista da sua própria história. A educação ainda educa para os conceitos, e nossa briga é fazer a educação educar para a vida. As crianças estão se tornando jovens depressivos, ansiosos, desiludidos, cheios de informações, e infelizmente, muitos não sabem o que fazer com essas informações.

Em um trecho do texto "Criatividade e Autonomia em Tempos de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social" (Juliana Berg, Carla Blum Vestena e Cristiana Costa-Lobo) as autoras exploram a importância de se trabalhar a autonomia sem que sejam excluídos os deveres e direitos das crianças e adolescentes, pois um não anula o outro, ao contrário, através da Pedagogia Social é possível desenvolver na integralidade o ser humano, porém, é preciso explorar, em nós mesmos e nas nossas crianças, pensamentos que sejam mais críticos e criativos .

E como dito pelo professor na última aula, na qual com ajuda dos colegas explorou criticamente uma das definições da palavra "autonomia": ser autônomo não significa ser autossuficiente, pois existe uma relação de interdependência com o outro; ou seja, os direitos e as garantias fazem parte do processo da autonomia, a depender de como são apresentadas e apreendidas. A autonomia emocional possibilita que o estudante fique mais seguro de si principalmente quando isso vem sendo trabalhado desde a infância.

Autonomia e motivação andam juntas, é necessário que os estudantes sejam motivados e estimulados. Como Orientadores Educacionais temos a oportunidade de enriquecer os espaços fora da sala de aula, oportunizar as mais diversas experiências aos estudantes, com conexões, inteireza e humanização. Vale ressaltar que ter autonomia nos estudos é algo complexo, principalmente para os estudantes do fundamental I, que necessitam da cooperação dos pais e, infelizmente alguns não tem esse apoio.

Muitas vezes, a forma como dizemos algo é mais importante do que o conteúdo em si. Embora seja comum nos deixarmos levar pela raiva ou qualquer sentimento ruim na hora de falar algo para alguém, é necessário nos policiarmos para não deixar as emoções falarem mais alto do que a mensagem. “Mudar nossos hábitos não é tarefa fácil, mas, aos poucos e com a prática diária, vamos substituindo padrões antigos e nos tornando comunicadores mais

empáticos e flexíveis”.

Devemos ouvir mais e falar menos: Ser um bom ouvinte requer certo treino. “É preciso ter uma mente aberta, livre de julgamentos, e estar disponível para receber o que o outro tem a dizer”. Ficar atento ao que o outro está dizendo, ser acolhedor e certificar de que a outra pessoa está confortável na sua presença. “Focar mais na solução do que no problema. Independente do meio que utilizamos para nos comunicar, seja em nossas relações pessoais ou entre colaboradores, líderes e liderados, estamos propensos ao pré-julgamento ou ao sentimento de inadequação estimulado” por uma crítica.

A forma como nos relacionamos conosco e com os outros tem tudo a ver com padrões de dominação existentes na nossa sociedade bem como com os muitos problemas que estamos enfrentando. Por isso, se o nosso desejo for construir um mundo mais pacífico, colaborativo e sustentável, precisamos mudar o nosso modo de enxergar, escutar e de nos conectarmos uns com os outros. É importante mudarmos primeiro as nossas relações, para depois mudarmos outras questões mais profundas da nossa sociedade.

Nesse sentido, podemos usar a empatia para a nossa crise relacional e para a nossa falta de coletividade, pensando nela como uma possível ferramenta de transformação social.

Lembrando que a transformação que eu desejo precisa começar em mim e por mim. O profissional comprometido com a educação deve sempre estar preocupado em formar seu aluno com uma visão crítica da sociedade, o qual é seu maior objetivo, dando-lhe oportunidade de expressar suas ideias, tornando-o um cidadão ativo e participante na vida social, cultural e política do seu povo. Dessa forma, é importante salientar que a escola já não deve atuar somente com um viés pedagógico, mas deve priorizar também o aspecto social e político que estão presentes no cotidiano escolar.

Além de ela precisar estar em consonância com a realidade do dia a dia, precisa também estar atenta às novas demandas que se instauram a cada dia na sociedade contemporânea. Sendo assim, a escola não estará isolada, visto que não é uma redoma ou uma instituição à parte do âmbito social, ela tem a incumbência de promover a formação plena do educando para que este seja um cidadão crítico, participativo e autônomo.

Referências bibliográficas

AMARAL, Rosemeri; MARTINAZZO, Celso José. Autonomia e complexidade: a construção das aprendizagens humanas. **XVI Seminário de Iniciação Científica.XIII**

Jornada de Pesquisa. IX Jornada de Extensão. Unijuí, 23 a 26 de setembro de 2008.
Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/689>

BANNE, Ralph Ings. Habermas e a educação. **Cult**. Publicado em 30/03/2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/habermas-e-a-educacao/>

BERG, Juliana; VESTENA, Carla Blum; COSTA-LOBO, Cristiana. Criatividade e Autonomia em Tempo de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social. **Revista Internacional de Educación para la Justicia Social**, 9(3e), 2020a. Disponível em: <https://revistas.uam.es/riejs/article/view/12180>.

PANNUTI, Maísa. A resiliência das crianças em tempos de distanciamento social. **Gazeta do Povo**. Sempre Família. Publicado em: 27/05/2020. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/educacao-dos-filhos/a-resiliencia-das-criancas-em-tempos-de-distanciamento-social/>

CAPÍTULO 4

O ORIENTADOR EDUCACIONAL COMO ELO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: AMPLIANDO POSSIBILIDADES E CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

Carla Micheline Campos da Silva

Ao longo dos tempos a Escola vem assumindo papéis cada vez mais amplos no que diz respeito a formação de crianças e adolescentes. Culturalmente a nossa sociedade reforça esta demanda para o ambiente educativo formal, fortalecendo o elo entre família e escola e reforçando a corresponsabilidade de ambos neste processo educativo.

Para compreendermos melhor essa relação entre família e escola, precisamos destinar nosso olhar para duas nuances desta relação, uma sociológica e a outra psicológica (OLIVEIRA, 2002).

Dentro da perspectiva sociológica da relação família e escola, tal relação é caracterizada por aspectos ambientais e culturais, sendo permeada por valores coletivos e individuais que determinam papéis e objetivos tanto para família quanto para a escola. Papéis esses que muitas vezes se confundem, tornando a relação entre família e escola conflituosa e desgastante, gerando cobranças entre ambas quando o assunto é o fracasso/sucesso escolar.

Enxergando esta relação pela nuance sociológica a família e a escola possuem como reponsabilidades a formação social e moral dos indivíduos, já na psicológica elas são responsabilizadas pela formação psicológica, trazendo para esta reflexão a ideia que a família é a referência na vida de cada criança e o reflexo de tal referência impacta nas relações dela no ambiente escolar.

Na vertente psicológica, os aspectos emocionais e afetivos ganham um olhar de grande importância para o sucesso ou o fracasso escolar de crianças e adolescente. O olhar se volta para a relação familiar de cada indivíduo como fator de peso para o bom ou o mau desempenho do estudante. Os aspectos afetivos ganham peso e muitas vezes servem como

fator que influencia no olhar avaliativo docente, principalmente quando o resultado é o fracasso escolar.

A partir destas colocações, percebe-se que a relação família e escola está envolta de aspectos que favorecem um movimento, tanto da escola quanto da família, de culpabilização e transferência de responsabilidades pois como em qualquer relação conflitos mau resolvidos e falta de clareza de seus papéis acontecem, com isso tanto família quanto escola se colocam na posição de apontadores de responsabilidades e cobradores de papéis, desviando o foco do personagem principal desta relação “o estudante”.

Ao longo dos tempos, essa visão social e psicológica, que foram construídas histórico culturalmente, vão dando base a uma relação família e escola cada vez mais enquadrada em papéis destinados a cada uma, fortalecendo modelos e padrões que por muitas vezes geram conflitos e até favorecem o fracasso escolar.

Até março de 2020, tanto família quanto escola seguiam estes padrões e modelos que norteavam suas ações, suas rotinas, suas cobranças e sua relação. Porém a educação, ou melhor, o mundo se surpreendeu com uma pandemia. Incertezas, indecisões, escolas fechadas, famílias em casa e o surgimento de situações que não estavam previstas pela escola e tão pouco pela família, no que se diz respeito a educação formal das crianças e adolescente.

Com a pandemia causada pelo novo coronavírus, um número expressivo de escolas no mundo todo teve suas atividades presenciais suspensas. Professores, agentes fundamentais no processo educacional formal, viram-se, de um momento para outro, tendo que atuar diante desse contexto e alternativas passaram a ser adotadas com o objetivo de reduzir os prejuízos educacionais e a preservação do direito à educação.

Do outro lado estão as famílias, também impactadas diretamente com esta situação. Crianças e adolescentes em casa, ambiente escolar virtual e não mais presencial de aprendizagem, dúvidas e inseguranças surgiram e com elas novos conflitos estabelecidos entre família e escola.

O Decreto 40.509, de 11 de março de 2020, estabeleceu a suspensão das aulas presenciais no Distrito Federal. Com este cenário duas questões ganharam destaque: garantir que os estudantes não fossem prejudicados em seu processo de escolarização e evitar o aumento das desigualdades de acesso e de oportunidades, dois aspectos que permeiam diretamente o trabalho diário do Orientador Educacional nas escolas.

O papel do Orientador Educacional na escola é muito amplo, sendo muito importante em todo o processo educacional, pois busca sempre a formação integral do estudante e trabalha com toda a comunidade escolar.

Historicamente, a Orientação tinha um papel complementar na escola; preocupava-se mais com as questões de cunho psicológico, chegando mesmo a ser vista numa abordagem terapêutica. Hoje pretendemos uma orientação mais crítica, pedagógica, que promova a vez e a voz aos alunos, que insira a questão do trabalho em todas as atividades que ocorrem na escola e que discuta acima de tudo a nossa própria sociedade, na sua conjuntura e estrutura e, também as questões do próprio aluno como pessoa. Devemos, portanto, trabalhar muito os valores dos alunos, da escola, da sociedade, incentivando cada vez mais a participação, (...) incentivo aos alunos em atividades e realizações na própria sociedade, em especial quando envolvem questões relacionadas à cultura, ao esporte e ao lazer (GRINSPUN, 2005).

A Orientação Educacional atualmente contribui para o processo educativo a partir de uma prática articulada com toda a comunidade escolar, repensando coletivamente o fazer pedagógico, participando na análise da realidade, apoiando diálogos problematizadores, promovendo a tomada de decisão individual e coletiva e executando ações com foco em objetivos compartilhados no Projeto Pedagógico da instituição escolar, a fim de tecer uma rede social e interinstitucional que colabore com o desenvolvimento integral do estudante. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p.15).

Diane desse novo cenário, o Orientação Educacional precisou se reinventar enquanto agente principal de fortalecimento do elo entre família e escola. Novas demandas, novos desafios, novos modelos foram surgindo e com isso novas formas e concepção de ensino e de aprendizagem.

Dentro desse novo contexto de trabalho, tornou-se ainda mais forte a necessidade de articulação e inovação das formas de interação e convivência escolar, com isso cuidar das relações e fortalecimento de vínculos tornou-se foco principal do trabalho do Orientação Educacional neste cenário.

O Orientador Educacional, tem como foco no ambiente escolar, seja presencial ou remoto, a mediação de conflitos, desenvolvendo seu trabalho de forma dialética e não fragmentada, com ações que sejam voltadas para potencializar a função da escola enquanto instituição com base no projeto político pedagógico, e também fortalecer a família enquanto agente imprescindível dentro deste processo.

O trabalho da Orientação Educacional deve estar articulado às demais instâncias da unidade escolar, bem como à família e à comunidade, estabelecendo uma rede social e institucional de proteção e garantia aos direitos do estudante e de melhoria da qualidade da educação (DISTRITO FEDERAL, 2019, p.23).

Ações da Orientação Educacional para fortalecimento do elo entre família e escola na Escola Classe 25 de Ceilândia

Em meio ao turbilhão de indecisões e novos contextos, surgiu a necessidade de criação de novos projetos e ações que atendessem as necessidades surgidas mediante o cenário de pandemia estabelecido. Com isso, a Orientação Educacional da Escola Classe 25 de Ceilândia traçou novos rumos, criando e também adaptando ações com objetivo de continuar levando educação de qualidade para os estudantes.

Percebeu-se que um dos pontos a serem fortalecidos nesse cenário seria a relação entre família e escola, e que a família neste momento havia passado a desempenhar um papel significativo para que o processo educativo acontecesse. Assim, a Orientação Educacional precisava buscar formas de maior aproximação da escola com a família e assim poder compreender, acolher e buscar soluções para as demandas destas famílias que também precisavam se reinventar diante do novo cenário.

A primeira ação a ser citada como agente de fortalecimento do elo entre família e escola é o Projeto “Conversando com as famílias”. Este projeto já acontecia de forma presencial na Escola Classe 25 de Ceilândia, porém havia pouca participação das famílias nos encontros que eram realizados de forma bimestral.

É perceptível para a Orientação Educacional que o diálogo com as famílias da comunidade escolar constitui-se em um momento imprescindível no processo educacional. Uma das queixas recorrentes das escolas em nosso país e também em nossa comunidade é o pouco tempo que as famílias têm para acompanhar os estudantes na realização de suas atividades e de compreender o seu papel, como instituição primeira e responsável direta por cuidados básicos, ensinamentos (valores, crenças, atitudes), proteção psicossocial, socialização, acompanhamento e supervisionamento na aquisição por parte das crianças dos saberes culturais e historicamente compartilhados. Ainda compreender, que a escola não é uma extensão do lar e que suas atribuições são diferentes, mas que como instituições responsáveis pela formação e desenvolvimento de crianças e adolescentes a união entre

ambas é fundamental.

Dessa forma, a educação para a vida, dever das duas instituições, possibilita a eles tornarem-se adultos responsáveis por suas ações, capazes de realizar escolhas e buscarem soluções assertivas para suas vidas.

Nesse sentido e entendendo a necessidade da participação das famílias e a construção de uma relação entre as duas instituições, baseadas no respeito, diálogo e reconhecimento de papéis e funções, onde o estudante seja o centro e tenha sua proteção garantida, conforme preconizados em nossa Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9394/96), no Estatuto da Criança e do adolescente (ECA - Lei 8069/90) e na Lei 11.988/2009 que instituiu a Semana de Educação para a Vida, procurou-se com a realização do projeto colaborar para que as famílias dessa comunidade se fortaleçam e consigam transpor as muitas dificuldades impostas pela sociedade nesse momento atual de pandemia.

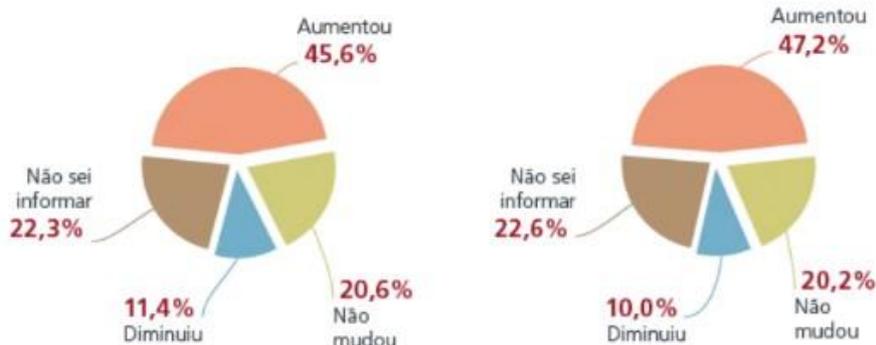
Para isso, Orientação Educacional buscou realizar encontros quinzenais com as famílias, construindo momentos de reflexões e compartilhamento de experiências, inspirados nos princípios educacionais propostos pela Psicóloga Lídia Weber em seu livro *Eduque com carinho*. O projeto acontece agora de forma remota, com encontros quinzenais com as famílias e promove o debate e discussão de temáticas importantes para ambas família e escola. Durante a realização do projeto de forma presencial a participação das famílias era pequena e agora, de forma remota, o número de famílias participantes cresceu significativamente, o que leva a uma visão positiva deste formato de encontro.

De acordo com a pesquisa Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica, realizada pela Fundação Carlos Chagas (2020), durante o período de pandemia a relação família escola vem se estreitando e sendo fortalecida. “Com a suspensão das aulas presenciais, as professoras indicaram um aumento, tanto da relação escola-família (45,6%), quanto do vínculo do aluno com a família (47,2%)”:

Com a suspensão das aulas presenciais, aumentou

Relação escola-família

Vínculo com a família



Fonte: Fundação Carlos Chagas (2020)

Outra ação que a Orientação desenvolveu para atender a necessidade de maior aproximação com as famílias foi o diálogo de forma virtual com algumas famílias, por meio de um canal direto com a Orientação Educacional onde os responsáveis podem agendar momentos individuais para diálogos sobre questões emocionais, pedagógicas ou até mesmo socioeconômicas, proporcionando assim a escuta ativa como forma de mediação de conflitos.

A escuta ativa é um método de comunicação que pode ser muito eficiente no trabalho de mediação. Ela engloba o foco de escutar atentamente o interlocutor e observar todas as suas expressões corporais, com o objetivo de entender o que realmente está sendo falado e, assim, ter uma melhor perspectiva na hora de promover as negociações (GABBAY, 2013).

Segundo Gabbay, Faleck e Tartuce (2013), durante a mediação:

o mediador deve estimular cada um a falar sobre o conflito, propiciando, a partir da escuta recíproca, a identificação das posições e interesses dos envolvidos. Enquanto as posições retratam as posturas assumidas pela pessoa como suas pretensões, os interesses revelam seus desejos, suas preocupações e necessidades.

Desta forma a Orientação busca por meio do diálogo com as famílias, promover espaços de escuta e fala e com isso tornar o percurso cada vez mais leve não só para a família, mas também para a escola.

A relação família-escola é fundamental para o processo educativo. Porém, na nossa sociedade nem sempre essa relação se complementa, pelo contrário é comum a escola se

queixar da ausência da família e vice-versa. Precisamos compreender que apesar da escola ter um papel fundamental na educação da criança, é dentro da família que ela recebe a primeira educação, nela que aprende regras do conhecimento moral que compõe a sociedade em que está inserida. É, no seio familiar que os sentimentos fluem, o amor, o ódio, a solidariedade e até se aprende a lidar com estes sentimentos no dia-a-dia, sendo que, para seu pleno desenvolvimento, a criança precisa viver no ambiente de total apoio e dedicação, principalmente neste momento onde a escola está dentro dos lares e necessitando ainda mais da parceria da família.

Grinspun (2005) nos lembra que “O Orientador Educacional dialetiza as relações e vê o aluno como um ser real, concreto e histórico”. Nesse sentido, o papel desse profissional vem a somar ao trabalho de outros profissionais com o intuito de alcançar os objetivos propostos para uma educação de qualidade subsidiando esse aluno a se tornar um indivíduo politizado e consciente da transformação que deverá ser realizada na atual sociedade, tornando-a mais justa, bem como auxiliando as famílias a contribuir com esta formação. Nesse caso, o Orientador Educacional possui um caráter mediador junto aos demais educadores e famílias atuando com todos os protagonistas da escola num resgate de uma ação mais efetiva elaborando uma educação com qualidade social no espaço escolar.

Por fim, percebe-se a importância do papel do Orientador Educacional no ambiente escolar como, não somente mediador de conflitos, mas literalmente como elo entre família e escola neste momento de pandemia de Covid-19. Sendo por meio das ações da Orientação Educacional que tais laços serão fortalecidos e estreitados e diariamente seja de forma presencial ou remota.

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Pesquisa Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica**. 2020. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>

GRINSPUN, Mírian Paura S. Zippin. **Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas de integração na escola**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Lelia De Cassia Faleiros. **Escola e família numa rede de (des)encontros: um estudo das representações de pais e professores**. São Paulo: Cabral Editora, 2002.

TARTUCE, Fernanda; GABBAY, Daniela Moneiro; FALECK, Diego. **Meios alternativos de solução de conflitos**. Editora FGV, 2013.

CAPÍTULO 5

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL EM TEMPO DE PANDEMIA: DESAFIO ACEITO

Débora A. Felipe

Este capítulo não poderia iniciar sem a afirmativa de que “o Orientador Educacional é, em sua essência, um educador” (CARVALHO, 1979, apud LONGO; PEREIRA, 2011, p.188). Portanto, o Serviço de Orientação Educacional (SOE), que é parte da equipe gestora da escola, tem em suas funções o processo de aprendizagem dos estudantes sob a perspectiva do currículo normativo, o desenvolvimento pessoal, físico, intelectual e moral dos estudantes que extrapola este currículo prescrito trazendo à tona um currículo oculto funcional na instituição, e também trata da resolução de conflitos no ambiente institucional por quaisquer partícipes da comunidade escolar.

É o profissional que trabalha temas como profissionalização, hábitos de estudos, disciplina, automutilação, depressão e conteúdos que fazem do discente um cidadão. Ao entender o papel do Orientador, precisa-se conceituar o que seria currículo normativo e currículo oculto. Segundo Sacristán (1998):

O currículo aparece, assim, como o conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenham efeitos cumulativos avaliáveis, de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante, para que nele se operem as oportunas recomendações. (SACRISTÁN, 1998, p.46)

O que Sacristán quer dizer é que há uma estrutura curricular prescrita na escola, que permeia as relações de poder e cultura, direcionando a trilha da aprendizagem de cada componente curricular e a prática pedagógica dos educadores.

Mas o ambiente escolar extrapola conteúdos e relações acadêmicas entre os participantes da comunidade escolar, denominado currículo oculto, que, segundo Silva, “é o reflexo dos efeitos de aprendizagem não intencionais que se dão como o resultado de certos elementos presentes no ambiente escolar.” (SILVA, 1995 apud MELO; OLIVEIRA; VERÍSSIMO, 2016, p. 198).

É neste momento que o Orientador Educacional se transforma em peça fundamental na formação do discente, pois este profissional desenvolve ações previamente planejadas que integram os profissionais da educação, família e estudantes de forma humanizada visando o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Contudo, no momento pandêmico em que estamos vivenciando desde março de 2020, esta ação que geralmente é presencial e analisa as expressões corporais e emocionais dos envolvidos, perpassa pela relação interpessoal pautada na oralidade, o profissional da orientação educacional precisa se reinventar, buscar maneiras diversas e motivadoras para trabalhar com a comunidade das instituições escolares.

Orientação Educacional e Ensino Remoto: Oportunidade ou desafio?

A experiência descrita neste capítulo aconteceu num Centro Educacional localizado na Cidade Estrutural - Distrito Federal, no período de julho a dezembro de 2020, quando foi deflagrado, por meio de Decreto do governador, de que a educação se daria mediante ensino remoto, com o uso do Google Classroom.

A primeira ação a ser feita é a conscientização dos estudantes, familiares e professores acerca da estratégia governamental para que o ano letivo possa continuar. Fez-se necessário também auxiliar os estudantes – alunos do Ensino Médio Regular (EMR) e 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno noturno - no primeiro acesso ao ambiente virtual escolhido.

Consequente aos professores, a equipe gestora se ocupou de fazer uma coordenação, via Meet, onde foi explicado o funcionamento básico do Google Classroom, a abertura de salas de aula, montagem de um horário de aulas entre outros aspectos relevantes. Já com relação aos estudantes, a orientadora educacional, que fazia parte do grupo de WhatsApp dos representantes de turmas, juntamente com o supervisor pedagógico da instituição, conversou com os estudantes, fez vídeos explicativos e pôs-se a disposição para ajudar àqueles com dificuldades na compreensão deste momento e aceite das disciplinas - geralmente os discentes mais idosos na EJA tinham mais dificuldades de acesso ao ambiente virtual.

Logo a seguir, as salas virtuais do Serviço de Orientação Educacional foram abertas no Google Classroom: uma para o 1º ano EJA e outra para o 1º ano regular, seguindo o

mesmo modelo para o 2º e 3º anos seguintes.

A primeira ação da orientadora foi estabelecer parâmetros para seu trabalho, onde ela estipulou o número de postagens por semana, a tipologia, visto que não deveria competir com as atividades dos componentes curriculares, bem como pensar a forma mais eficiente de dar continuidade aos atendimentos individualizados pré-estabelecidos no início do ano letivo presencial. A maneira de atendimento individualizado eleita foi o uso do aplicativo WhatsApp, em que a orientadora disponibilizou seu número à comunidade escolar e autorizou sua disseminação a todos os discentes, docentes e demais profissionais da instituição.

Atendimento Individualizado na Orientação Educacional Mediante Ensino remoto

Sobre os atendimentos individualizados - para estudantes e/ou professores -, a orientadora já tinha em seu poder os contatos telefônicos dos estudantes que atenderia, bem como os contatos dos professores, pois o ano letivo de 2020 iniciou presencialmente no mês de fevereiro.

Caso haja necessidade de pegar o contato de novos estudantes, a Orientação Educacional entrará em contato com a secretaria escolar para solicitar. Entretanto, o atendimento individualizado aumentou sensivelmente, pois alguns aspectos do ensino remoto eram desconhecidos pelos estudantes e professores, gerando ansiedade, pensamentos de evasão escolar, e, conseqüentemente, automutilação. Assim, a profissional começou a fazer vídeo-dicas de estudo em período de ensino remoto para os estudantes em formato de bate papo, de maneira informal, no intuito de tranquilizá-los e auxiliá-los no que tange ao contínuo acesso e postagem de atividades. Para desenvolvimento dessa estratégia foi necessário a elaboração de um roteiro prévio, escolha de um ambiente tranquilo, acolhedor e que não houvesse muita informação visual, para não capturar a atenção dos discentes, desviando-os do objetivo principal.

Foram feitos três episódios neste formato, intitulado “Dicas para Estudar via Ensino Remoto” e todos foram disponibilizados nas salas virtuais do Serviço de Orientação Educacional bem como no grupo de WhatsApp de representantes e vices, para que fosse repassado nos grupos de WhatsApp das salas de aula. Para não se tornar cansativo aos estudantes, a orientadora alterou o formato para vídeos mediante animações digitais em

familiarizando com a nova forma de ensinar.

Esta demanda demonstrou o grau de empatia e confiança dos discentes com a profissional da Orientação Educacional naquela instituição, turno noturno, a ponto de tratar de assuntos pertinentes a outras esferas escolares com a mesma.

Outra demanda em que houve a necessária interferência da profissional foi conseguinte ao componente curricular “Matemática” para as turmas de 2º ano da EJA. Segundo os discentes, havia apenas uma atividade postada pelo professor regente, sobre uma única matéria. A demanda foi repassada ao supervisor, para verificação, e, após atestada a veracidade do fato, foi repassada ao grupo gestor da instituição, bem como à Coordenação Regional de Ensino responsável pela referida cidade, que tomou as providências cabíveis ao caso.

Pôde-se garantir a retomada das ações de formação para as turmas por outro professor, até que o caso fosse apurado e resolvido em caráter definitivo.

Obviamente a Orientação Educacional tratou o caso com cautela, inicialmente, protegendo a individualidade do profissional em questão, mediando o conflito instaurado e zelando pelo melhor tratamento da questão, pautando-se nas normas legais da educação pública.

Uma outra demanda do Serviço de Orientação Educacional na instituição, conseguinte aos discentes, foi a necessidade de apoiar alguns estudantes emocionalmente. O isolamento social, bem como o excesso de convívio intrafamiliar, os quais os discentes não estavam habituados, levou alguns estudantes a sentirem-se ansiosos, por vezes, apareceram sintomas de depressão e vontade de automutilarem-se, como solução para suas dores emocionais.

Para abordar acerca da automutilação é preciso conhecer, em linhas gerais, o seu conceito. Le Breton (2003), até meados dos anos 80, identifica a automutilação como algo marginalizado, essencialmente com ideação suicida, mas anos depois, Favazza (2011) trata o tema sob uma nova perspectiva, onde a ideia suicida já não aparece como característica obrigatória da automutilação, apenas tem a clara intenção de produzir danos corporais destrutivos com vistas a sanar uma dor emocional pungente num determinado momento da existência.

Mais especificamente, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais,

DSM5 descreve a automutilação como algo que “pode ocorrer durante experiências dissociativas e com frequência traz alívio por reafirmar a capacidade do indivíduo de sentir ou por expiar a sensação de ser uma má pessoa”. O praticante da automutilação busca alívio da dor emocional, de forma imediata para os quais não encontra outra via de expressão (Muehlenkamp & Brausch, 2012; Nock, 2010). O ato desperta a sensação de alívio instantâneo devido a liberação de endorfina, diminuindo a tensão anterior à prática (SOMER et al., 2015).

Para atender individualmente estes estudantes, foi necessário fazer uma escuta ativa e sensível, via WhatsApp, seguindo as normativas destacadas nas Orientações Pedagógicas da Orientação Educacional no Distrito Federal (2019, p. 41) que evidencia a necessidade de “acolher, ouvir, aproximar-se e desenvolver uma relação de confiança com o estudante” antes de partir para ações mais específicas e particulares a cada caso.

Uma vez que esta ação foi desenvolvida, havendo uma partilha sincera e fidedigna de suas angústias com a orientadora educacional, partilha de orientações gerais para enfrentamento, como identificar os objetos utilizados para automutilarem-se, os momentos mais tensos que provocam o desejo, identificar os exercícios físicos mais interessantes aos estudantes, preferencialmente exercícios de alta performance, entre outros aspectos, foi feita a conscientização com os estudantes quanto à necessário acompanhamento psiquiátrico, a contínua prática dos exercícios físicos e o atendimento psicológico. A orientadora encaminhou a instituições públicas que poderiam atender aos requisitos, bem como clínicas e espaços com parcelas módicas para que os estudantes pudessem desenvolver seu tratamento particular.

Mas a atuação do Serviço de Orientação Educacional não acaba no encaminhamento aos setores destacados. Na verdade, continua como elo de confiança do discente, continua a acompanhar, passo a passo, o tratamento dos estudantes, com encontros virtuais, via WhatsApp, para execução da escuta ativa sobre a questão, desvelando os aspectos que este problema afeta a relação de ensino e aprendizagem no período pandêmico.

A partir daí, verificando caso a caso, pode-se elaborar uma planilha de estudo sistemático com/para o estudante, verificando principalmente o horário mais adequado para sua execução, o ambiente, sempre adequando ao tratamento delineado pelos profissionais que o atendem.

Faz-se necessário também informar os professores - sem aprofundar nas questões

peçoais dos discentes - que determinados estudantes necessitam de um olhar diferenciado por parte dos docentes e da comunidade escolar, um atendimento mais personalizado e adequações curriculares que o propiciem, dentro de suas limitações e possibilidades atuais, lograr êxito em seu processo acadêmico e de apropriação de conhecimento.

Foi feito o informe no WhatsApp privativo dos professores dos estudantes, de acordo com o atendimento por turma, para preservar a identidade e as peculiaridades de cada discente atendido.

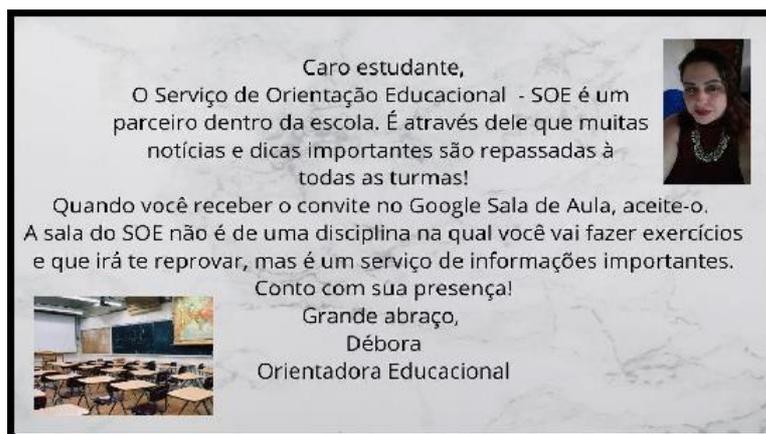
Não foram poucas as vezes que a servidora entrou em contato com professores de diversos componentes através do WhatsApp para demandar as respostas aos questionamentos dos estudantes feitos no ambiente virtual. O contrário também acontecia, pois, alguns estudantes não respondiam aos professores pelo Google Classroom, e a orientadora educacional também mediava esta comunicação.

Alguns problemas emocionais também foram trabalhados mediante WhatsApp com os estudantes. Conforme pesquisas reveladas nas mídias sociais, neste período pandêmico houve um aumento significativo da violência intrafamiliar, e esta violência se revelou no atendimento individualizado por parte de alguns estudantes, geralmente mulheres, entre 15 e 40 anos, que possuem cônjuges ou ainda estão sob a égide dos pais.

Através de mensagens de áudio ou escritas elas revelavam a dificuldade de relacionamento intrafamiliar, onde o autoritarismo e a hierarquia estabelecida subjugavam estas mulheres, gerando quadros de ansiedade, depressão ou automutilação.

Atendimento da Orientação Educacional nas salas virtuais do Google Classroom

Consequente aos trabalhos desenvolvidos nas salas virtuais do serviço de Orientação Educacional, foi necessário criar uma forma de acolhimento destes estudantes, tentando tranquilizá-los quanto ao momento vivido. A maneira escolhida foi um vídeo mediante animação feito pela mesma, conforme pode-se verificar na figura:



A orientadora educacional iniciou suas pesquisas quanto às diversas formas de atendimento no ambiente virtual de aprendizagem Google Classroom, bem como quais aplicativos poderiam ser utilizados, quais as ferramentas disponibilizadas no ambiente, como utilizá-las entre outros.

Um detalhe importante a ressaltar é que, a maioria do material disponibilizado nas salas virtuais do Serviço de Orientação Educacional eram feitos pela profissional, pois havia a necessidade de adequação linguística, a empatia e o reconhecimento na relação entre a Orientação Educacional e os estudantes.

Vale ressaltar que a orientadora educacional já possuía certo conhecimento quanto às ferramentas disponibilizadas no ambiente virtual Google Classroom, mediante um curso feito na Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais de Educação do Distrito Federal.

Em seguida, por ser uma comunidade de periferia, carente e vulnerável e, ciente da importância da instituição escolar como braço do estado na localidade, fazer chegar até a comunidade as informações acerca das medidas preventivas contra o Sars CoV 2 era necessário - principalmente aos estudantes que decidiram pelo material impresso, não ao uso do Google Classroom. Por tanto, alguns cartazes e/ou infográficos foram feitos, com uso do aplicativo CANVA - aplicativo de design educacional que possui uma série de templates disponíveis para as mais diversas áreas de atuação, bem como vasto banco de imagens sem direitos autorais gratuitamente.

Outros temas têm sido desenvolvidos durante o ano, com igual importância e seriedade. São temas transversais, destacados ou não no calendário escolar de 2021. Estes temas abordam questões sociais que atingem diretamente na vida cotidiana dos estudantes

desta localidade, a saber: Múltiplas Violências - contra a mulher, crianças e adolescentes, institucionais etc.; datas importantes, como Consciência negra e indígena, dia do orgulho autista, semana de educação para a vida e semana da EJA - trabalhamos profissionalidade e violências dentre outros que, de tão importantes, possivelmente serão tratados mais amiúde noutras edições.

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília, 2019.

FAVAZZA, Armando R.; ROSENTHAL, Richard J. (1990). **Varieties of pathological self-mutilation**. Disponível em <https://content.iospress.com/articles/behavioural-neurology/ben3-2-02> Acesso em 12/12/2020.

LONGO, M; PEREIRA, Z. C. O papel do orientador educacional na promoção do relacionamento interpessoal entre alunos e professores contribuindo no processo ensino aprendizagem. **Perspectiva**, Erechim. v.35, n.132, p.183-196, dezembro/2011.

MELO, Fabíola Cristina; OLIVEIRA, Maria Betânia Pereira de; VERÍSSIMO, Melina Teixeira da Costa. Quais são as vozes do currículo oculto? **Evidência**, Araxá, v. 12, n. 12, p. 195-203, 2016.

MUEHLENKAMP, J. J., & BRAUSCH, A. M. (2012). Bodyimage as a mediator of non-suicidal selfinjury in adolescents. **Journal of Adolescence**, 35(1), 1-9

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sob a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOMER, Oya; BILDIK, Tezan; KABUKÇU-BASAY, Bürge; GÜNGÖR, Duygu; BASAY, Ömer; FARMER, Richard. (2015). Prevalence of non-suicidal self-injury and distinct groups of self-injurers in a community sample of adolescents. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*. 50 (7), 1163-1171. DOI: 10.1007/s00127-015-1060-z

CAPÍTULO 6

SOB A ÓTICA DO LADO AVESSE NA EDUCAÇÃO, NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

Edvaldo Medeiros de Souza

Ao longo das experiências e expectativas da vida; para profissionais da educação, tais como docentes e Pedagogo-Orientador, especialmente no decorrer de um processo educacional histórico, no contexto de crise pandêmica-Covid-19; é de aprendizados e compartilhamentos, na esfera de contribuição educativa-formativa para todos que lidam com a ‘Educomunicação’² formadora. Ou seja, como intensificar valores humanos e ações transformadoras sociais, por meio da educação, se vivemos, no contexto da pandemia, um momento intenso de uma comunicação mediada, por meios tecnológicos e rede da internet? Parece contraditório. Então qual seria o comportamento de um educador docente ou Pedagogo-Orientador Educacional?

Bem, a investigação e a superação são próprias de quem escolhe a educação como ciência e profissão. Mas, como investigar e ter como resultado ações educadoras para enfrentar a realidade presente, se nem todos têm os mesmos recursos e nem alcançam os produtos e recursos didáticos oferecidos e exigidos, nessa época, de intensificação da pobreza, do medo e da luta pela sobrevivência? Pois, sendo assim, aquilo que deveria ser prioritário na vida de qualquer um, que é a educação, passa a ser algo bem secundário.

Já vivemos outras pandemias no mundo. Pois, essa enfermidade que se espalha, ocorreu, literalmente, em outros momentos históricos, como também, ocorreu, metaforicamente, como fatos históricos marcadas por tragédias e desesperança. Esse momento, então, se compara, ao que se fez e ao que se faz duramente o passar dos anos de reflexão, dos que tentam ter posturas pedagógicas, que trazem pertencimentos coletivos, a

² **Educomunicação** é um campo teórico-prático que propõe uma intervenção a partir de algumas linhas básicas como: educação para a mídia; uso das mídias na educação; produção de conteúdos educativos; gestão democrática das mídias; e prática epistemológica e experimental do **conceito**.

todos que se dedicam na esperança de dias melhores para a Educação, como mudança à um perfil encontrado como desigual, pesaroso e desestimulante presente em nossa sociedade, atualmente e, em outros momentos, tendo como prisma a nossa Educação institucionalizada.

Portanto, como dizia Descartes: “O meu intento não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha” consciência.

Superação significa evolução diante das circunstâncias imposta pelo contexto.

O medo do que está acontecendo e de mudar envolve a sociedade e todos os indivíduos a tal ponto que, os tornam incapacitados para às mudanças pertinentes e necessárias. Por um lado, vivemos num mundo de contemporaneidades, onde tudo é extraordinariamente “belo” ou ultrapassável em nossas vidas. E, por um outro lado, crises nos fazem evoluir e ir adiante. Porém, precisamos, sim, vivenciarmos, com uma postura de aprendiz um mundo de crises, pois somente assim cresceremos, racionalizaremos, como gente em construção e cresceremos como indivíduos para uma sociedade em extremos de desequilíbrios e equilíbrios constantes. Por outro lado, havemos de nos questionar sobre para onde estamos crescendo; pois estamos, atualmente, vivendo num ‘estado pandêmico’, também, de medo, desconfianças e quebra de relações interpessoais e intrapessoais que antes eram saudáveis, e agora, na crise pandêmica da Covid-19, nos tornamos seres autômatos virtuais.

Não há dúvidas que o conhecimento deve ser compartilhado. Independe da forma com que me comunico com o outro; do seu contexto sociocultural, sem com que venha limitar a apropriação de linguagens cotidianas e de seus padrões de comunicação dialética. Pois, uma das tarefas da educação e educadores, é iluminar também a possibilidade de cada (agente da comunicação) ir em frente nas suas necessidades, procedimentos e escolhas, na e para sua experiência cognitiva e humana.

O mundo atual em que todos vivemos

O mundo em que vivemos é imagético, logo o mundo de todos nós apresenta-se de forma mental, ‘cognitivante’ e ao mesmo tempo cogni e ciente (de cognição consciente). Essa realidade com tantas possibilidades de estar na vida do outro, mesmo sem poder, muitas

vezes, vê-lo ou estar perto, presencialmente, apresenta-se, há muito tempo, independentemente de pandemia, como ‘verdades’ intensas e absolutas na sua natureza de aplicação: se sobrepõem sobre outras formas de influências, têm uma proposta política voltada à idealização de um mundo controlado pelas ideologias militantes e massificantes. Estrutura e desestrutura nossos pensamentos, maneiras de pensar e agir, levando-nos à uma espécie de ‘joguete’ do inconsciente apelativo (acrítico) e desconstrutivo ilimitado.

Evidentemente, que para os que refletem sobre o que acontece, esse cenário, ao mesmo tempo provoca em todos os atentos, críticos, conscientes do ‘não se entregar’, a percepção das coisas e de suas finalidades culturais transformadoras. Ou seja, de que é preciso existir para identificar, assumir e somente assim poderemos definir se aceitamos ou não sua oferta de transformação.

O fato é que tudo isso, implicará em novas e renovadas atitudes na Educação e formação de nossos jovens estudantes, e, de nossos formadores Pedagogos-Orientadores Educacionais, docentes e todos os demais profissionais da educação. Pois, é na busca de novas estimulantes aplicações construtivas e de senso crítico reparador e revolucionário é que estaremos contribuindo com cada parte de uma realidade histórica. Afinal, a verdadeira revolução educacional sempre se fez e sempre se fará, na sociedade com atitudes de enfrentamentos e de aplicação de mudanças estruturais sociais e cognitivas. A humanidade e toda natureza sempre serão frutos de suas escolhas, geneticamente e socialmente decodificado, pelos resultados de sua atuação no mundo. Afinal, como disse Paulo Freire (2011, p.31): “atuando, transforma; transformando, cria essa realidade que, por sua vez, ‘envolvendo-o’ condiciona sua forma de atuar”.

Estamos em que época mesmo?

A época em que vivemos encontra-se, ainda, em processo de ‘transição’ do moderno para a pós-modernidade, mostrando-se signos paradigmáticos e pragmáticos. Baseando-se, ainda, na visão de ‘suspeição’ e recuperação reflexiva de todos os envolvidos na sua própria evolução de pensamento filosófico próprio. Estamos egoístas. Portanto, não podemos perpassar as partes sem antes forjarmos o todo.

Nesse afã, é preciso compreender Educação como prática social, dialogando com o mundo em superações, erros e lutas para serem compreendidas e superadas: isso se dá o nome de Evolução. Como diz Bachelard (1972), a teoria do objetivo deve ser construída

contra o objeto, assim também, só aplicando a Ciência contra a Ciência, é possível levá-la a dizer não só o que sabe de si, mas tudo aquilo que tem de ignorar a seu respeito para poder saber da sociedade o que esperamos que ela saiba.

Adentrando, assim, (de forma profética), um pouco mais, nas futuras expectativas das redes de comunicação, a partir do contexto atual de pandemia, pode-se perceber a abrangência e a discordância das redes de comunicação, que alimentam a expectativa diária de mudanças e transformações de modo a atingir a todos individualmente. Esse modo de se comunicar, contribuirá ou não de fato, no aprofundamento cognitivo e comunicativo das pessoas e nas suas relações sociais coletivas, transformando-as pelo fator prático dando sentido à vida de cada um?

É temeroso tudo: segundo Foucault, os discursos que “se dizem” na sequência dos dias e das trocas e que passam com o ato em que são pronunciados; e os discursos que estão na origem de um certo número de atos novos de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, em suma, discursos que indefinidamente, e para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e ainda ficam para dizer” (1971, p. 24).

Mediante a essa afirmação, pode-se refletir que, se faz necessário atualmente promovermos equilíbrios nos processos de criatividade e adaptações cognitivas para termos a práxis entendida e absorvida dentro do contexto situacional em cada indivíduo social. Para que tenhamos a Ciência como apoio compreendida e refletida nas suas consequências primordiais, mediando o homem nas suas angústias em busca do que se pode realizar com profundidade de fundamentos, contextualizando à técnica, ao equilíbrio em busca de tais liberdades de expressão, mas não de ser vigiadas.

Como orientar para formação de valores e propósitos investigativos, diante de tantas ofertas superficiais e sem profundidades?

Para evidenciar a curiosidade, o desafio e a investigação, como pontos de partida para busca do conhecimento, diante de fenômenos complexos do mundo e da vida, serão necessárias muitas mudanças didáticas, mudanças de postura de educadores e de posicionamentos motivadores de educandos. E essas posturas e posicionamentos serão necessários em todos os conteúdos, não apenas no campo das Ciências como proposto no texto O Ensino por Investigação Pressupostos e Práticas, da escritora Lúcia Helena. Isto porque mudando-se a forma de ensinar e de aprender o caminho percorrido ajudará a

apropriação de quaisquer conhecimentos. No texto, de autoria de Lúcia Helena, citado acima, traz consigo o elencamento de ideias que podem contribuir, de fato, com o ensino por investigação.

Para a autora, algumas propostas didáticas pouco permitem a reflexão e sobre os resultados obtidos. Ou seja, poucas questões trabalhadas em sala virtuais ou não, não passam de exercícios e não problemas. Pois como reflete a autora, um problema suscita como chegar a uma solução e os processos pelos quais se passa para resolver a questão é o que desenvolve habilidades. De acordo com Anna Maria Pessoa Carvalho (2011), quatro principais etapas fundamentam a apresentação de propostas investigativas, ou seja, atividades que podemos identificar como propostas problemáticas didáticas: 1.º-O problema para a construção do conhecimento; 2.º-A passagem da ação manipulativa; 3.º-A tomada da consciência e a 4.ª-A construção de investigações.

Desse modo se pode inferir que para promover um processo investigativo para o educando se faz necessário elaborar problemas e processos que explorem o raciocínio científico, filosófico (os porquês), lógico e criativo, como sugere também Lúcia Helena Sasseron.

Como exemplo, do que está sendo refletido acima, no filme “O menino que descobriu o vento”, drama de Chiwetel Ejiofor, conta a história de William, um menino muito pobre e morador de um vilarejo, com a impossibilidade de os moradores trabalharem na colheita no período de chuva e, logo em seguida, o período de seca. William tem ideias de como usar o conhecimento adquirido e associação com a vida prática traz com muita criatividade e racionalidade a resolução dos problemas.

Vale a pena ressaltar que William viu pessoas morrerem de fome, não viu ajuda do governo e tinha uma família que fez de tudo para colocá-lo numa escola, que logo o dispensou por falta de pagamento e que inicialmente os pais não investiram em suas ideias por medo e descrença. É neste cenário que surge William, um investigador autônomo, que tem na escola uma bibliotecária que lhe permite pesquisar as escondidas. Suas pesquisas são autônomas, sem direção ou orientação de alguém sobre engenharia e energia eólica.

A história de William, que é baseada em fatos reais, é de uma criança que tem curiosidades, empatia com as dores da comunidade e de uma família, morador de um lugarejo desprovido de gestão e sem quaisquer ajuda governamental. Do que se pode inferir que autonomia, conhecimento oculto e contexto, foram os motivadores de sua criação: um

sistema de moinho de bombeamento de água que transforma sua realidade e de sua comunidade. E, não o acesso à internet ou poder aquisitivo favorável a todos os benefícios trazidos pelo mundo moderno e imposições, tais como as que estamos vivendo no mundo atual e, por consequência, na escola e na educação.

Relacionando o texto “O menino que descobriu o vento”, sob Direção de Chiwetel Ejiofor e o texto O Ensino por Investigação-Pressupostos e Práticas de Lúcia Helena Sasseron, pode-se afirmar que a escola deveria, antes e deverá, pós pandemia, caminhar muito ainda, para se tornar um espaço de investigação, de forma plena. Isto porque assim como ‘visualizamos’ no filme, a escola que está se apresenta, ainda hoje, longe ainda de criar, acolher os marginalizados, os “sem celular e sem Internet, de valorizar Currículo Oculto, de desenvolver autonomia, de valorizar o autodidata, de se ter empatia pelas necessidades ambientais e contextuais e de oferecer produção de conhecimentos uteis a todo o contexto escolar e ambiental.

Docentes e Pedagogos-Orientadores Educacionais: como superar, evoluir e transformar?

Para que a realidade escolar evidencie, o desafio e a investigação como pontos de partida, para a busca do conhecimento de fenômenos complexos do mundo e da vida, serão necessários, como diz Lucia Helena Sasseron, encontrar respaldo na própria epistemologia do ensino [...], no caso das Educação como ciência, filosófica e transfiguradora. Ou seja, que ela tenha como propósito analisar sempre se promove que o ser possa: desenvolver o raciocínio lógico, objetivo, criativo, subjetivo, imaginário; interagir construção conjunta do conhecimento, oferecer informações, respeitar posicionamentos, interpretar e "ler o mundo", fomentar nele próprio e nos outros a investigação, etc. Nesse caso, o docente ou Pedagogo-Orientador Educacional e demais especialistas em educação, devem reaprender a ensinar, a fazer perguntas, a ouvir e a construir com seus estudantes cenários contextuais, na busca de soluções. Deverá, mesmo em contatos on-line ou presenciais, psicossociais ou pedagógicos, proporcionar, ao estudante, o papel de ator central (protagonista), em que permita em seu planejamento e organização diária, tantas criações de possibilidades que surgem quando se é atento(a) às mudanças de mundo e de circunstâncias que a Escola como espaço social está passando, passou e sempre passará.

Considerando o acesso ou a falta de acesso às novas tecnologias e rede de internet

Para refletirmos sobre o uso de mídias e tecnologias digitais como recursos pedagógicos, num contexto de aprendizagem ubíqua³ e em crise, como podemos considerar o tempo de aulas remotas em que estamos vivendo, será necessário repensar sobre os vários conceitos e sentidos implícitos nessa atuação, pois podemos nos esquecer que somos, acima de tudo, protagonistas da humanização e não apenas outro meio e recurso de comunicação.

Sendo assim, os primeiros conceitos e/ou sentidos a serem entendidos estão ligados a que tipos de pessoas deverão estar dispostas e têm acesso para cada tipo de recursos usados para a aprendizagem. Pois, nem tudo que existe atualmente, é de acessibilidade de todos, especialmente no setor de educação público.

É preciso, portanto que como educadores e leitores em processo de aprendizagem e evolução, saibamos ter um olhar que se preocupe, com o coletivo e com as necessidades individuais de cada estudante, também leitor. Santaella classifica quatro tipos de leitores, que aqui entenderemos como aprendizes, pois mesmo que não sejam leitores de códigos, estão no mundo e são convidados a lê-lo e a vivenciá-lo.

Segundo a autora, existe o leitor contemplativo, que é o meditativo da idade pré-industrial. O segundo é o movente, entendido como filho da Revolução Industrial, do aparecimento das grandes metrópoles e na multidão (conforme se referência Edgar Allan Poe) no seu conto com esse título: "O homem na multidão". O terceiro leitor ou aprendiz (como os tratamos aqui), é o imersivo, cuja habilidades estão relacionadas a leitores de textos impressos e a muitos volumes, diferenciando-se do leitor de imagens e navegador de telas e programas de leituras. Esse leitor, segundo a autora conecta-se entre pessoas e outros nexos; segue roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos. (SANTAELLA, 2004, p. 29)

Podemos chamá-lo, o assim, o último leitor citado como de pós-moderno. Com o desenvolvimento e evolução do mundo, da cultura, das invenções, e a repercussão das novas tecnologias, de acordo com Santaella e outros teóricos, surge um quarto tipo de leitor, o ubíquo.

Para entender esse novo leitor é interessante que se conceitue ubiquidade e como

³ **Aprendizagem ubíqua** é colaborativa, em que o professor está presente, mas não é ele que passa as informações, ele apenas apoia e ajuda. No caso da educação **ubíqua** o ponto mais importante é o acesso as redes, na ubiquidade a comunicação pode ser feita em qualquer tempo e hora, por meio de dispositivos móveis.

essa definição está sendo aqui usada, como característica de um tipo de leitor e um tipo de aprendizagem. De acordo com o Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa (2009, p.746), a ubiquidade é propriedade ou estado de ubíquo, que por sua vez, significa o que está o mesmo tempo em toda parte, onipresente. Ou seja, falar em leitor, aprendiz, ou aprendizagem ubíqua, significa estar pensando em novas formas de estar inserido e/ou participante das leituras e aprendizagens apresentadas na atualidade.

Nesse sentido, é interessante esclarecer que leitor e aprendiz foi entendido nessa reflexão como as mesmas pessoas no texto Desafios da Ubiquidade para Educação de Santaella. Visto que, aprendiz ou leitor não são só aqueles que participam de decodificações ou da educação formal. Mas sim, todo aquele que está vivenciando as experiências produzidas pela evolução e desenvolvimento do mundo, das culturas, das tecnologias, e do avanço e adaptação da humanidade frente às várias mudanças temporais e atemporais que estão presentes em todos os lugares.

Dessa forma, pode-se inferir que, as possibilidades de uso de mídias e tecnologias digitais como recursos pedagógicos num contexto de aprendizagem ubíqua, são possibilidades a serem alcançadas permanentemente, visto que as mídias e tecnologias, por si só são ubíquas. Ou seja, estão presentes em todos os lugares e fazem com que o aprendiz esteja conectado com outros, mesmo ausentes, tornando esses outros ou outras coisas, tais como (geografia, circunstâncias etc.) presentes, onde quer que se esteja.

Quando falei em possibilidades de usos de mídias e tecnologias digitais como recursos pedagógicos num contexto de aprendizagem ubíqua, quero afirmar que, na atualidade o contexto é ubíquo, as mídias e as tecnologias, também o são. Porém, para que ocorra realmente a aprendizagem ubíqua será necessário que exista equidade social. Ou seja, que todos, sem exclusão, tenham direito e acesso a mecanismos e aos recursos que proporcionam essa ubiquidade. Isto porque, mesmo com todo avanço das mídias e das novas tecnologias digitais, sabe-se que muitos ainda não têm acesso, nem acessibilidade, aos instrumentos necessários para sua inserção nesse contexto, ainda mais num momento, tal qual a da pandemia de Covid-19.

Analogia entre momentos atuais da educação e o Mito da Caverna

O Mito da Caverna, de Platão, como alegoria é perfeito. O filósofo propôs, através de uma metáfora, que é pelo conhecimento que se capta a existência de um mundo sensível

(pelos sentidos) e do mundo inteligível-através da razão. Nós, seres humanos (entes) continuamos ainda hoje adentrando no mundo e estabelecendo novos patamares de visões distorcidas da realidade. Continuamos usando na maioria das vezes as imagens criadas pelos vínculos culturais, pelas nossas variabilidades, preconceitos, nosso comportamento preconceituoso e informacional. Somente é possível se libertar dessas influências socioculturais deficitárias se sairmos de tais “caixinhas” de opiniões alheias ao princípio básico da racionalização e da subjetividade das coisas ao nosso redor.

Estamos realmente “cegos”, segundo José Saramago (2000), nos seus escritos e entrevistas sobre o tema “O Mito da Caverna nos dias de hoje”, com seu genial senso de humor e de alerta, deixa-nos com ‘a pulga atrás da orelha’, já ‘perto da entrada do ouvido’, quando afirma que, estamos de fato cegos por não observarmos racionalmente, sensivelmente e subliminarmente às coisas ao nosso redor, que nos afetam. Estamos sendo “emprenhados” pelos ouvidos.

O mundo mediático em que vivemos nos faz retornarmos à época das cavernas de forma gradativa, inflexivelmente, e isso constantemente. As “sombrias” não nos remetem a realidade do dia a dia. Temos muita informação e pouca reflexão, logo não temos nada mais. O essencial foge aos nossos olhares mais apuradores. Isso nos deixa à mercê de desequilíbrios socioemocionais, na perdição de nós mesmos como entes de essencial percepção apurada por origem, na relação com e do mundo-visão de mundo, de vida que, também, devido a Covid-19 nos embruteceu.

Já criamos crises existenciais pelo simples fato de que hoje não sabemos para o que servimos, o que somos, e qual seria a existência duradoura de nossas vidas. O resultado é que ao não nos encontrarmos, ainda vivemos num “mundo da lua”, egocêntrico, não retendo, não priorizando nossas necessidades de mudanças. Vivemos num mundo de ignorância e ignorantes? Sim, somos apenas isso, se não ficarmos atentos! E o pior é que poucos estão atentos a isso: nascemos para questionar, refletir e proporcionar meios para superar as anomalias de um processo inevitável de superação em busca da evolução.

A linguagem audiovisual, segundo ainda Saramago (2000), tem infiltrado em nossa cognição, nos prendendo num mundo típico de caverna, de caixinha fracionada à pensamentos libertários. Portanto, debater, refletir, ouvir e racionalizar ideias e pensamentos próprios e diferentes das dos outros entes, ampliará a nossa forma de evoluir cognitivamente.

O verdadeiro conhecimento parte de nós interiormente, segundo Platão. E se, não

temos consciência de nossa própria ignorância abrimos continuidades de nossa vivência ou experiência; estaremos enfadados ao fracasso, acomodados para a extinção de nossa espécie.

Considerações finais

Nos simples dizeres desse texto e por meio das reflexões realizadas, propõe-se atentar-se, enquanto educadores, (sejam docentes, Pedagogos-Orientadores, pais, mães, responsáveis, dentre outros educadores), pelos cuidados de percorrermos por manifestações inovadoras de comunicação sem a devida reflexão, racionalização, ainda mais ativa em momentos contextualizados pela Covid-19. Viver no mundo atualmente de forma individualista das “sombras” dos dias atuais mediáticos, acionados por megapixels, alojados por individualizações de pensamentos controlados e influenciados por máquinas e sistemas de controle criados para nos manipular, e assim nos isolar, em cavernas virtuais.

Os mediáticos foram criados, surgindo sorrateiramente, impostos em nossas mentes de forma sutil e “necessária” para eles, influenciadores, autorizados por nós mesmos. Agora me parece que nos controla, deixando rastros perceptíveis aos mais críticos, mas não mantêm as culpabilidades de tudo que fazem de nós, por nós.

Levando-nos à uniformidade de pensamentos estranhos em contracepção de próprios pensamentos individualizados, de tal forma que nos desligue de modo a ensinar o cognoscente (o que aprende) a pensar, perfazendo-o somente à mobilidade informacional.

Segundo Santaella (2010) a atenção do leitor ubíquo é irremediavelmente uma atenção parcial contínua: responde ao mesmo tempo a distintos focos sem se demorar reflexivamente em nenhum deles. Então, pergunta-se a que ponto a falta de retenção cognitiva sobre o informado tema/assunto será essencial para a sua formação cognitiva? Afinal, esses dispositivos com sistemas que permitem a comunicação multimodal, “multimidiática” e portátil, podem gerar forma acrítica leitores sem a devida reflexividade.

O que emerge, portanto, é um novo processo de aprendizagem que se não tomarmos cuidado, prescinde e dispensa quaisquer outros processos de educação humanizadora, transmigrando o que é de maior valia na relação entre os seres: relação de co-dependência com máquinas e recursos tecnológicos e, muitas vezes, esquecendo da co-dependência com todas as naturezas.

Sabe-se que paira no ar de nossa Educação uma nuvem de insatisfação sobre os

resultados obtidos anualmente sobre o trabalho cotidiano em sala de aula e escolas, mesmo em tempos de pandemias. O arsenal de dispositivos teórico-virtuais e informacionais, as diversas filosofias educacionais só nos deixam perplexos e temerosos quanto o verdadeiro papel da educação na transformação de pessoas e de nosso mundo.

Pode-se concluir, que a proposta da reflexão sobre o tema em foco, foi propor a mim mesmo e a você, leitor(a), educador(a), um papel de gestor(a) de mudanças genuína, mas complexas, na busca incessante para que venhamos juntos contribuir na elucidação de motivos que, de alguma forma, possam alcançar avanços do nosso trabalho educacional cotidiano. Que possamos melhorar a nossa prática de forma da busca de uma educação de transformação interior do indivíduo em diálogo consigo mesmo.

É preciso estar atento, também, pois por detrás de tecnologias atuais e de seus recursos pedagógicos proporcionados à Educação de todos, existem, também, pessoas e sistemas que deveriam ser responsabilizados ao serem adotados ideologicamente; implicando sempre na instrumentalização de ideias ou ideais que não proporcionará, nem sempre ao ser, ente, dito humano, o desenvolvimento de sua capacidade de mobilização dialética ou retórica, ou ainda, na sua práxis. Será necessário um esforço imenso para que possamos superar a dualidade entre viver sob mentiras e viver sob verdades, em momentos convenientes, assim dizem os militantes mediáticos.

Vale ainda lembrar que, segundo Freire (2011), conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção, em estado de solicitude (em seus aspectos positivos).

Referências bibliográficas

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. 19.^a ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas SEI. In: LONGHINI, Marcos Daniel. (Org.) **O uno e o diverso na educação**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011. p.253-266.

- COELHO, Cláudio S. A caverna de Platão. Um diálogo entre filosofia e literatura. In: **Revista Conhecimento Prático**, Literatura – n.º 52. Editora Escala.
- FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du Discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira, 15. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MASSAGLI, Sérgio Robert.o Homem da multidão e o flâneur no conto 'O homem da multidão' de Edgar Allan Poe. UNESP. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf. Acesso em 10.05.2021.
- PLATÃO. **A república**. Livro VII, Brasília, UnB, 1996.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **O Mito da Caverna nos dias de hoje**. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2017/saramago-mito-da-caverna-platao/> Acesso em: 10.05.2021.
- SASSERON, Lúcia Helena. **O ensino por investigação**: pressupostos e práticas. fundamentos teórico e metodológico para o ensino de ciências: a sala de aula, n.º 12.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 13-14, 42.
- O menino que descobriu o vento**. Título original: The Boy Who Harnessed the Wind. Longa metragem (113 min.). Direção de Chiwetel Ejiofor, 2019. Netflix.

CAPÍTULO 7

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DE PANDEMIA: MAIS QUE EMPATIA, COMPAIXÃO!

Fernanda Cavalcante Magalhães Gomes

Keila Andrich da Rosa

Nenhum estudante para trás

E de repente o mundo parou!

De um dia para o outro, sem que ninguém nos avisasse previamente, fomos obrigados a nos recolher sem saber quando ao certo poderíamos voltar.

Não sabíamos quais atitudes poderíamos ter para amenizar a sensação de impotência com a qual passamos a conviver, quando nos foi dito nas entrelinhas, porém, bem explícito, que a liberdade não estava em nossas mãos, quando foi ecoado que se isolar era de fato um ato de amor: amor a si mesmo e, principalmente, amor ao próximo.

Já não competia a nós proferir opinião alguma, apenas acatar o que nos era pedido.

Em meio a isso tudo, vivenciamos várias emoções e que por vezes não conhecíamos. Nesse turbilhão emocional, só existia um pensamento que por tamanha angústia não era um pensamento solitário: pensamos no coletivo, porém em silêncio: "Quando será que isso acaba?", "Quando poderei ver meus entes e amigos com a tranquilidade de outrora?", "Quando poderemos voltar a vida como ela era?"

E esses são alguns dos questionamentos que nosso coração nos trazia.

A vida tomou outro rumo, ganhou outro prumo e ainda sem acreditar em tudo, a passos lentos fomos direcionando a mudança que não escolhemos.

Dentro desse movimento, nós educadores nos reinventamos, ou melhor, ressignificamos o nosso pensar e fazer pedagógico. Trouxemos outra perspectiva para dentro de nossas escolas, que neste momento não tem mais forma física.

Demos espaço a criatividade e a tecnologia foi nossa aliada na tentativa de não deixar

nenhum estudante para trás.

E nós, Orientadores(as) Educacionais, profissionais preocupados em olhar para os estudantes em sua totalidade e inteireza, não poderíamos exercer nossa função sem fazer parte dessa grande mudança.

O Orientador Educacional pré-pandemia

Precisamos lembrar quem éramos para entender quem nos tornamos e, assim, transformar quem seremos.

Pensando no Orientador Educacional, o profissional que mesmo antes do Distanciamento Social já tinha como foco a formação integral do estudante percebe-se que de certa forma hoje é um profissional com mais visibilidade. E arriscamos dizer que os demais profissionais hoje entendem o olhar sensível que o Orientador Educacional sempre teve.

Ressalta-se que na a rede pública de ensino, o Orientador Educacional tem uma gama de atribuições e na pandemia recebeu outras que em alguns momentos o levou ao esgotamento.

Mas, apesar do trabalho solitário, o Orientador ainda é o profissional que em parceria com as demais instâncias da escola, levanta a bandeira do trabalho coletivo para garantir os direitos e assegurar a qualidade de ensino ofertada aos estudantes.

De forma geral, podemos dizer que o Orientador Educacional atua além do que se relaciona aos processos de ensino aprendizagem.

A Orientação Educacional atualmente contribui para o processo educativo a partir de uma prática articulada com toda a comunidade escolar, repensando coletivamente o fazer pedagógico, participando na análise da realidade, apoiando diálogos problematizadores, promovendo a tomada de decisão individual e coletiva e executando ações com foco em objetivos compartilhados no Projeto Pedagógico da instituição escolar, a fim de tecer uma rede social e interinstitucional que colabore com o desenvolvimento integral do estudante (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 15).

Dentro de suas atribuições, encontramos um profissional engajado no acompanhamento dos estudantes no que se diz respeito à organização pessoal, suporte emocional, autoconhecimento, garantia de direitos, entre outros. Portanto, reafirmamos que

o Orientador Educacional é um profissional de olhar e escuta sensível que percebe e pressente o estudante como ser em sua totalidade.

Essa totalidade é buscada tanto no que se refere aos conteúdos do currículo oficial quanto aos conteúdos que não constam nos documentos oficiais, o chamado currículo oculto. Este, refere-se à conhecimentos necessários para formação do sujeito protagonista para atuar em nossa sociedade, com o qual sonhamos.

Orientação Educacional é sinônimo de acolhida, escuta e empatia. E para isso, o Orientador tem que demonstrar domínio de conhecimento, ser articulador de ações que o ajudem a realizar a leitura do ser humano sempre com responsabilidade, ética e sigilo.

O diálogo é nossa maior ferramenta para orientar a comunidade escolar e, principalmente, mediar conflitos existentes no chão da escola. A sensibilidade faz parte da nossa essência enquanto Orientadores Educacionais e, por isso, aquilo que não se fala deve estar no seu radar.

Nessa abordagem, além de colaborar na ressignificação do papel da escola, na criação de espaços para reflexão e criticidade, temos o desafio de trabalhar as frustrações individuais e coletivas, procurando destacar as potencialidades de cada indivíduo que encontramos pelo caminho que percorremos e, nunca esquecendo, nosso carro-chefe que é a acolhida, levar a fala de que: “Tudo bem! Não precisamos dar conta de tudo!”.

Mas, nem sempre lembramos que essa frase também nos serve.

As novas descobertas na pandemia

Apesar das legislações educacionais sinalizarem estratégias não presenciais para atendimento de estudantes, a educação como um todo nunca havia pensado que elas seriam aplicadas nas proporções em que estamos vendo desde 2020 quando se iniciou a pandemia da Covid-19.

E como fica o trabalho do Orientador Educacional na pandemia?

Com a chegada da modalidade não presencial, ou ensino remoto emergencial como todos tem chamado, nos deparamos com algumas inquietações: Como fazer essa leitura tão complexa dos sujeitos? Como nos fazer presentes entre a comunidade escolar e observar as necessidades em tempo real?

Nos sentimos deslocados e tivemos que iniciar um processo de nos reencontrar nesse turbilhão de mudanças, para então, poder voltar ao nosso movimento de acolhida, escuta e empatia.

Mas ainda faltava alguma coisa no nosso check list, afinal de contas, a pandemia nos pedia algo mais. E foi nesse momento que as atribuições do Orientador Educacional, que já existiam, ganharam mais peso e visibilidade.

Depois de anos de trabalho, tivemos o desafio de novamente implantar e implementar a Orientação Educacional, só que dessa vez em ambientes virtuais. O que já havíamos conquistado no presencial, naquele início parecia inviável, porém era inevitável que a nos reinventássemos profissionalmente, adequando nosso trabalho a novas ferramentas e novos desafios. Muitos de nós descobrimos talentos que nem sabíamos que tínhamos e, por meio de vídeos, lives, canais, aplicativos de mensagens e redes sociais, travamos coletivamente a batalha de chegar conhecimento a todos estudantes sem exceção.

Seguimos, mesmo distantes fisicamente, buscando estratégias para conhecer o comportamento dos estudantes que acompanhávamos, convencer aos estudantes e famílias que a escola, mesmo que virtual, é o lugar mais seguro e confiável.

Avançamos, pensando coletivamente nas melhorias do processo de ensino aprendizagem, contribuindo para o aperfeiçoamento do currículo e das práticas pedagógicas.

Prosseguimos, de forma remota, às resoluções de conflitos, na formação do sujeito protagonista e, sendo responsáveis mais que nunca, pelo acolhimento da comunidade escolar, o que nesse momento não se mostrava uma tarefa fácil, visto que muitos vivenciaram perdas significativas de entes queridos pela Covid-19.

A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros (FIOCRUZ, s/d).

Nesse contexto de pandemia, considerar as emoções e sentimentos torna-se ainda mais fundamental para a educação e, principalmente, para o profissional Orientador Educacional.

Falar sobre saúde mental e emocional, bem-estar e a necessidade de momentos de

pausa, utilizando-se das tecnologias para produzir materiais informativos para o ensino remoto, tornou-se corriqueiro e não menos importante, muito pelo contrário, lembrou a muitos que é preciso se atentar à saúde.

Momentos de ansiedade e insegurança nas ações propostas, foram nossas companhias durante grande parte dessa caminhada ao novo normal. Saber quando de fato voltaríamos ao presencial, passou a ser uma pergunta frequente em nossas inúmeras reuniões, que por vezes eram longas.

Mesmo com este cenário, é essencial vislumbrar ações que possam ser realizadas tanto de maneira remota quanto presencial, já que a comunidade escolar tinha grande necessidade do atendimento da Orientação Educacional.

Resgate da compaixão

Diante das novas vivências, da ressignificação das atribuições do Orientador Educacional e do olhar ainda mais sensível, que agora deveria ser de todos e não somente da educação, nasceu um movimento de solidariedade dentro de nossas escolas.

O Orientador Educacional a cada passo que realiza sua acolhida seja de estudantes, família, professores ou de qualquer um que seja pertencente a comunidade escolar, fazia com que a corrente de empatia crescesse, o que exigia, na pandemia, que sua escuta fosse ainda mais sensível e ativa.

Acolher a história e as vivências, nesse instante, tornou-se primordial, indo além de tão somente entender os processos de aprendizagem nos quais os estudantes se inserem e propor estratégias de intervenções para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, mas também, significou oferecer soluções e caminhos para auxiliar no sustento de uma família.

Nesse contexto, fomos além da empatia, resgatamos nossa compassividade: tivemos compaixão!

Segundo Rosenberg (2006), o ser humano é naturalmente compassivo: “Acredito que é de nossa natureza gostar de dar e receber de forma compassiva”. Quando falamos em compassividade nos referimos a nossa capacidade de sentir compaixão, que é um sentimento que nos desperta a vontade de ajudar e confortar.

Nos compadecemos com as dificuldades enfrentadas pelo nosso público, que nesse momento de pandemia, enxergamos muito além da face de estudantes, famílias e

companheiros de trabalho, mas como seres humanos.

Trazendo o antônimo de compaixão, que é indiferença, podemos dizer que compaixão, compassividade e empatia, estão intimamente ligados e foram esses sentimentos que nos moveram, já que a indiferença não esteve presente nas ações e planejamentos propostos nesse contexto pandêmico.

De acordo com Ferreira (2011):

[...] a empatia é a capacidade de se colocar e simular a perspectiva subjetiva do outro para compreender seus sentimentos e emoções. É uma resposta afetiva deflagrada pelo estado emocional do outro e uma compreensão dos estados mentais da outra pessoa (FERREIRA, 2011, p.1)

Pensando no contexto pandêmico, apenas a empatia não supria as necessidades do nosso trabalho, pois estávamos envoltos de fatores que alteraram consideravelmente nosso cotidiano, porém, para alguns, de forma bem mais acentuada.

Quando retomamos a reflexão acerca da nossa natureza compassiva, na qual somos naturalmente impulsionados a dar e receber, ou seja, somos impulsionados a socorrer e ajudar aqueles que se encontram em situação de necessidade, pode-se dizer que a pandemia resgatou de forma consistente o sentimento de compaixão.

De acordo com o dicionário, a compaixão é:

sentimento piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la; participação espiritual na infelicidade alheia que suscita um impulso altruísta de ternura para com o sofredor (OXFORD LANGUAGES, 2021).

De acordo com Gilbert (2005) apud Freitas (2013), a compaixão ocidental se conceitua como uma combinação de sentimentos, motivos, reflexões e comportamentos que nos permite abrir nosso entendimento acerca do sofrimento do outro, olhando para este de forma não avaliativa e, dessa forma, atuar buscando aliviá-lo.

A compaixão nos desperta como felicidade, melhora da autoestima, bondade e perdão, sendo objeto de estudo da psicologia, devido aos seus efeitos positivos.

Toda essa manifestação trouxe outros lados, outras visões e interpretações de como devemos realmente levar a vida. E isso, já vínhamos tentando internalizar a tempos, porém, somente diante dessa privação de convívio é que foi percebido que o simples, o pouco, a

falta nos levam a ações que conseqüentemente nos liga a compaixão.

Diante disso, partiu de dentro das escolas campanhas beneficentes, motivadas por educadores, muitas vezes encabeçadas pelos Orientadores Educacionais. Campanhas essas que muitas vezes matavam a fome, além de arrecadar aparatos tecnológicos que facilitem a vida escolar, já que as atividades são virtuais. Muitos colegas se engajaram em movimentos de coleta de alimentos, roupas, materiais de higiene, distribuição de refeições, entre outros

Considerações finais

A pandemia de Covid-19 nos trouxe vivências únicas e, que com certeza, se nos pedissem para escolher, muitos escolheriam não viver.

As dores físicas, psicológicas e, principalmente, emocionais que fizeram com que ficássemos marcados pelo resto de nossa existência. A vivência das perdas humanas nos acompanhará. E seu silêncio é grito que ecoa nos corações que não puderam se despedir de pessoas queridas.

Não podemos deixar de pensar nas angústias e sensação de impotência que por vezes nos invadiu. O acompanhamento pedagógico do estudante não foi deixado de lado, no entanto, sentimos que era preciso mais do que o olhar pedagógico para acolher as famílias que atendemos.

E mesmo nesse caminhar lento, de um dia após o outro, vamos voltando ao movimento da vida que nunca mais será como o antigo normal e muito menos como o novo normal. Nosso desafio é, diariamente, pensar em novas formas do fazer pedagógico, diante das sequelas e chagas deixadas a cada dia pela pandemia, que ainda não tem data para acabar.

É impossível ser como éramos ou permanecer quem somos, pois tivemos nossa compaixão e natureza compassiva resgatada, passando desse dia em diante a valorizar o simples e essencial.

Quando o mundo afastou nossos corpos e olhares olho no olho, quando nossa voz era abafada pelas máscaras que usamos para nos proteger, foram as ações arraigadas de solidariedade que deram força para muitos suportar os dias difíceis e nos dar esperança de dias melhores.

Mesmo que distantes, valorizamos o estender a mão virtualmente, de mansinho, de longe para socorrer aqueles que precisavam. E com isso, uma coisa é certa, aprendemos a

sorrir com os olhos porque o coração estava embebido de empatia e, primordialmente, de compaixão.

O Orientador Educacional tornou-se ainda mais essencial nesse contexto, pois somos nós os responsáveis por promover as reflexões dentro da escola, seja virtual ou presencial, acerca dos elementos e fatores que contribuem para que o aprendizado e desenvolvimento integral do estudante seja efetivo. De certa forma, somos os multiplicadores da empatia e, agora também, da compaixão, colocando na mesa as múltiplas facetas que se apresentaram nesse contexto de pandemia.

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

FERREIRA, Cláudia Passos. Seria a moralidade determinada pelo cérebro? neurônios-espelhos, empatia e neuromoralidade. **Physis**, vol.1n.21, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312011000200008&script=sci_arttext>. Acesso em 20/06/2021.

FIOCRUZ. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. s/d. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>> Acesso em 29/06/2021.

FREITAS, Paula Cristina de Oliveira de Castilho; VIEIRA, Cláudia Sintra. **Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e de Saúde**. 2013. 88f Tese (Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, 2013. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/25822/3/Tese%20Cl%C3%A1udia%20Vieira.pdf>>, Acesso em 30/06/2021.

OXFORD LANGUAGES. 2021. Disponível em: <<https://languages.oup.com/Google-dictionary-pt/>>, Acesso em 20/06/2021.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

CAPÍTULO 8

O TRABALHO DOCENTE E O PEDAGOGO-ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

Hellen Andrade Lima

Um dos maiores problemas dos Orientadores Educacionais durante a pandemia de Covid-19 é, sem dúvidas, o atendimento às crianças e adolescentes vítimas de algum tipo de violência. O cenário atual é preocupante, uma vez que, com o isolamento social às dificuldades de interação se torna muitas vezes inviável, principalmente nos locais mais isolados e pobres do país. Os Orientadores observam todos os dias as violações de direitos das crianças e adolescentes e não há enquanto, políticas públicas, um real comprometimento na manutenção dos direitos, mas uma real intencionalidade na propaganda eleitoral. A pobreza há muito tempo no nosso país é usada como manipulação política excludente de nosso país, com isso observamos o crescimento absurdo de diversas formas de violência.

Com a pandemia de Covid-19, esse sistema excludente ficou mais exposto e pudemos observar com muita clareza que não estamos todos no mesmo barco, muitos estão remando contra a maré e outros à deriva tentando a duras penas sobreviver. E como a Educação foi atingida nessa situação?

Durante a pandemia às fragilidades ficaram evidentes, a Educação foi bombardeada com um panorama assustador e a responsabilidade de realizar uma infinidade de adequações para o melhor atendimento dos alunos e ainda às dificuldades em se ensinar quando enfrentamos de um lado um vírus devastador e do outro lado, inúmeras vítimas da exclusão social. Todos os dias, recebemos nas nossas redes de apoio da Orientação Educacional, não só tarefas e abordagens educacionais, mas verdadeiros gritos de socorro. A fome, a desigualdade, as violências e a usurpação dos direitos básicos, tem sido em muitas escolas muito maiores que as dúvidas habituais dos alunos. Pessoas estão morrendo! Seja de fome, seja por serem agredidas em seus diversos aspectos, seja pelo vírus que se alastra e consome nossa população. Às escolas têm se tornado símbolos e locais de resistência. Profissionais

esgotados psicologicamente estão mobilizados na tentativa de minimizar os danos causados não só pelo caos que foi instalado devido a pandemia de Covid-19, mas principalmente, para diminuir o sofrimento causado pelo sistema excludente de nossas políticas públicas.

O papel do Pedagogo-Orientador Educacional tem se intensificado, os profissionais buscam meios de atender alunos e famílias, muitas vezes em risco social, enfrentando a Pandemia, sendo muitas vezes negligenciados pelo governo. Diversos casos têm chegado às mãos dos Orientadores Educacionais e que necessitam de encaminhamentos às Instâncias Superiores, por vezes demandam muito tempo até a resolução efetiva do problema. A depressão tem acometido muitos profissionais da Educação que se veem de mãos atadas nas violações de direitos e a frustração têm gritado em nossos ouvidos. Percebemos claramente que; enquanto a exclusão social, a miséria e a omissão no combate às violências existirem em nossa sociedade não haverá democracia plena em nosso país.

É sabido, que muitas violências, principalmente, a violência sexual acontece dentro do seio familiar e a demora no agir custam vidas, são traumas que dificilmente serão sanados, feridas que raramente se curam e que afloram em muitos aspectos no âmbito educacional. O que já era percebido antes da pandemia, será sem dúvida alguma, um dos maiores entraves na Educação do futuro bem próximo. Serão crianças, adolescentes e famílias inteiras despedaçadas. A Secretaria de Educação do Distrito Federal oferece formações específicas para os profissionais que lidam diretamente com os diversos tipos de violência.

Desenvolvemos projetos que abordam o tema como forma de conscientizar a população a denunciar toda e qualquer forma de abuso à criança e aos adolescentes, além de abordarmos o tema com a comunidade escolar a fim de alertar alunos e famílias quanto ao tema, porém a prática esbarra na lentidão e na burocracia na resolução de casos, muitos encaminhamentos se arrastam durante um bom tempo na justiça tendo a vítima muitas vezes que conviver com seu violador. É preciso repensar nossas leis e organizar nossas políticas públicas. Exigir que apenas a Educação dê conta de lidar com a mácula das violações de direito se torna inclusive imoral. O problema vai muito além, e permanecerá por muito tempo em nossa caminhada enquanto não voltarmos os olhos a todos os que necessitam de apoio. Enquanto isso, continuamos nossa luta, com bravura e resistência. Nenhum aluno a menos e tentamos a todo custo, não deixar ninguém para trás.

CAPÍTULO 9

COORDENAÇÃO INTERMEDIÁRIA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: OS DESAFIOS E AS APRENDIZAGENS NO DESENVOLVIMENTO DAS ATRIBUIÇÕES NO TRABALHO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS

Ivanilde Maria Pereira da Silva

Eu me sinto muito feliz em poder compartilhar com todos vocês um pouco da minha experiência, enquanto Pedagoga-Orientadora Educacional, exercendo a função de Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional do Recanto das Emas. Não há contentamento maior do que o de ter a oportunidade de escrever sobre uma experiência que está em construção, todos os dias; em razão do momento pandêmico, pelo qual o mundo foi acometido por uma doença, a Covid-19, causada por um vírus de variante totalmente desconhecida, porém bastante letal.

Sinto-me como uma peça (rainha) de um jogo de xadrez muito importante para a educação do Distrito Federal e, quem sabe, até do país ou do mundo, pois nós, profissionais da educação, especificamente, os Orientadores Educacionais, precisamos aprender a desempenhar as nossas ações e atribuições, fazendo uso das tecnologias nesse novo contexto de trabalho.

Jamais imaginávamos que a escuta, os atendimentos individuais e coletivos aos estudantes, às famílias e aos professores fossem desempenhados pelo uso de celulares, tablets, computadores e outros recursos tecnológicos. Fomos chamados a nos reinventar para garantirmos à comunidade escolar o acesso ao Pedagogo-Orientador Educacional, mesmo que de maneira remota, mas realizando com a mesma maestria que antes desse momento pandêmico, histórico para nossa geração.

Vivenciar esse período, enquanto Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional, é sentir que minha missão na jornada da educação do Distrito Federal vem sendo desempenhada com compromisso, estudo e dedicação. Entendo que estou deixando um legado para as gerações futuras. Ter a oportunidade de possibilitar que as gerações que não vivenciaram essa pandemia de Covid-19, conheçam quais foram os desafios e os êxitos

que conseguimos ao desempenhar nossas atribuições como educadores.

São muitas as ações que o Pedagogo-Orientador Educacional lotado na Unidade Básica de Educação (Unieb) na Coordenação Regional de Ensino desenvolve. Esse profissional é identificado como Coordenador Intermediário da Orientação Educacional e tem como principal missão assessorar o grupo de Orientadores locais, que atuam nas Unidades Escolares.

Esse assessoramento é feito por meio dos encontros de articulação pedagógica que acontecem semanalmente, às sextas-feiras, tendo como um dos principais objetivos contribuir com a formação continuada dos Orientadores locais, por meio de palestras, estudos temáticos, informações passadas pela Gerência de Orientação Educacional (GOE) e outras atividades; oportunizando a esses Orientadores conhecimentos e saberes que vislumbrem a reflexão de sua prática pedagógica para atuarem com mais segurança, assertividade e responsabilidade junto à comunidade escolar.

Como me tornei Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional /UNIEB?

Escrever e tornar público como cheguei a ser Coordenadora Intermediária da Orientação Educacional do Recanto das Emas é fazer uma viagem, ao longo de minha vida profissional, é voltar e rever minha atuação, enquanto Orientadora local, oportunizar um pouco da minha prática aos Orientadores empossados nos anos de 2018 e 2019.

Para entender quais são as atribuições da Coordenação Intermediária da Orientação Educacional, faz-se necessário, inicialmente, compreender o que é a Orientação Educacional. Nesse sentido, ela é entendida, nos moldes atuais, como parte integrante da unidade escolar, estando diretamente relacionada ao trabalho pedagógico, de maneira articulada com os demais setores da escola, onde o foco é o desenvolvimento integral de todos os estudantes, não mais de auxiliar apenas aqueles com dificuldades de aprendizagens, conflitos emocionais e outros. É o elo entre a escola, família e a comunidade, contribuindo para o processo educativo amplo, participando do planejamento, acompanhamento e avaliação do processo de ensino/aprendizagem. Como é explicado na Orientação Pedagógica da Orientação Educacional,

A Orientação Educacional atualmente contribui para o processo educativo a partir de uma prática articulada com toda a comunidade escolar, repensando coletivamente o fazer pedagógico, participando na análise da realidade, apoiando diálogos problematizadores, promovendo a tomada de

decisão individual e coletiva e executando ações com foco em objetivos compartilhados no Projeto Pedagógico da instituição escolar, a fim de tecer uma rede social e interinstitucional que colabore com o desenvolvimento integral do estudante. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p.15).

Diante de uma sociedade adoecida, nesse cenário, o papel do Orientador Educacional se tornou essencial para que outros aspectos que interfiram na aprendizagem possam ser discutidos e os estudantes tenham seus direitos assegurados.

O convite chegou até mim no segundo semestre do ano letivo de 2018, época em que eu atuava como Pedagoga-Orientadora Educacional no Centro Interescolar de Línguas 01 do Recanto das Emas. Recordo-me de que estava sozinha na sala da Orientação Educacional, quando meu celular tocou. Olhei e vi que era uma ligação telefônica da Coordenadora Intermediária. Preocupei-me com aquela ligação no final do dia. Será que ela está precisando de alguém para falar sobre algum tema em determinada escola? Pois era de costume isso acontecer. A pedido da coordenadora, eu já havia participado de reuniões de pais em algumas escolas como palestrante, abordando temáticas como: O papel da família na educação dos filhos e Rotina de Estudos. Para minha surpresa, a Coordenadora Intermediária logo falou algo parecido com o descrito abaixo:

___ Ivanilde, minha aposentadoria foi publicada, precisamos de alguém para assumir a Coordenação Intermediária dos Orientadores Educacionais. Pensei muito e percebo que você tem o perfil e consegue desempenhar bem a função.

Meu coração gelou, mas praticamente por impulso, disse que não era meu momento, dei algumas justificativas e encerramos a ligação. Fiquei pensativa por alguns instantes, pois esse era o segundo convite que recebia para ser Coordenadora Intermediária na UNIEB da Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas.

No mais íntimo do meu ser, eu queria sim ser coordenadora, porém, o medo em assumir uma responsabilidade tamanha me fez recuar, pois sabia que estar à frente de um grupo de profissionais era desafiador e exigiria tempo, estudo, conhecimento e dedicação. Esse convite me fez perceber que eu poderia continuar a contribuir com a Orientação Educacional do Recanto das Emas, de uma outra forma, não mais nas Unidades Escolares.

Passei a dialogar comigo mesma, refletindo a respeito do que de ruim poderia me acontecer, estando na Coordenação Intermediária dos Orientadores. Concluí que tinha realmente capacidade e prática pedagógica para auxiliar e assessorar os Orientadores das

Unidades Escolares e que também era uma possibilidade para eu aprender e agregar conhecimentos à minha formação.

Como disse anteriormente, não aceitei esse desafio prontamente, só expus essa vontade ao final de uma reunião coletiva de despedida por ocasião da aposentadoria da ex-Coordenadora. Nesse primeiro momento, comecei um estágio na Coordenação Intermediária da Orientação Educacional, pois passei a desempenhar as atribuições da pasta, por alguns dias da semana, enquanto em outros realizavam minhas ações no Centro de Línguas, assim, fui nessas duas jornadas até o final do ano letivo de 2018.

Nesses seis meses de 2018, período no qual atuava como Orientadora Educacional do Centro de Línguas e na Coordenação Intermediária, algumas pessoas dentro da UNIEB me auxiliaram e precisam ser lembradas: em específico, as Coordenadoras Intermediárias do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (SEAA) que me acolheram com muito carinho, paciência e profissionalismo. Nesse caminho, fui observando, atuando e aprendendo na prática como era ser coordenadora.

Iniciou-se o ano letivo de 2019, no primeiro dia de retorno, fui questionada pelo professor responsável pelo Setor Administrativo da Unidade Básica de Educação (UNIEB), se eu iria permanecer atuando na Unidade. Segundo ele, eu precisava definir se continuaria lotada no Centro de Línguas do Recanto das Emas ou passaria a ser lotada na CRE. Então, mesmo conhecendo as etapas do processo de eleição para ser Coordenadora Intermediária, solicitei ao Centro de Línguas a liberação para poder ser lotada na CRE.

No primeiro Encontro de Articulação Pedagógica da Orientação Educacional do ano de 2019, um dos pontos de pauta foi a divulgação do processo eleitoral para Coordenador Intermediário da pasta.

O documento Orientação Pedagógica da Orientação Educacional (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 29-30) aponta que a eleição deve acontecer no início de cada ano letivo, acompanhado e coordenado pela Unidade Básica de Educação da Coordenação Regional de Ensino. Os candidatos devem manifestar interesse dentro do prazo estabelecido; a eleição deve acontecer de forma secreta, o resultado será registrado em Ata de reunião que precisa ser assinada por todos e uma cópia deverá ser encaminhada ao Nível Central de Orientação Educacional. Naquele ano, não houve manifestação de interesse ao cargo de Coordenador Intermediário por outros Orientadores Educacionais, assim, minha candidatura foi única.

Dessa feita, fui eleita pelo grupo para representá-lo como coordenadora no ano letivo

de 2019. Colaborei com a Gerência de Orientação Educacional e principalmente dando suporte e assessoria aos Orientadores Educacionais lotados na CRE do Recanto das Emas. Posso dizer que, nesse primeiro ano, atuando nessa função, foi bastante desafiador, mas também de muito aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Chegamos ao ano letivo de 2020, novamente, conforme o documento Orientação Pedagógica da Orientação Educacional, precisávamos fazer nova eleição e, assim, foi feita; fui escolhida pela segunda vez.

Pensei... mais um ano de desafios e crescimento. Contudo, já que assumi o compromisso de estar à frente do grupo, comecei a fazer meu planejamento de ações e temáticas a serem desenvolvidas junto aos Orientadores Educacionais nos encontros de formação das sextas-feiras. Tudo estava muito bem, os Orientadores locais realizando suas atividades em suas escolas de lotação e eu fazendo o meu trabalho de Coordenadora na UNIEB.

Nesse período inicial do ano letivo de 2020, foram realizados dois Encontros de Articulação Pedagógica de forma presencial. Foi maravilhoso poder reencontrar profissionais e amigos antigos e de conhecer os Orientadores novos que chegaram de remanejamento, vindos de outras Regionais de Ensino. Recordo-me dos cafés coletivos que compartilhávamos em grupo, sempre com muita variedade de pratos e principalmente das conversas informais, acolhedoras, momento que tínhamos para conhecer os orientadores de maneira empática.

Tudo estava acontecendo conforme o planejamento no calendário Escolar da SEEDF, mal sabíamos que os desafios seriam bem maiores até o mundo ser surpreendido com a notícia de um vírus surgido em Wuhan, cidade chinesa. Foi o ano em que o Brasil e o mundo necessitaram aprender a se reinventar, enquanto pessoas e profissionais da educação, devido à pandemia de Covid-19.

A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), uma Síndrome Respiratória Aguda Grave. É uma doença letal, surgiu no final do ano de 2019 na cidade de Wuhan na China e vem se alastrando por diversas populações. A transmissão acontece pelo ar, pelo contato das pessoas umas com as outras, por partículas da tosse, espirro, pelo toque e por objetos contaminados. A Organização Mundial da Saúde – OMS em sua folha informativa definiu a Covid-19 como:

uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves.

Com o sentimento de incertezas, chegamos ao final do ano de 2020, mas não ao final do ano letivo. Tivemos o recesso para celebrar os eventos do Natal e de Ano Novo, no entanto, as atividades pedagógicas junto aos estudantes e aos Orientadores Educacionais pareciam não ter fim, ou seja, esse foi o ano letivo mais longo dos últimos anos. Só me recordo em ter vivido dois anos em um, quando eu era adolescente e estudante do GISNO - escola pública de Brasília, período em que os professores entraram em uma greve muito longa que comprometeu o calendário escolar, e para cumprir as horas exigidas pela legislação vigente, foi preciso repor as aulas no mês de janeiro.

Em janeiro de 2021, depois de tropeços, sentimento de impotência e aprendizados encerramos o ano letivo. Não foi nada fácil ouvir as angústias dos Orientadores das Unidades Escolares, relatando sobre os seus desafios em convencer os professores, durante os Conselhos de Classe, em não reprovar os estudantes, dessa forma, fica o sentimento de que fizemos o que era possível.

Saímos de férias em fevereiro de 2021, com a esperança de que tínhamos chegado em nosso destino final e, ao retornarmos, estaríamos trabalhando dentro das escolas com a presença de estudantes, professores e a comunidade. As atividades pedagógicas nas escolas aconteceriam como antes. Mas ao retornarmos do nosso descanso merecido, sentimos que essa viagem louca ainda não tinha chegado ao local de destino, pois os noticiários divulgavam o aumento de pessoas contaminadas pelo Coronavírus no Brasil e no Distrito Federal e foi necessário recuar.

Em março de 2021, iniciamos o ano letivo, trabalhando em home office; professores dando aulas pelas plataformas digitais, Orientadores Educacionais realizando atendimentos individuais e coletivos por meio do uso de instrumentos tecnológicos. E eu, coordenadora, desempenhando minhas funções pelo WhatsApp, conversas telefônicas, ou seja, tudo sem contato físico, só virtualmente.

E como todo início de ano letivo é necessário realizar a eleição do novo Coordenador Intermediário da Orientação Educacional, pensei em desistir de me candidatar a ser

coordenadora, cheguei a conversar com o grupo em um Encontro de Articulação Pedagógica sobre os desafios de estar à frente desses profissionais. No entanto, candidatei-me ao cargo mais uma vez; não houve nenhum outro Pedagogo-Orientador Educacional que quisesse ter a experiência valiosa de representar, ser o interlocutor dos Orientadores do Recanto das Emas.

Não era surpresa ser reeleita. A eleição aconteceu de forma virtual, em que os orientadores locais, por meio do preenchimento de um formulário Google, referendaram minha candidatura. E hoje estou novamente na coordenação, com mais aprendizado, desenvoltura e vencendo a cada dia os obstáculos de estar nessa função em um momento pandêmico.

Desafios e aprendizagens

Não há como falar da experiência em ser Coordenadora Intermediária, sem citar os desafios profissionais e os pessoais que foram enfrentados por mim e por outras coordenadoras durante essa viagem. Dentre as dificuldades, posso descrever algumas, como: aprender a lidar com as ferramentas do G Suite, a organização de tempo para estudar as várias documentações que eram publicadas quase que diariamente, fazer reuniões virtuais usando o Google Meet ou outra plataforma, lidar com o excesso de informações do WhatsApp e assistir às Lives.

De maneira presencial, nós, orientadores, reuníamos-nos às sextas-feiras em Encontro Articulado Pedagógico, momento de troca de experiência, formação continuada e também de repassar as informações dadas pela Gerência de Orientação ao grupo. Nessas ocasiões, era difícil encontrar espaço/ sala em alguma escola para fazermos nossa reunião semanal; no virtual, já tínhamos a sala; mas, de início, minha dificuldade foi fazer as reuniões e ficar somente eu com a câmera aberta, conversando com quase cinquenta pessoas de câmera desligada; digo que conversava com as "bolinhas representando as pessoas"; essas "bolinhas" se tratam dos avatares de conta Google. Muito complicado não enxergar os olhos dos participantes, pois por meio do olhar era visível para mim saber quais participantes estavam envolvidos realmente com o momento e se o que estávamos conversando era compreendido e fazia sentido para o grupo.

Nessa trajetória da Orientação Educacional pelos trilhos da educação mediada pelas tecnologias, deparamo-nos com a adversidade do uso desenfreado do WhatsApp,

inicialmente, na ânsia de quereremos dar as informações de maneira quase imediata, ou mesmo imediata, passamos a ficar conectados mais de doze horas por dia.

E neste ponto, precisei conversar com a equipe de Pedagogos-Orientadores Educacionais do Recanto das Emas a respeito da importância e necessidade de cuidar e gerir melhor o tempo, principalmente, dedicado às conversas do WhatsApp. Acordamos de não enviarmos mensagens ou questionamentos depois das 18 horas, ou se enviassem, somente teriam respostas no dia seguinte; outro ponto de consenso alinhado no grupo foi sobre a necessidade de cuidarmos do final de semana; não enviar mensagens nem documentos para serem lidos, nada que remetesse ao trabalho.

Recentemente, percebi que o WhatsApp ainda consumia muito do meu tempo, pois há todo momento tinha um Orientador Educacional que me contatava para indagar sobre algum assunto ou sanar dúvidas. Então, passei a não ter a preocupação de visualizar as mensagens em tempo real, comecei a determinar horários para eu acompanhar as mensagens. Isso fez com que eu pudesse me dedicar às outras atribuições de Coordenadora Intermediária, como ter mais tempo para planejar os Encontros de Articulação Pedagógica da OE, estudar e organizar as formações para as unidades escolares, responder os documentos solicitados pela Gerência de Orientação Educacional e fazer os despachos no SEI (Sistema Integrado de Informações), além de atender as necessidades da UNIEB.

O acompanhamento de diversas lives foi outro grande entrave, pois observei a necessidade de as pessoas apresentarem o que estavam realizando em suas atividades remotas. Foi um “**Bum**” (grifo meu) de palestras pelo YouTube. Em alguns dias, usei dois fones, pois havia uma sede pelo conhecimento, necessitava saber de tudo, para deixar os Orientadores bem informados, então com um fone ouvia uma palestra e com o outro participava das reuniões na UNIEB. Foi um período de muita ansiedade. Precisei desabafar em uma das reuniões com a Gerência, porque estava me sentindo sobrecarregada, era tarefa demais para ser realizada, tanto na UNIEB, quanto na pasta da Orientação Educacional.

Nesse ponto, fui refletindo sobre o que era realmente importante e cheguei à conclusão que o que importava era estar viva e ver as pessoas que amo vivas; questionei em uma reunião entre as Coordenadoras Intermediárias e a Gerência se realmente estávamos nos acolhendo, pois estudávamos, participávamos de formações e Lives sobre a importância do autocuidado e nesse momento não estava me sentindo cuidada, em virtude de tantas e longas reuniões, com muitos outros afazeres para concluir. O dia parecia que não acabava.

Chorei, mas foi preciso, para poder realmente me libertar dessa necessidade desesperada pelo conhecimento.

Quanta ansiedade! Muitos de nós com a sede de solucionar as contendas do grupo e nos mantermos informados de todos os assuntos, deixamos marido, filhos, ou seja, a vida familiar no canto. E isso não foi bom, nunca é bom. É preciso estabelecer limites, hoje entendo que como pessoa e coordenadora não preciso saber de tudo, podemos buscar as respostas juntos.

Ainda conversando sobre os desafios no aspecto profissional, não posso deixar de citar a dificuldade em lidar com as minhas emoções e com as das pessoas do grupo, dificuldade de não me deixar ser afetada com os conflitos que surgiam durante as reuniões com os Orientadores locais, lidar com a minha angústia e medo de ser acometida pela Covid-19 e conviver com a sensação da morte a todo tempo.

No ano de 2020, exatamente no mês de maio, precisei ser submetida a uma cirurgia e ao receber alta, a médica me recomendou a não ter visitas, pois a minha imunidade estava baixa e poderia ser contaminada pelo Coronavírus. Fiquei de licença médica por 45 dias. Depois, retornei ao trabalho de maneira remota. Mesmo estando trabalhando de forma remota, eu e toda minha família fomos infectados pelo Coronavírus.

Recordo-me que fiz uma reunião extraordinária com os Orientadores para informá-los que precisava me afastar, pois senti que estava com a Covid-19 em um domingo, e na segunda-feira já respirava com muito cansaço. Tentava não ter pensamentos negativos, mas o medo de morrer era angustiante, pois era desesperador sentir que o seu corpo não estava bem e nem respondendo as medicações e voltar o hospital e ser informada pelo médico que precisava vencer os quatorze dias; esses de muito sofrimento, fraqueza, dificuldade em respirar, porque estava com os meus pulmões comprometidos em 25%. Mas tinha que ficar em casa, a recomendação médica era não retornar ao hospital, somente por falta de ar. Mas **Graças a Deus** (grifo meu), eu e minha família vencemos a Covid-19.

Diante desse cenário, foi difícil conciliar a vida profissional com a vida pessoal, quando se está trabalhando dentro de casa, com filho em idade na primeira infância; muito estranho para a criança compreender que a mãe está em casa, mas que não pode estar completamente com ele. Lembro das inúmeras falas do meu filho que, ao acordar e me ver em frente ao computador me perguntava:

_ Você vai trabalhar?

Na verdade, ele queria saber se eu iria sair para trabalhar. Ele precisava confirmar que eu estaria em casa, pois mesmo no período de pandemia, a SEEDF publicou uma Portaria que convocava os servidores que exerciam suas funções nos níveis central e intermediário a retornarem ao trabalho presencial. E assim, com medo, retornei ao trabalho presencialmente, em regime de escala. Uns dois meses depois de ser submetida a um procedimento cirúrgico, citado anteriormente. Lembro-me de que no primeiro dia desse retorno, meu filho caçula acordou exatamente na hora em que eu estava saindo e começou a chorar e me pedir para ir para o trabalho comigo, foram uns trinta minutos de conversa, explicando que a mãe voltava logo.

Nossa! Meu coração partiu, pois eu não queria ir trabalhar presencialmente por estar com medo de ser infectada pelo Coronavírus, por ainda estar me recuperando da cirurgia, por deixar meu pequeno desamparado e ter o sentimento que poderia trazer a doença para dentro da casa e contaminar minha família. Na minha cabeça, não se justificava ir trabalhar em um momento em que o isolamento era importante para não disseminar o vírus; as minhas funções de Coordenadora Intermediária estavam sendo desempenhadas tranquilamente de forma remota, e eu estando presencial na UNIEB ou na minha casa as atribuições da pasta eram realizadas com mesmo compromisso de sempre.

Aprender a lidar com a morte, com o luto foi desafiador, mas o aprendizado vem acontecendo ao caminhar por esse outro lado sombrio e misterioso do ciclo da vida que é a morte. O grupo pode tirar proveito dos pontos positivos e negativos. Nesse momento pandêmico e histórico, estarmos vivos é um desafio diário, visto que não está fácil lidar com a perda de pessoas tão próximas e queridas.

Dentro da equipe de profissionais da Orientação Educacional do Recanto, fomos juntos aprendendo a lidar com nossas emoções em relação à doença e também com as mortes de orientadoras ou de parentes de pessoas do nosso meio profissional. Conectamo-nos com a dor de orientadores que perderam familiares (pai, marido, tios e outros) para a Covid-19. Convivemos, diariamente, com pedidos de orações, foi preciso aprender a praticar a empatia, porque entre nós tínhamos pessoas que estavam em sofrimento por causa da perda de seus familiares.

A maneira que nós Orientadores encontramos de demonstrar empatia, carinho foi nos mobilizarmos para que juntos comprássemos coroas de flores para serem entregues nos sepultamentos, lembrando que somente esses eram permitidos realizar, já que o momento

era de isolamento e o protocolo de sepultamento não permitia a aglomeração, apenas familiares podiam estar presentes. Para confortar o coração dos amigos que perderam seus entes queridos, fazíamos presentes, através das coroas entregues em nome da Orientação Educacional do Recanto das Emas.

Lidar com o luto é um desafio e um aprendizado constante, é necessário conversar sobre esse tema, assistir a Lives, participar de palestras e ler sobre o assunto. E o mais importante é reconhecer as próprias limitações e buscar ajuda de outros profissionais.

O luto é um processo de desenvolvimento pessoal complexo que envolvem fatores culturais, familiares e pessoais que se manifestam de diferentes maneiras, como expressões de sentimentos, revelados pelas emoções de angústia, tristeza, raiva, saudade e desamparo, diante da ausência causada pela morte de uma pessoa querida. Além das reações emocionais, nós, seres humanos, reagimos a perda de um ente, por meio de sensações físicas, de aperto no peito, nó na garganta, falta de apetite e outras. E expressar as emoções e as sensações físicas é a forma que nós temos para elaborarmos meios de minimizar nossas tristezas e o medo diante da morte. (TEIXEIRA, 2017).

Nesse cenário pandêmico, tivemos não só as perdas das pessoas conhecidas, mas também de muitas outras coisas como nossa liberdade, o contato físico e presencial com familiares e amigos da escola ou do espaço de trabalho; hoje, compreendemos que o luto não é uma situação a ser superada, visto que cada pessoa reage as perdas de maneira diferente. Para Bolaséll, et al. (2020, p.6), o luto “é um processo que necessita de tempo para a pessoa se adaptar. Não é uma vivência em linha reta, ou seja, não existem fases pré estabelecidas, pois se trata de uma nova forma de viver para aquele que perdeu algo ou alguém significativo”.

Os aprendizados e os desafios, neste momento de pandemia, caminham juntos, um não pode estar separado do outro, porque o aprendizado vem sendo construído ao passo que vamos vencendo os desafios. Então, assim, uma das primeiras aprendizagens que nós, Orientadores Educacionais, tivemos foi de incorporar as tecnologias à nossa prática; para isso foi necessário passar por alguns cursos com objetivo de aprender a usar esses recursos a nosso favor e da educação.

Aprendemos sobre o uso de vários aplicativos: Canva, InShot, Bitmoji e muitos outros que são utilizados diretamente nos celulares e computadores. Com estes aplicativos foi possível produzir vídeos, confeccionar posts com montagem de fotos para serem

compartilhados com a comunidade escolar. Um dos vídeos de grande importância foi o produzido em equipe para celebrar o 10º Fórum da Orientação Educacional, que apresentou um resgate histórico, desvendando e revelando os profissionais que participaram da construção da história da Orientação do Recanto das Emas. Foi emocionante rever os rostos de alguns profissionais em fotos.

Nessa jornada de ser Coordenadora, tive o prazer de estar e contribuir em formações em outras Regionais de Ensino, estive em Brazlândia, Santa Maria e até em uma palestra com os Orientadores do Rio Grande do Sul. Como também a satisfação de recebermos colaborações de profissionais de outras Regionais em nossos encontros às sextas-feiras. E isso só foi possível porque estávamos trabalhando de casa com uso do Meet. Através do endereço eletrônico de uma reunião, era possível estar em outras cidades e estados.

Para que pudéssemos usar as ferramentas certas, a Secretaria de Educação ofereceu aos seus profissionais um curso sobre Ferramentas Google, em que nos foi apresentado um modelo de como poderíamos proporcionar aos nossos meninos e meninas aulas ministradas por meio do Google Meet. Como essa metodologia de ensino foi pensada? Por um repositório de atividades, criando uma sala no Google Classroom com o uso dos formulários e o drive para disponibilizar os materiais confeccionados.

No entanto, para as Coordenadoras Intermediárias da Orientação Educacional, esse período de aprender a incorporar as tecnologias em nossa vida profissional iniciou antes da proposta da SEEDF, pois a Gerência de Orientação Educacional (GOE), já pensando na possibilidade e na necessidade de que as ações dessa pasta não poderiam estar paralisadas, foram oportunizados momentos formativos, com o objetivo de nos instrumentalizar para atuação prática junto aos Orientadores locais, além disso, durante as nossas reuniões semanais, fomentamos técnicas de cuidados voltadas para as nossas emoções. A equipe de Coordenadoras Intermediárias e a Gerência passaram a se reunir semanalmente, às terças-feiras para discutirem sobre a conjuntura pandêmica.

É lindo ver que mesmo em um período de incertezas podemos aprender e progredir profissional e pessoalmente. Nunca me imaginei realizando lives no YouTube, reuniões por meio de uma teleconferência, fazendo falas de acolhimento...

Esses foram alguns aprendizados, embora outros possam ser destacados ao longo desse período, não só para mim, mas para muitos profissionais da Rede Pública de Ensino.

Um dos mais valiosos ensinamentos que recebi foi o de cuidar de mim, pois olhando

e zelando de mim, colocando-me em primeiro lugar, eu pude colaborar com o crescimento da equipe e dos professores que puderam me ouvir nas muitas reuniões virtuais que realizei nas escolas do Recanto das Emas, como também em outras Regiões Administrativas do DF. Esse aprendizado foi cultivado durante as reuniões semanais com a Gerência de Orientação Educacional e também nas reuniões com os Coordenadores Intermediários do Atendimento Educacional Especializado - AEE e do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem - SEAA. A interação entre essas Equipe foi bastante assertiva. Como nós já estávamos em teletrabalho, passamos a planejar ações e estratégias de acolhimento para com nossos pares, com o objetivo de que eles pudessem se sentirem preparados para acolher bem sua comunidade escolar.

Nesse ponto, o Guia para Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (2020) enfatiza que:

Acolher significa levar em consideração, receber, reunir, juntar. Pessoas podem promover mudanças ao seu redor, em seu círculo familiar, profissional ou social, por meio de atos de acolhimento às necessidades do outro. O poder da empatia tem relação com estratégias para ação emergentes e com atender mais necessidades por meio da inclusão de todas as vozes. No âmbito escolar, o acolhimento é uma ação pedagógica que favorece a integração de toda comunidade escolar, com vista ao desenvolvimento e fortalecimento do sentimento de pertencimento, assim como promoção do engajamento com o processo de escolarização e estratégias de aprendizagem e desenvolvimento.

O cuidar neste momento de vivência com a Covid-19 implica em realizar a escuta sensível, o diálogo e ações pedagógicas que promovam o autoconhecimento, autocuidado contribuindo para o processo de humanização e, assim, construir uma relação de parceria entre a escola e a comunidade; entre os profissionais da própria escola, edificando uma rede de proteção interna onde um aprende a ser, estar e sentir com o outro.

Dessa forma, percebi estar instalada inicialmente nossa rede de apoio; reuníamos-nos para estudar temas sobre acolhida, empatia, relacionamento e principalmente sobre nossas emoções, mas não eram ocasiões somente de planejamento, tínhamos momento de desabafar, falar dos medos em relação ao vírus e de pensar sobre o estado emocional, físico e financeiro dos estudantes e seus familiares, discutíamos a respeito da famílias adoecidas pelas perdas, pelas vulnerabilidades e também pela carência alimentar que muitos de nossos estudantes junto com seus familiares estavam passando devido às muitas privações impostas pela pandemia, porém, em alguns casos, mantendo a resiliência.

Com todo esse trabalho mediado pelas tecnologias posso revelar que aprendi a ser uma boa ouvinte, a mediar situações de conflitos em escolas, a trabalhar em equipe, ou seja, desenvolvi o autoconhecimento, gostei deste processo de aprender e compartilhar. Não sou perfeita, não preciso ser, sei que fiz o meu melhor e no momento que foi possível.

Desejo com esse relato profissional compartilhar de um momento em que a educação mundial e nós, profissionais da educação, necessitamos nos reinventar, rever nossa prática pedagógica e perceber que os recursos tecnológicos podem ser grandes aliados no processo de ensino e aprendizagem para a comunidade escolar. Esses instrumentos não poderão ser esquecidos, necessitam ser incorporados ao cotidiano das escolas. Esse momento histórico ficará marcado para sempre na Educação brasileira e mundial pelo aprendizado e superação. É preciso olhar esse ponto como um legado para as novas gerações. É respeitável que os diversos segmentos da sociedade não cometam os mesmos erros com a educação, pois se o desejo é termos um mundo melhor, é elogiável que tenhamos discernimento e valorizemos cada vez mais a educação e seus profissionais.

Referências bibliográficas

BOLASÉLL, L. T., Nunes, F. R. C., VALANDRO, G. S., RITTMANN, I., MARKUS, J., WEIDE, J. N., SEIBT, L. T., VERDE, L. V., & RODRIGUES, C. S. M. (2020). **O processo de luto a partir das diferentes perdas em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS. Projeto gráfico: Luciana Gomes.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF) – **Guia para Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais**. Brasília: SEEDF, 2020.

_____. **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Folha informativa sobre COVID-19. Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 01/07 2021.

PIMENTEL, Renata Macedo Martins et al. A disseminação da Covid-19: um papel esperançoso e preventivo na saúde global. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 135-140, abr. 2020. Disponível em. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.v30.9976>. Acesso em 01/07/2021.

TEIXEIRA, Alyne. Nogueira. (2008). **Expressividade emocional na elaboração do luto infantil**: Um enfoque analítico-comportamental. Centro de Psicologia Aplicada – CPA (Pará), 2-20. Recuperado de <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/AlyneTeixeira.pdf>. Acesso em 30/06/2021.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. (2017). A criança diante da morte. **Revista UFG**, 6(2). Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48649>. Acesso em 01/07/2021.

CAPÍTULO 10

A PRÁXIS PEDAGÓGICA NO TRABALHO DA PEDAGOGA-ORIENTADORA EDUCACIONAL DE ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Jesica Barbosa Dantas

Neste primeiro semestre do segundo ano letivo do ensino remoto emergencial em decorrência do isolamento social como medida de controle de disseminação do vírus Covid-19, as escolas públicas do Distrito Federal permanecem fechadas até o momento para as atividades presenciais, mas estamos realizando o ensino remoto emergencial tanto pela plataforma digital através do Google Sala de Aula e Google Meet, quanto por vídeo chamadas e mensagens de áudio e texto pelo WhatsApp e para famílias com dificuldade de acesso à Internet estamos com atividades escolares impressas.

Vale salientar que se trata de um formato de ensino que surpreendeu a todos e que precisamos realizar diversas formações, tanto oficiais promovidas pela SEEDF quanto buscando outras para aprendermos a utilizar os recursos tecnológicos para continuarmos desenvolvendo nosso trabalho além de outras formações com temas afetos à Orientação Educacional.

No atual momento, o Brasil já conta com mais de 500 mil mortos em virtude da Covid-19 e nesta última semana os profissionais da educação do DF estão sendo vacinados. Todavia ainda não sabemos como será o segundo semestre do ano letivo de 2021 por ausência de documentos oficiais quanto ao retorno presencial e as condições de trabalho deste retorno.

Diante da breve contextualização do momento no qual estamos atravessando mundialmente, é necessário também enfatizar os impactos da pandemia no nosso trabalho, pois as taxas de desemprego estão alarmantes, houve fechamento de diversas atividades econômicas levando diversas famílias a perderem sua renda, sem dinheiro para pagar moradia, algumas tiveram que mudar-se e diversas estão em situação de vulnerabilidade extrema, sem segurança alimentar.

Toda essa situação descrita, transborda na escola, impacta no desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, reflete na saúde emocional dos profissionais da educação que estão se desdobrando para realizar uma educação pública de qualidade apesar da falta de condições de trabalho e da limitação da nossa atuação para ajudar as famílias.

A rede pública distrital, a escola conta com o apoio pedagógico do Pedagogo-Orientador Educacional que atua na Orientação Educacional com os estudantes, com a família, com os professores, demais profissionais da educação e com a comunidade na perspectiva da Educação em e para os Direitos Humanos, Cidadania, Diversidade e Sustentabilidade, em consonância com a proposta pedagógica do currículo em movimento. (DISTRITO FEDERAL, 2021)

Desta forma, neste texto pretendemos refletir sobre a práxis pedagógica desenvolvida por uma Pedagoga Orientadora Educacional em rede pública de ensino do Paranoá - DF em tempos de ensino remoto emergencial.

Referencial teórico

Em relação à Orientação Educacional na rede pública de educação do Distrito Federal explicita no site da Secretaria de Educação que se trata de “uma oferta educativa presente nas escolas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal desde a sua em todas as etapas e modalidades de ensino, configurando-se como um direito dos estudantes e parte da estrutura pedagógica das unidades de ensino”. Vale destacar que a Orientação Educacional está presente na política educacional do DF desde a sua implantação.

Todavia, a Orientação Educacional é influenciada pelo contexto histórico, social, político, econômico que passa não apenas a escola, como instituição pública regulada pelas políticas públicas vigentes no país e no DF e que também sofre influência do contexto mundial. Neste sentido, a Orientação Educacional no Distrito Federal passou por diversas transformações ao longo destes 60 anos e acompanharam as diferentes etapas de transformação nacional.

Grinspun (1994, apud SANTOS, 2010) considerando as mudanças na perspectiva da Orientação Educacional, propõe uma divisão em seis períodos distintos:

1) Período implementador (de 1920 a 1941) – A orientação começa a aparecer no cenário educacional brasileiro timidamente associada à orientação profissional, com ênfase

nos trabalhos de seleção e escolha profissional.

2) Período institucional (1942 a 1960) – Nesse período, subdivido em funcional e instrumental, ocorre toda a exigência legal da Orientação nas escolas;

3) Período transformador – (1961-1970) – Traz uma Orientação Educacional caracterizada como educativa, na Lei 4024/61, até a profissionalização dos que atuam nesta área através da Lei 5540/68.

4) Período disciplinador – (1971 a 1980) – A orientação está sujeita à obrigatoriedade da Lei 5692/71 que determina, inclusive, o aconselhamento vocacional;

5) Período questionador – (1981 a 1990) – Como o próprio nome já indica, é nesse período que mais se questiona a Orientação Educacional, tanto em termos da formação de seus profissionais, quanto através da prática realizada. Por outro lado, os orientadores, através de seus órgãos de classe, procuram respostas para seus questionamentos, nas próprias questões sociais e políticas. A década de 80 traz grandes modificações que irão refletir na educação, na escola e na orientação;

6) Período Orientador (a partir de 1990) – Defende um novo paradigma de orientação, voltado à necessidade do aluno e à articulação de diferentes vozes no interior da escola.

Salientamos que o processo de transformação do trabalho do Orientador Educacional sofreu mudanças de concepções:

De uma Orientação Educacional que em seus primórdios buscava apoio na teoria das aptidões naturais, caminhou gradativamente para uma Orientação mais crítica, que levava em consideração as deficientes condições em que se desenvolveu a ação educacional no Brasil, a qual atinge a grande maioria dos brasileiros. (MURIBECA, 1999, p. 18)

Sendo assim, podemos perceber que na rede pública do Distrito Federal há o alinhamento com a tendência nacional, pois traz na Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na SEEDF que:

o trabalho da Orientação Educacional deve estar articulado às demais instâncias da unidade escolar, bem como à família e à comunidade, estabelecendo uma rede social e institucional de proteção e garantia aos direitos do estudante e de melhoria da qualidade da educação. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 23)

E quanto à necessidade do aluno, segundo o site da Secretaria de Estado de Educação, a Orientação Educacional na rede pública do DF:

atua na perspectiva da Educação em e para os Direitos Humanos, Cidadania, Diversidade e Sustentabilidade, acompanhando e avaliando os processos educacionais, viabilizando o trabalho coletivo, promovendo e auxiliando os mecanismos de participação em programas e projetos educacionais, facilitando o processo comunicativo entre a comunidade escolar e as associações/instâncias a ela vinculadas; assim como articulando ações em parceria com os diversos setores da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), bem como com a Rede Intersetorial de promoção, garantia e defesa do direito dos estudantes da rede pública de ensino. (DISTRITO FEDERAL, 2021)

Nesse sentido, se faz cada vez mais necessário primar pelo fortalecimento do trabalho docente nos diversos espaços da escola, considerando o trabalho de todos em prol da educação pública de qualidade para todos, em uma perspectiva crítica emancipatória. Neste sentido, o Orientador Educacional pode atuar como importante elo mobilizador e integrador dos diferentes componentes da comunidade escolar.

Percebemos que esta visão mais abrangente do trabalho do Orientador Educacional permeia todas as dimensões do cotidiano escolar e as relações entre todos os integrantes da comunidade escolar e sociedade. Segundo Grinspun (2011, p. 35),

A Orientação, hoje, caracteriza-se por um trabalho muito mais abrangente, no sentido de sua dimensão pedagógica. Possui caráter mediador junto aos demais educadores, atuando com todos os protagonistas da escola no resgate de uma ação mais efetiva e de uma educação de qualidade nas escolas. O orientador está comprometido com a formação da cidadania dos alunos, considerando, em especial, o caráter da formação da subjetividade. Da ênfase anterior à orientação individual, reforça-se hoje, o enfoque coletivo (a construção coletiva da escola e da própria sociedade), sem, entretanto, perder de vista que esse coletivo é composto por pessoas, que devem pensar e agir a partir de questões contextuais, envolvendo tanto contradições e conflitos, como realizações bem sucedidas. Busca-se conhecer a realidade e transformá-la, para que seja mais justa e humana.

Assim percebemos que o trabalho do Orientador Educacional se desloca para uma perspectiva político-pedagógica trabalhando para o desenvolvimento integral de todos os estudantes, e não mais em uma abordagem psicológica de aconselhamento individual e de atendimento apenas aos ditos “alunos problemas”.

Nesse sentido, se faz cada vez mais necessário primar pelo fortalecimento do trabalho docente nos diversos espaços da escola, considerando o trabalho de todos em prol

da educação pública de qualidade na qual a educação é não apenas transmissora do saber acumulado historicamente pela humanidade, mas também na perspectiva da educação como forma de emancipar a classe trabalhadora para transformar a sua realidade para uma sociedade mais justa para todos.

Ou seja, partimos da premissa de que o trabalho docente do Pedagogo-Orientador Educacional realizado no contexto escolar e, portanto, nunca terá como resultado um produto acabado ao final do trabalho desenvolvido, tendo em vista que a aprendizagem e a formação humana desenvolvida no processo educativo não é algo que se constrói a curto prazo e que diversos outros agentes e fatores que contribuem para que o processo educativo aconteça é necessário considerar ainda que

Toda práxis social, se considerarmos o trabalho como seu modelo, contém em si esse caráter contraditório. Por um lado, a práxis é uma decisão entre alternativas, já que todo indivíduo singular, sempre que faz algo, deve decidir se o faz ou não. Todo ato social, portanto, surge de uma decisão entre alternativas já que todo indivíduo singular, sempre que faz algo, deve decidir se o faz ou não. Todo ato social, portanto, surge de uma decisão entre alternativas acerca de posições teleológicas futuras. (LUCKÁCS, 1978, p. 07)

Dessa forma, precisamos considerar que o trabalho desenvolvido pelo Pedagogo-Orientador Educacional está inserido em uma sociedade capitalista, no qual compreendemos que o mesmo é construído historicamente e o quanto na contemporaneidade neoliberal este trabalho vem passando por um processo contínuo de desvalorização e alienação, levando à proletarização e precarização de toda a classe trabalhadora. E ainda que:

na medida que a alienação é característica inerente à organização social capitalista, sua ação sobre a vida dos indivíduos revela-se como um problema de grau, que tanto será maior ou menor quanto o indivíduo puder compreender sua existência para além da particularidade, ou seja, puder superar sua condição particular em direção à condição humano-genérica. (MARTINS, 2004, p. 97)

Torna-se imprescindível que o professor tenha clareza do seu papel na sociedade, enquanto profissional da educação que trabalha a serviço da superação desta alienação (VÁSQUEZ, 1997). Todavia é necessário que este processo seja realizado enquanto categoria e não individualmente, é preciso acima de tudo tomar consciência e despertar não apenas os seus estudantes, mas sobretudo os colegas de profissão para que possamos então promover uma educação libertadora para a classe trabalhadora e não uma educação

domesticadora e pacificadora da massa.

Uma outra situação que também precisamos salientar é que a rede pública do DF preconiza a perspectiva de gestão democrática, possibilitando um trabalho no qual toda comunidade escolar discuta a própria práxis pedagógica impregnando-a de entusiasmo e de compromisso com o seu território.

Uma possibilidade é a formação (inicial e continuada) dos professores, considerando sua a função mediadora na formação do indivíduo, entre os campos da vida cotidiana e não cotidiana da atividade social, a partir do conhecimento social. Em síntese, a educação, na sua dimensão da epistemologia da práxis, emerge como auxiliar na formação do novo bloco histórico, pois produz elementos de construção da nova hegemonia na organicidade intelectual dos professores que podem operar na busca da emancipação humana. (CURADO SILVA, 2018)

Percebendo que esta emancipação humana centrada no processo da epistemologia da práxis

privilegia, tal como o próprio nome sugere, a capacidade de análise que o processo de formação deverá favorecer, sendo proporcionada aos formandos ao qual está subjacente uma perspectiva ontológica. Em que o ser, e aqui o ser docente, é construído na interação com o meio - social, cultural, físico - e deverão ser equacionadas numa dimensão compreensiva e interpretativa. **As práticas de formação orientam-se pela explicação teórica da realidade, a experiência vivida, a sua interpretação e construção de sentido e significado.**" (CURADO SILVA, 2019, p. 34, grifos nossos)

Desta forma, ao tomar como pressuposto a epistemologia da práxis, considero que para analisar o trabalho docente do Pedagogo-Orientador Educacional é extremamente fundamental considerar a formação, tanto inicial quanto continuada, uma vez que este trabalho docente influencia e é influenciado pelas bases teóricas e epistemológicas da Educação Pública do DF.

Uma das formas de evidência das concepções educacionais que está ancorada a educação pública do DF são os pressupostos teóricos do Currículo em Movimento e, por tanto, o trabalho do POE deverá ser desenvolvido também em conformidade com o mesmo, ou seja, na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural. De acordo com Azevedo (2016, p. 46),

na perspectiva histórico-dialética a Orientação Educacional constrói seus

conhecimentos a partir da investigação da realidade material, concreta, histórica e pelo movimento dialético que pressupõe que a essência dos fenômenos não está dada, sendo imprescindível as mediações que realizem movimento entre as redes de relações que circundam, perpassam e integram os fenômenos.

Conforme exposto, o senso crítico, capacidade de análise da realidade e ações de proteção aos direitos dos estudantes são características primordiais no trabalho do POE. Assim,

A Orientação Educacional na perspectiva histórico-crítica também deve compreender que ‘trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens’ (SAVIANI, 2012b, p.13). Assim o movimento da atividade de Orientação Educacional que se ampare nessa concepção deverá ter a prática social como ponto de partida e de chegada. Valendo-se da epistemologia da pedagogia histórico-crítica, ‘pela mediação do trabalho pedagógico, a compreensão e a vivência da prática social passam por uma alteração qualitativa’ (SAVIANI, 2012b, p. 113 apud AZEVEDO, 2016, p. 46)

Nesse movimento de ir e vir do trabalho do Orientador Educacional, em conformidade com o compromisso com a realidade social dos estudantes há o desvelamento dos conflitos existentes e a objetivação da superação dos mesmos, corroboramos com Muribeca (1999) de que é nessa direção, em seu movimento de ir e vir da Orientação Educacional que desvela suas contradições em busca de sua identidade e de novas perspectivas de ação.

Todavia, precisamos elucidar que dentro das atribuições do Pedagogo-Orientador Educacional, descrita no Regimento Escolar, este profissional deve “participar de programas de formação continuada com o objetivo de fomentar a práxis educativa.”

Tal atribuição é imprescindível no sentido da fundamentação do trabalho do Pedagogo-Orientador Educacional, uma vez que a prática sem fundamentação teórica se torna um ativismo alienado, deslocando o profissional para um mero tarefeiro e não um sujeito capaz de compreender a totalidade do seu trabalho dentro de todo o contexto escolar e social.

Diante do exposto, realizaremos a análise do processo de formação continuada autônoma de Pedagogos-Orientadores Educacionais do Paranoá, o Grupo de Estudos dos Pedagogos-Orientadores Educacionais do Paranoá (GESTOP).

Formação continuada autônoma de Pedagogos-Orientadores Educacionais

Nesta seção iremos relatar a experiência sobre um trabalho em desenvolvimento por um grupo de Pedagogos-Orientadores Educacionais da rede pública do Distrito Federal em uma comunidade de baixa renda com vistas ao estudo de temáticas afetas à Orientação Educacional com a finalidade de fomentar a práxis pedagógica no trabalho de cada componente do grupo.

Este trabalho iniciou no segundo semestre de 2020, durante a pandemia de Covid-19 e ensino remoto com a participação de 05 Pedagogas Orientadoras Educacionais de quatro escolas classe que atendem da pré-escola aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Foram realizadas reuniões virtuais semanais através do aplicativo Google Meet e posterior apresentação no Encontro Pedagógico Articulado dos Orientadores Educacionais do Paranoá e Itapoã para socialização com os demais colegas, no período de setembro a novembro de 2020. Os temas dos encontros foram a Pedagogia Histórico Crítica e o Trabalho do Orientador Educacional; Ações para Acolhimento sugestões da equipe de Orientação Educacional do Paranoá e Itapoã para compor o documento norteador que está sendo realizado pela UNIEB e Caderno de Cultura de Paz.

Já no primeiro semestre de 2021, os encontros passaram a acontecer quinzenalmente no período de março a julho com a participação de mais seis Pedagogas Orientadoras Educacionais, porém duas integrantes do grupo inicial não conseguiram mais participar das atividades por chocarem com outras demandas. Das novas integrantes, uma pertence ao Centro de Educação Infantil e duas de Centro de Ensino Fundamental que atende aos anos finais do Ensino Fundamental.

As temáticas foram: Caderno de Cultura de Paz; Plano de ação da Orientação Educacional; Educação para a Diversidade, Cidadania e Direitos Humanos e Orientações à Rede Pública de Ensino para o Registro das Atividades Remotas e Presenciais.

O grupo é autogerido na perspectiva de autonomia para os estudos e trabalho em equipe com utilização de estratégia participativa na qual todas possuem atribuição de realização de estudo e apresentação entre o grupo para análise e contribuições dos demais colegas. Com base no resultado das reuniões foram elaboradas apresentações na qual o grupo socializou com os demais orientadores educacionais atuantes na regional de ensino.

Destacamos que a proposta é também contribuir com o debate dos Encontros Pedagógicos Articulados sempre que solicitado pela Coordenadora Intermediária e que também nos colocamos à disposição para quando há espaço na pauta o que em geral acontece.

Considerações finais

A experiência de realizar a integração do trabalho da Orientação Educacional sem perder a autonomia de cada profissional, refletir sobre a prática pedagógica dos orientadores educacionais e fortalecer a atuação destes profissionais frente ao grupo de orientadores e nas respectivas escolas promove tanto interações entre pares promovendo momentos de trocas de experiências e fortalecimento profissional quanto a práxis pedagógica individual e coletiva no paradigma da colaboração, de trabalhar juntos, de trabalhar em grupo e se reconhecer pertencente à um grupo profissional de um território.

Assim, este fortalecimento amplia a rede de trabalho do Pedagogo-Orientador Educacional que se articula com os demais elos da escola, da comunidade e também entre os seus pares também orientadores educacionais o que fortalece a autonomia do grupo, o trabalho coletivo e a práxis pedagógica do Orientador Educacional.

Desta forma, consideramos que é importante também os momentos de estudos individuais, porém entendemos que é necessário que se tenha oportunidade de compartilhar sua aprendizagem seja com os colegas, relatando descobertas, mas também suas dúvidas e reflexões em um processo de respeito e aprendizagem mútua conforme preconiza Freire (1996, p.59) “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.”

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Michele Miranda de. **A Orientação Educacional nas redes de ensino estaduais públicas do Brasil: concursos e funções**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UnB, Brasília, 2016.

CURADO SILVA, Kátia Augusta C. P. C da. A formação contínua docente como questão epistemológica. In: Monteiro, Silas Borges. Polyana Olini. (Orgs). **Formação continuada e desenvolvimento profissional docente**. Coleção Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Cuiabá-MT: EdUFMT/Editora Sustentável, 2019.

_____. **Epistemologia da práxis na formação de professores: perspectiva**

crítico-emancipatória. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/08/Regimento-SEEDF-COMPLETO-FINAL.pdf>. Acesso em 16/06/2021.

_____. **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

_____. **Orientação Educacional**. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/orientacao-educacional/>. Acesso em 20/09/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRINSPUN, Mírian Paura S. Zippin. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A prática dos orientadores educacionais**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LUKÁCS, György. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978.

MARTINS, Lígia Márcia. A natureza histórico-social da personalidade. **Caderno Cedes**, Campinas-SP, vol. 24, n. 62, pp. 82-99, abril, 2004.

MURIBECA, Maria Lúcia Maia. **Orientação Educacional: a contextualização de um caminhar**. João Pessoa: UFPB Editora Universitária, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas-SP: Ed. Autores Associados, 2012.

SANTOS, Neide Elisa Portes dos. Orientador educacional. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/orientador-educacional/>. Acesso em 20/09/2021.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CAPÍTULO 11

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: A INVISIBILIDADE E O ACOLHIMENTO AO ORIENTADOR EDUCACIONAL

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

O papel da Orientação Educacional durante o isolamento social na escola

O Orientador Educacional visa contribuir na construção da aprendizagem e na garantia dos direitos dos estudantes, articulando a necessidade de um trabalho coletivo entre escola e família. Em tempos de isolamento social, a mediação entre o estudante com a escola torna-se essencial.

Além dos processos de ensino e aprendizagem, o estudante precisa do acompanhamento de um profissional no seu processo de desenvolvimento pessoal, tendo suas emoções e sentimentos levados em consideração. Em parceria com os docentes, é possível compreender o comportamento dos discentes e facilitar a gestão de conflitos no ambiente escolar.

Responsável pela formação socioemocional, intelectual, crítica e social, o Orientador Educacional deve promover ações buscando acolher, ouvir, atender e orientar esses estudantes para que dentro de cada realidade seja possível desenvolver as atividades escolares de acordo com as possibilidades pessoais de cada um.

A dificuldade de adaptação e organização da rotina de estudos, problemas de convivência dentro do círculo familiar tornou a função do Orientador ainda mais essencial justamente por ser o responsável a oferecer mecanismos e ferramentas que deem esse suporte.

Além disso, há a elaboração de estratégias e conteúdos virtuais que possam contribuir para a formação psicossocial dos alunos.

O atual cenário que nossa sociedade vive traz à tona a visibilidade do “currículo

oculto”, pouco valorizado anteriormente e necessitando ser trabalhado e colocado em prática durante o ensino remoto.

O papel da Orientação Educacional durante o isolamento social na sociedade

Não apenas os estudantes devem ser acolhidos, mas também seus familiares. Não raros são os casos de perdas de familiares, desemprego, perdas financeiras entre outros desafios diversos com os quais os lares estão enfrentando.

O confinamento dos educandos com seus familiares gerou e gera constantes conflitos que refletem diretamente no desempenho escolar estudantil. O aumento dos casos de negligência, violência física e sexual, tentativas de suicídio também foram observados.

A parceria com órgãos de apoio, como Conselho Tutelar, Ministério Público, Centro de Valorização da Vida são essenciais para a manutenção, na medida do possível, do bem-estar desses jovens e famílias.

O Orientador Educacional é a ponte entre as famílias e a escola, onde de acordo com cada situação familiar os estudantes poderão participar e realizar as atividades escolares dentro das suas possibilidades e condições de acesso ao conteúdo virtual ou impresso.

Se não houver essa ponte de comunicação, a escola não saberá como proceder para fazer com que o conteúdo pedagógico chegue até cada aluno.

Infelizmente os recursos escolares, principalmente na rede pública, são escassos, impedimento melhor efetividade dessas ações institucionais.

A invisibilidade do Orientador Educacional

Durante o período de isolamento social muito se falou sobre a sobrecarga dos professores, mas pouco tem se falado sobre as demandas do Orientador Educacional.

Como o responsável dos aspectos socioemocionais dos membros da escola, pouco se analisa como todo o atual cenário afeta o emocional e o psicológico desses profissionais.

Ainda não são todas as escolas que compreendem o papel e a função dos orientadores educacionais na escola. Além disso, possuem suas atribuições constantemente confundidas com às dos psicólogos ou com direcionamento disciplinar. Há uma luta diária por reconhecimento, espaço de trabalho, visibilidade e valorização.

Para a adaptação a essa nova realidade, muito tem sido pensando em como dinamizar e tornar as aulas mais atrativas para manter alunos conectados e interessados, com diversas ferramentas e formações aos professores.

Porém, raramente os órgãos responsáveis pela educação discorreram em como seriam oferecidos os acompanhamentos das equipes de apoio escolar, causando aflição e desconforto nesses profissionais por não saberem como nortear o seu trabalho nesse momento social delicado com o qual vivemos.

Essa falta de visibilidade, suporte e nortear acabou distanciando orientadores de suas funções pelo sentimento de incapacidade de contribuir na melhoria desse cenário.

Os profissionais passaram a criar estratégias próprias de acordo com a faixa etária e realidade de cada ambiente escolar.

Com o acesso remoto e a limitação de contato com os estudantes e famílias, os acompanhamentos por meio dos ambientes virtuais nem sempre proporcionam a conexão necessária para criar um elo de confiança no diálogo, além do limite de leitura da linguagem corporal e o tom de voz, pois muitas vezes os estudantes e os responsáveis conversam por meio de mensagens de texto.

E nos casos de violência doméstica, os agressores geralmente monitoram os aparelhos celulares ou não há um ambiente que proporcione a privacidade necessária para a escuta desse indivíduo.

Por outro lado, as opções de contato aumentaram, possibilitando um acesso mais direto e imediato através da utilização das tecnologias disponíveis como o uso do WhatsApp, videochamadas, Google Meet, Google Chat, Google Classroom, Instagram, Telegram, Facebook, e-mail, entre outros que apesar da distância física, aproximou as possibilidades de comunicação.

Com a atualização dessas novas ferramentas, a mediação e o diálogo também precisaram ser reformulados e adaptados. A forma de se comunicar presencialmente sofre alteração e adaptação para melhor compreensão nesses meios de acesso onde os ruídos na comunicação cresceram significativamente.

Por conta dessa “atualização” não é levado em consideração que os orientadores educacionais mais experientes e pouco familiarizados com esses recursos e que possuem dificuldade no manuseio dessas novas ferramentas virtuais. Há necessidade de suporte e

formação para o desempenho das novas atividades no ensino remoto.

Cabendo mais uma vez aos profissionais dessa área a procurar e elaborar estratégias e recursos que atendam a necessidade de diálogo diminuindo o máximo possível os ruídos dessa comunicação.

Além das demandas que já eram de competência do Orientador, novas pautas e assuntos foram atualizadas e que precisam da atualização, estudo, pesquisa, apropriação, aprimoramento das suas competências profissionais.

Falta de documentos norteadores, direcionando o trabalho da Orientação Educacional, falta de diretrizes para a garantia do atendimento, segurança e sigilo nas informações recebidas seja por meio dos alunos, dos professores ou das famílias.

A ausência de instruções (como ofícios, Portarias da SEDF ou MEC) para o embasamento nas ações pedagógicas e encaminhamentos devidos trouxe sentimento de insegurança e receio na forma de como acessar e se comunicar com a comunidade escolar de modo geral, garantindo que seus direitos sejam garantidos. Sem contar a falta de comunicação e acesso a outros órgãos parceiros como Conselhos Tutelares e Ministério Público.

A insuficiência de informações acerca do trabalho pedagógico desses agentes da educação é um reflexo da invisibilidade desse setor seja na rede escolar de modo geral, seja na comunidade escolar.

E essa invisibilidade é acompanhada do desconhecimento da função da orientação e a sua importância no contexto escolar e social, além do desgaste mental e emocional desses profissionais.

Negligenciando as emoções

O profissional da Orientação Educacional antes de ser o acolhedor das emoções alheias, precisa aprender a acolher e a identificar suas próprias emoções. É necessário reconhecer sua própria humanidade e vulnerabilidade.

Somos seres sociáveis, fomos feitos para viver e trabalhar com outras pessoas. O isolamento social, a quebra da rotina, falta de convivência com seus pares, a necessidade de pertencimento estão sendo os maiores causadores do adoecimento emocional desses agentes da educação.

Há uma cobrança subliminar e até mesmo inconsciente do próprio servidor de que quem “cuida” dos outros não precisa ser cuidado. Suas próprias emoções e sentimentos são negligenciados, se tornando uma esponja dos problemas escolares e pessoais, muitas vezes sem uma alternativa como válvula de escape para seus sentimentos.

É indissociável o profissional do ser humano. Somos frequentemente “treinados” para que questões pessoais não interfiram no campo profissional. E em um momento histórico da sociedade, todas as pessoas, não importando a idade ou papel social, estão vivendo num mesmo cenário, mesmo que em circunstâncias diferentes.

A cobrança de produtividade e elaboração de materiais pedagógicos inovadores e atrativos são outros causadores de adoecimento e desgaste mental.

Em sua grande maioria, já passaram ou passam por situações de contágio do vírus Covid-19, perda de pessoas próximas, perdas financeiras e demais situações que causam desconforto e desestabilização emocional.

A escuta ativa não deve ser somente uma ferramenta de trabalho com os outros, mas consigo mesmo. Aprender a ouvir suas próprias necessidades e pedidos é um dos maiores desafios.

Perceber o momento de pausar, descansar os pensamentos, promover momentos de distração e relaxamento para o desenvolvimento da própria qualidade de vida.

Aceitar as emoções e os barulhos que a nossa mente produz faz parte do processo de aperfeiçoamento profissional.

Se eu como orientadora educacional, consigo me conduzir ao bem-estar, compreendendo as minhas dificuldades e as minhas limitações, mais me aproximo do outro.

Acolhimento aos Orientadores Educacionais

O acompanhamento de profissionais especializados na saúde emocional é essencial para um bom desempenho das atividades profissionais do Orientador Educacional. Porém o acolhimento deve ter como ponto de partida a própria instituição educacional no qual atua.

Se o seu ambiente primário de trabalho não oportuniza espaço de trabalho, formações, reconhecimento, valorização, apoio às ações propostas não haverá incentivo em inovar e acolher os outros.

O apoio e colaboração da direção escolar, supervisores, coordenadores e professores é fundamental para uma boa execução das suas funções. O trabalho em equipe e em parceria fortalece todos os serviços oferecidos pela escola.

A Secretaria de Educação em parceria com redes de apoio precisa dar suporte emocional e psicológico a esses servidores não somente para o apoio no desempenho profissional bem como na melhoria da sua qualidade de vida pessoal.

Referências bibliográficas

ARNALDO, Colégio. **Como a Orientação Educacional pode ajudar os alunos nas aulas remotas**. Disponível em: [Orientação educacional: benefícios para as aulas remotas \(colegioarnaldo.com.br\)](http://colegioarnaldo.com.br). Acesso em: 15 de junho de 2021.

DIAS, Cristiane Barroso. **O que me afeta, enquanto orientadora educacional, em tempos remotos**. Disponível em: [1 Cristiane Dias O que me afeta.pdf \(revistadoisat.com.br\)](http://revistadoisat.com.br). Acesso em: 16 de junho de 2021.

CAPÍTULO 12

A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁXIS DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DA ESCOLA CLASSE DO SETOR P NORTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Lucélia de Lima Soares

Maria da Graça Gomes da Silva

O ano de 2020 teve início com dois grandes tsunamis sociais: o aprofundamento da crise econômica e, desde meados de janeiro, a perigosa difusão planetária da Covid-19. Na ausência de tratamento e de vacinas, após resistências iniciais das agências do capital e, mesmo, da OMS, a voz das instituições científicas afirmou: não há outro jeito de impedir uma imensa catástrofe humanitária de alcance mundial a não ser através das políticas de confinamento social. Desde então, a partir de meados de março, escolas e universidades suspenderam suas atividades e setores produtivos estão sendo forçados a interromper parte de seus processos de produção.

Dessa forma, uma das principais estratégias adotadas para conter a disseminação da Covid-19 engloba o fechamento de escolas. Esta medida impacta cerca de 1,6 bilhões de estudantes em mais de 170 países (91,3% da população mundial de estudantes). O Banco Mundial defende que a interrupção do calendário escolar por tempo indeterminado causará perdas educacionais irreparáveis, em um cenário que o Banco já caracterizava como sendo de crescente pobreza na aprendizagem (learning poverty). Para mitigar estas supostas perdas, o Banco recomenda que sejam fornecidas oportunidades de aprendizagem remota no período em que durar a interrupção das aulas.

E, nesse cenário pandêmico, encontra-se a Escola Classe do Setor P Norte de Ceilândia, ela foi criada a partir da doação de um terreno por um dos proprietários de terras da região, para atender aos filhos dos produtores rurais que viviam nesta comunidade exclusivamente agrícola.

A escola foi credenciada pela Portaria 124, de 14 de julho de 1999, em que a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 87, inciso I, do regimento aprovado pelo Decreto 2.893, de 13 de maio

de 1997 e considerando o Processo 082.003.493/93, resolve: Credenciar por três anos, a Escola Classe do Setor P. Norte, situada à Estrada da Cascalheira s/nº, zona rural, Ceilândia-DF, mantida pela SEEDF, com autorização para ministrar a Educação Básica - Educação Infantil e Ensino Fundamental. E posteriormente, pela Portaria 003, de 12/01/2004, da SEEDF que a denominou como escola urbana.

Inicialmente, a escola possuía apenas um bloco administrativo e um bloco com três salas para atendimento aos estudantes oriundos das proximidades, sendo por isso classificada como Escola Rural. Com a fragmentação das chácaras em lotes, a comunidade se expandiu de maneira desordenada, mudando radicalmente as particularidades da região.

Assim, a escola, por consequência, foi obrigada a atender a tal crescimento, reformulando assim suas características de escola rural para escola urbana, bem como sua classificação. Houve então uma ampliação do seu espaço físico e atendimento de mais turmas em cada segmento escolar e, a partir disso, o número de alunos cresce ano a ano.

Portanto, atualmente, a Escola Classe P. Norte (ECPN), CNPJ 03.125.650/0001-51, localizada na Estrada da Cascalheira S/Nº. VC 311 - Setor “P” Norte – Ceilândia, conta com 13 salas de aulas construídas ou adaptadas para o uso permanente na atividade de ensino-aprendizagem, laboratório de informática, parque infantil, sala de leitura, brinquedoteca, banheiros acessíveis às crianças pequenas, bem como um banheiro adaptado, sala multiuso, sala de equipe especializada de apoio à aprendizagem, sala da Orientação Educacional, cantina, sala dos professores, sala da Direção, secretaria, depósito e caixa d’água para o desenvolvimento das atividades técnicas-pedagógicas.

Em relação ao perfil dos estudantes e da comunidade escolar, social e economicamente, vivem em situação de vulnerabilidade social. Os estudantes não têm opções de lazer e cultura na região, precisando se deslocar para outras localidades, inclusive em busca de serviços públicos básicos. Não existem espaços para prática de esportes ou de convivência, por isso a escola tem se tornado um centro de lazer e cultura, proporcionando aos estudantes, e também aos seus familiares, o acesso a oportunidades de vivência cultural e social.

É nesse contexto que a Orientação Educacional da Escola Classe P Norte atua. Portanto, antes da pandemia de Covid-19, a Orientação Educacional atuava de forma presencial, tanto os projetos, quanto os atendimentos aos estudantes, professores e comunidade, eram feitos de forma presencial, ou seja, dentro da escola. Assim, este relato

buscará explicar como se deu a ressignificação da práxis da Orientação da Escola Classe do Setor P Norte no contexto pandemia, especificamente no ano de 2020.

Iniciamos o ano de 2020 com muitas demandas escolares para resolver, a primeira delas foi relacionada ao recreio, que se apresentava como um problema para a gestão da escola, pois as crianças pareciam não saber brincar ou lidar com regras para o bom convívio entre os pares na hora desse lazer.

Dessa forma, a gestão solicitou à Orientação um projeto que contemplasse o recreio e que minimizasse a indisciplina dos estudantes durante as brincadeiras. Assim, ficamos cerca de três semanas observando o comportamento das crianças e discutindo o que fazer para melhorar o recreio. Após as etapas da observação e das conversas com os estudantes, coordenações e direção sobre estratégias para a melhoria do recreio, o projeto ficou pronto e o apresentamos à direção da escola, mas, devido à pandemia, ele não chegou a ser executado.

Contudo, durante as observações para elaborar o projeto do recreio, percebemos ainda que muitas crianças apresentavam cáries na boca, em especial as crianças da Educação Infantil. Dito isso, fomos ao Serviço Social do Comércio em Ceilândia (SESC) no intuito de conseguir uma palestra sobre saúde bucal para as crianças. Logo, conseguimos agendar, além da palestra, uma entrega de kit de higiene e a aplicação de flúor para todos os estudantes, mas, infelizmente, a pandemia não deixou que acontecesse. A Orientação Educacional tentou desenvolver estas duas ações antes que o Decreto do governador fosse publicado, ou seja, enquanto estávamos no ensino presencial em 2020.

Portanto, assim que o Decreto de número 40.509 de 11 de março de 2020 do Governo do Distrito Federal foi publicado, ficamos em casa, de início, por cinco dias e, posteriormente, o recesso escolar de 15 dias, que aconteceria no mês de julho, foi antecipado com o Decreto de 40.520, de 14 de março de 2020. Assim, de Decreto em Decreto, ficamos cerca de 3 meses trabalhando pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, realizamos ainda várias ligações aos responsáveis na tentativa de localizar os estudantes para que os professores pudessem realizar seus trabalhos.

Então, em 29 de junho de 2020, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) apresentou às escolas a plataforma Google Sala de Aula, que se tornou a ferramenta de trabalho de todos os servidores públicos da educação do Distrito Federal. Dessa forma, para auxiliar o trabalho de todos os envolvidos no processo educacional, foram

ofertados três cursos rápidos Moodle on-line, G Suite e Produção de Materiais. Ao término dos cursos, começamos o trabalho com a plataforma e com a difícil missão de explicar aos pais como a ferramenta funciona. A Orientação Educacional foi adicionada em todas as salas de aulas virtuais, na ECPN são 32 classes. Além disso, o curso Aprender Sem Parar Orientação Educacional também passou para o formato à distância, no qual as aulas acontecem via Google Meet e no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Consequentemente, com tantas mudanças acontecendo no âmbito educacional e em tão pouco tempo, a Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte (ECPN) precisou se reinventar e **ressignificar** sua **práxis** para atender as demandas escolares. Portanto, segundo o autor Adolfo Sánchez Vásquez, “assim entendida, a práxis é a categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de transformação” (VÁSQUEZ, 1977, p. 5)

Nesse contexto, também é importante entender a função e o conceito da palavra ressignificar: “é um verbo transitivo que caracteriza a ação de atribuir um novo significado a algo ou alguém. Ele está relacionado com o processo de ressignificação, um método da neolinguística que faz com que as pessoas possam dar novos significados a acontecimentos da vida, a partir da sua mudança na percepção do mundo”.

Além disso, muitas demandas foram se mostrando importantes durante o ensino remoto. Portanto, a Orientação Educacional da ECPN realizou ações de suma importância para o processo de ensino aprendizagem como um todo. Com efeito, segundo o caderno da Orientação Educacional, Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - OP, “O trabalho da Orientação Educacional deve estar articulado às demais instâncias da unidade escolar, bem como à família e à comunidade, estabelecendo uma rede social e institucional de proteção e garantia aos direitos dos estudantes e de melhoria da qualidade da educação” (OP da Orientação Educacional, 2019, p. 23). Assim, descrevemos abaixo o conjunto de ações realizadas durante os anos de 2020 e 2021, bem como o conjunto de ações futuras projetadas.

Ação de implantação da Orientação Educacional

Nessa ação, identificamos a sala da Orientação Educacional colocando uma placa na porta, organizamos os equipamentos, materiais de expediente e mobiliário apropriado para arquivamento dos registros de atendimentos.

Ações Institucionais

“As ações institucionais concentram-se em atividades realizadas para contribuir com a articulação da comunidade escolar, na elaboração e na implementação do Projeto Pedagógico PP – e da avaliação institucional” (OP da Orientação Educacional, 2019, p. 63). Nesse contexto, iniciamos o trabalho remoto sondando junto aos professores a lista com nomes dos estudantes que não foram localizados por eles.

Com a lista de nomes em mãos, solicitamos à secretaria da escola as listas completas de todas as turmas, contendo nome das crianças, endereços, números de telefones e nome dos responsáveis pelas matrículas delas. Assim, com o material em mãos, iniciamos a busca ativa das crianças através de ligações telefônicas, mensagens de textos, mensagens via WhatsApp, Instagram e Facebook; e colocamos uma faixa no portão da escola com o objetivo de localizar as crianças através da comunidade. Logo, fomos reduzindo o número de estudantes não localizados, que inicialmente eram, aproximadamente, 120 estudantes.

Contudo, para localizar os estudantes que não logramos êxito na busca, contratamos o serviço particular de um motoboy, que levou cartas de convocação aos endereços desses estudantes. O motoboy levou 41 cartas e conseguiu localizar 17 estudantes e, assim, com o trabalho de busca ativa articulado junto à direção, que colocou, inclusive, um carro de som na busca, terminamos o ano letivo de 2020 com 32 estudantes não localizados.

Com a necessidade de auxiliar o trabalho pedagógico, a Orientação Educacional participou do Projeto Interventivo junto à coordenação do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). Nesse projeto, elaboramos e executamos as atividades das aulas para ministrar via Google Meet aos estudantes com dificuldades de aprendizagem.

Ações junto aos professores

De acordo com o caderno da Organização Pedagógica da Orientação Educacional (2019, p.67):

“As ações junto aos professores compreendem as atividades realizadas com o intuito de cooperar com o processo pedagógico voltado à aprendizagem e desenvolvimento integral do estudante, refletindo e analisando as práticas pedagógicas, o desempenho dos estudantes, as possíveis dificuldades de escolarização, bem como colaborando para repensar a práxis dos educadores e mediando conflitos”

Assim, para auxiliar os professores, participamos de reuniões setorizadas de planejamento das atividades junto à coordenação pedagógica e aos professores de cada segmento, colaborando com sugestões e ideias para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Ainda no auxílio aos professores e percebendo que eles apresentavam uma baixa autoestima diante do novo cenário que a sociedade começava a vivenciar, propomos o projeto “Show de talentos da ECPN”, que foi realizado com todos os profissionais da instituição e consistia em os inscritos gravarem um vídeo demonstrando suas habilidades artísticas. O projeto foi incrível, emocionante e premiou os três melhores trabalhos.

Ações junto aos estudantes

Os estudantes são a prioridade número um no trabalho da Orientação Educacional, e de acordo com a OP da Orientação Educacional (2019, p. 71):

“As ações junto aos estudantes compreendem as atividades realizadas para ampliar suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento integral, assim como no meio escolar e social, tendo em vista a sua formação como sujeitos autônomos, críticos e participativos”

Portanto, para auxiliar os estudantes durante o ensino remoto, a Orientação Educacional promoveu algumas ações e, em articulação à Equipe de Apoio à Aprendizagem, promovemos rodas de conversas com os estudantes, para realizar a escuta ativa e sensível de suas angústias referentes ao ensino remoto. Isso propiciou à Orientação Educacional uma reflexão acerca dos rumos que nossa práxis deveria tomar.

Dessa forma, procuramos algumas parcerias para a realização de palestras e oficinas que beneficiassem nossos estudantes. Assim, a Polícia Militar do Distrito Federal trabalhou o tema “Prevenção ao uso de drogas” em uma palestra online, via Google Meet e o Cordelista e Orientador Educacional Raimundo ofereceu aos nossos estudantes uma oficina de Cordel.

Ademais, realizamos um concurso de desenho com o tema “O que mais amo em minha vida”, com o objetivo de trabalhar a valorização da vida e elevar a autoestima das nossas crianças. O projeto foi um sucesso, recebemos desenhos belíssimos e foram premiados os 3 melhores desenhos de cada turma.

Ação junto às famílias

“As ações junto às famílias são as atividades realizadas para contribuir no processo de integração família-escola-comunidade, por meio de ações que colaborem e/ou orientem a família no processo educativo e estabeleça compromissos compartilhados para a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante” (OP da Orientação Educacional, 2019, p. 71).

Tendo em vista que a comunidade escolar da ECPN vive em extrema situação de vulnerabilidade social e nossas crianças estão expostas a todo tipo de violência, realizamos rodas de conversas para escuta ativa e sensível de suas angústias referentes ao período de pandemia. Além disso, e em parceria com o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), foi ofertada uma palestra online intitulada “Maria da Penha vai à escola”, para prevenção da violência doméstica.

Ações realizadas no ano de 2021

Com o início do ano letivo em 2021, ainda de forma remota, a Orientação Educacional continuou a realizar ações de acolhimento aos profissionais da escola e aos discentes, com o objetivo de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Dentre elas, estão: Vídeos de acolhimento, rodas de conversas com os estudantes, Palestra da equipe 18 de maio para os estudantes, Palestra com a Assistente Social Marissa, Formação para os professores com o tema “Método Fônico de Alfabetização!”, Participação nas reuniões setoriais de planejamentos das atividades escolares e Participação na reestruturação do Projeto Político e Pedagógico da escola.

Projeções futuras da Orientação Educacional

Dentro do nosso Plano de Ações estão previstas as projeções das ações que desenvolveremos futuramente de forma remota ou presencial. São elas: Comemorar a chegada do Natal através do envio de cartões natalinos virtuais a toda comunidade escolar; Homenagem às crianças com o concurso de desenho sobre o dia das crianças; Atendimento individual aos estudantes e às famílias; Palestra de prevenção à violência doméstica: Semana Maria da Penha Vai à Escola.

Estão previstas ainda outras ações como, o Projeto de transição das etapas Educação infantil e quintos anos; Palestra de higiene pessoal e bucal; Outubro rosa: Palestra de Prevenção ao Câncer de Mama; Novembro azul: Palestra de Prevenção ao Câncer de Próstata; Realizar rodas de conversas com professores, com as famílias e com os estudantes em articulação com a EEAA; Projeto Setembro Amarelo: Acolhimento à Equipe Gestora com mensagem de apoio e valorização à vida; Dia do Gestor: Homenagem à Equipe Gestora com mensagem em vídeo e café da manhã; Projeto Setembro Amarelo: Palestra de prevenção ao uso de drogas destinada aos estudantes em parceria com a PMDF.

Referências bibliográficas

COLEMARX. Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas. Disponível em:

[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Colemarx-texto-cr%C3%ADtico-EaD-2%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Colemarx-texto-cr%C3%ADtico-EaD-2%20(1).pdf)
Acesso em 04/06/2021

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Aprender Sem Parar Orientação Educacional. Disponível em:

<https://eapeonline.se.df.gov.br/course/view.php?id=2055> Acesso em 28/06/2021

_____. **Organização Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.** Brasília: SEEDF, 2019.

_____. **Proposta Pedagógica Escola Classe do Setor P Norte.** Brasília, SEEDF, Disponível em:

https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2020/07/pp_ec_p_norte_ceilandia.pdf
f Acesso em: 04/06/2021

Significado e Resignificar: o que é resignificar? **Singificados.com.** Disponível em:

<https://www.significados.com.br/ressignificar/#:~:text=Resignificar%20%C3%A9%20um%20verbo%20transitivo,significado%20a%20algo%20ou%20algu%C3%A9m.&text=A%20ressignifica%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20elemento,e%20propicia%20prazer%20%C3%A0s%20pessoas>. Acesso em 28/06/2021

VÁZSQUÉZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da práxis.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CAPÍTULO 13

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: DIÁLOGOS E TROCA DE SABERES ENTRE A EDUCAÇÃO BÁSICA E A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Maria Delmair Lacerda Queiroz

Fernando Bomfim Mariana

“É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. é a demonstração concreta do profundo amor ao ser humano, que move o diálogo que sustenta a vida e a formação de coletivos críticos e libertários.”

Paulo Freire

Os profissionais Pedagogos-Orientadores Educacionais (OE) podem atuar em todas as etapas (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio) e modalidades (EJA, Ensino Especial, Educação profissionalizante, Educação do Campo) da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Eu estava vivenciando a experiência nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5ºano), quando no encerramento do primeiro semestre de 2018, o professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) e pai de dois alunos da Escola Classe em que eu estava atuando, Fernando Bomfim, me convidou para uma Roda de Conversa com uma de suas turmas de ensino de graduação, em específico, a turma que estava concluindo, naquele semestre, a disciplina Orientação Educacional.

Aceitei o convite e/ou o desafio porque acredito na potência e necessidade do diálogo entre teoria e prática, entre academia e o “chão da escola”. E por falar nisso, recentemente o termo “chão da escola” foi considerado um termo preconceituoso. Do meu ponto de vista, é algo a se questionar, pois no meu fazer e sentir, o “chão da escola” tem a ver com estar aterrado, presente no tempo e no espaço. E aí entra o “casamento” da teoria com a prática,

indissociável! Afinal como se constrói a práxis? A necessária ação-reflexão-ação no dia a dia da escola é fundamental para dar significado ao processo de ensino e aprendizagem.

Mas a Orientação Educacional... o que é mesmo? Uma pergunta que parece nunca se calar! Dos meus quase 30 anos de SEE/DF, 25 são exercendo a Orientação Educacional e ainda me perguntam o que faz um Orientador Educacional. Então vejamos uma breve explicação (definição e estruturação) dessa função na SEE-DF:

A Orientação Educacional encontra-se na organização pedagógica da escola, e seu foco é o processo de ensino e aprendizagem do estudante.

O Currículo em Movimento (Currículo da SEE/DF), alicerçado na Psicologia Histórico-cultural e na Pedagogia Histórico-crítica, há que nortear o fazer desse profissional dentro da Unidade Escolar.

Para além do Currículo da SEEDF, da Base Nacional Comum Curricular, da Lei de Diretrizes da Educação Brasileira que outros documentos legais embasam o fazer do Pedagogo-Orientador Educacional?

- a) O Regimento Interno da Rede Pública de Ensino do DF: define a profissão e a atuação do Pedagogo-Orientador Educacional nos artigos 126 e 127, já as atribuições são descritas nos artigos 128 e 129. Vejamos os dois primeiros artigos aqui citados:

Art. 126: A Orientação Educacional é serviço especializado, desempenhado pelo Pedagogo-Orientador Educacional, para o acompanhamento e o apoio dos profissionais da educação, dos estudantes, seus familiares e articulação da comunidade escolar e da rede externa (rede social ou rede de apoio), quanto ao processo de ensino e aprendizagem e das relações humanas que os cercam. Parágrafo único. O Pedagogo-Orientador Educacional é profissional concursado e parte integrante da equipe pedagógica da unidade escolar.

Art. 127: A atuação do Pedagogo-Orientador Educacional deve partir do princípio da ação coletiva, contextualizada, integrada ao Projeto Político Pedagógico - PPP, visando à aprendizagem e ao desenvolvimento integral do estudante como ser autônomo, crítico, participativo, criativo e protagonista, capaz de interagir no meio social e escolar e de exercer sua cidadania com responsabilidade.

- b) Orientação Pedagógica (OP) dos Orientadores Educacionais da SEEDF: atualizada e lançada no dia 03 junho de 2019, no Museu da República, concomitante ao evento de acolhida dos novos Orientadores Educacionais -506

profissionais empossados entre 2018 e 2019 pela SEE/DF. Esta OP pauta 6 eixos de ação para articulação do trabalho do Orientador Educacional, no âmbito da Unidade Escolar:

1. Implantação da OE na escola (estruturação do espaço físico, promoção da identidade da Orientação Educacional, organização dos instrumentos de registro)
2. Ações Institucionais (análise da realidade, planejamento coletivo, intervenção e acompanhamento)
3. Ações junto aos professores (apoio pedagógico individual, ação pedagógica no coletivo)
4. Ações junto aos estudantes (ações educativas no individual e no coletivo)
5. Ações junto à família (integração família-escola, atenção pedagógica individualizada)
6. Ações em rede (rede de proteção social e rede interna)

É no exercício dessas ações que nosso trabalho vai se constituindo, fazemos um trabalho de coxia: “atrás das cortinas” acontece a escuta ativa do estudante/do professor/da família; o acolhimento do multiculturalismo; os encaminhamentos para as redes de apoio; o “aparar arestas” que estão impedindo ou dificultando o fluir natural do processo de ensino e de aprendizagem.

Mas embora haja a fundamentação legal que define a OE, durante todos esses anos, nos Encontros de Articulação Pedagógica, às sextas feiras, em que se reúnem os Orientadores Educacionais da mesma Coordenação Regional de Ensino, discutimos nossa IDENTIDADE PROFISSIONAL. Confesso que às vezes isso me irritava, era como se eu tivesse que provar a existência da OE. Mas hoje vejo com lucidez essa constante reflexão. É o movimento dialético da educação, ela caminha com o tempo e toma forma no espaço que ocupa.

Há ainda uma tendência a “rotular” o Orientador Educacional como o profissional “amoroso”. Toda generalização nos convida a filosofar! A quem serve essa imagem profissional? Seria uma forma de atribuir apenas ao OE “enxergar” o estudante em sua integralidade? Não seria papel de todo educador desenvolver ações que contemple todas as dimensões humanas? E cá estou questionando nossa IDENTIDADE!

Atuar na Orientação Educacional, especialmente na escola pública brasileira, implica

não apenas ter conhecimento acadêmico, mas traçar ações para o enfrentamento das violências estruturais e culturais que acometem nossas escolas e para tanto é fulcral compreender a importância do trabalho coletivo, superar a precariedade da formação inicial e continuada dos professores, lutar por justiça social.

Para além da amorosidade, há que desenvolver competência profissional e emocional, um olhar integral sobre o estudante: SER/coração; APRENDER/razão; TRANSFORMAR/corpo; compreender as dimensões constitutivas do sujeito em processo de aprendizagem requer conhecimento, ação e principalmente: acreditar no ser humano!

* * *

Os professores do Magistério Superior – em especial os professores da Faculdade de Educação – devem dialogar permanentemente com as trabalhadoras e trabalhadores da Educação Básica. O distanciamento entre trabalhadorxs da educação nos seus diversos níveis de ensino é um legado das organizações burocráticas autoritárias: devemos superar essa distância e aproximar a Universidade dos cotidianos das escolas. A compreensão da importância do diálogo e da troca de saberes entre profissionais da educação nos diferentes níveis de ensino é o objeto deste texto.

No primeiro semestre do ano de 2018 recebi o desafio de ministrar a disciplina de “Orientação Educacional” no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. No entanto, meu lugar de fala não seria como Orientador Educacional, porém de um trabalhador da educação e pesquisador científico da área “Educação e Trabalho”. Aceitei o desafio, uma vez que na minha concepção profissional os professores não devem “transmitir” conhecimento, mas sim “trocar” conhecimentos e construir coletivamente algo novo, advindo das relações sociais em sala de aula, e concreto nas suas infinitas formas de sistematização.

Nesse contexto iniciei meu aprofundamento nos estudos da Orientação Educacional, e a disciplina de graduação encontrou muito dinamismo e debates fantásticos na área. No entanto, algo nos incomodava: onde está a voz da Orientação Educacional? Foi nessa inquietação coletiva do curso de Pedagogia que convidei a orientadora educacional Delmair Queiroz para realizar uma roda de conversa no curso de Pedagogia da UnB.

No dia 05 de julho de 2018, no final da tarde, encontrei Delmair na Faculdade de Educação de Brasília, e a brilhante Orientadora Educacional iluminou nossa turma com um depoimento maravilhoso sobre o trabalho na Orientação Educacional no Distrito Federal,

seguido de um debate caloroso com os alunos. A partir desta data percebi a indissociabilidade entre a disciplina de graduação “Orientação Educacional” do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e os diálogos e troca de saberes com os profissionais da Orientação Educacional que trazem a realidade da escola e da Educação Básica para a universidade.

Ao longo de minha atuação junto ao trabalho da Orientação Educacional, passei a compreender a importância das articulações entre esta área da educação e as ações acadêmicas nas universidades brasileiras, em especial no ensino, na pesquisa e na extensão. No campo do ensino, ressalto a participação de Orientadores Educacionais nas aulas de graduação e de pós-graduação. No campo da pesquisa, os projetos de Iniciação Científica com temas relacionados ao trabalho da Orientação Educacional no Brasil e, além disso, o acolhimento de orientadores e orientadoras educacionais nos Programas de Pós-Graduação para uma efetiva qualificação profissional ao nível de Mestrado e Doutorado. No campo da extensão, as proposições de atividades diversas em parcerias com as escolas que comportam projetos pedagógicos inovadores. As referências bibliográficas citadas neste texto estão, inclusive, circunscritas aos recentes estudos da Orientação Educacional na UnB.

No contexto específico da pandemia de Covid-19, tais ações articuladas entre a Faculdade de Educação da UnB e a Orientação Educacional na Educação Básica no Distrito Federal foram impactadas e ressignificadas. As participações das orientadoras educacionais nas disciplinas de graduação do curso de Pedagogia da UnB se deram através do ensino virtual.

Na pesquisa de iniciação científica foi aprovada uma investigação acerca do trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 (em curso). Na pesquisa de nível de Pós-Graduação (Programa de Pós-Graduação em Educação Modalidade Profissional – PPGEMP/UnB) foram finalizadas duas dissertações de Mestrado, ambas defendidas em dezembro de 2021: “Educação ambiental e práxis no trabalho pedagógico do Orientador Educacional na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal”, da mestra Maria Eugênia Monteiro, e “Narrativas de Orientadoras Educacionais de Escolas Públicas: contribuições a partir da atualidade da Educação de Jovens e Adultos no Distrito Federal”, da mestra Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes.

Ressalto outras duas pesquisas no PPGEMP/UnB em fase de desenvolvimento por orientadoras educacionais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

(SEEDF), sejam: “O Orientador Educacional como agente público na prevenção e enfrentamento ao abuso sexual contra crianças e adolescentes”, de Tais Mirelle Moreno Silva, e “A Orientação Educacional e a promoção da garantia dos direitos das crianças: desafios e possibilidades”, de Cláudia Roberta Rosa da Silva.

A Gerência da Orientação Educacional da SEEDF contribuiu imensamente para a continuidade dos diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a UnB: a articulação desta obra – coletânea de textos de orientadores educacionais no contexto da pandemia – não seria possível sem a colaboração de sua equipe.

Finalmente, destaco a importância da união de trabalhadoras e trabalhadores da educação na defesa da escola pública, gratuita, de qualidade e laica. Tais características da escola representam uma plataforma de luta que alcança inúmeras concepções para outro desafio: a transformação da sociedade para além das estruturas capitalistas da educação instrumentalizada, em especial para a hierarquia social e para a alienação no trabalho. Assim, aponto as especificidades da profissão do Orientador Educacional nesse contexto de tempos de mudança.

Por um lado, as demandas curriculares das inacabáveis reformas governamentais numa conjuntura de destruição da educação pública e de graves suspeitas de corrupção generalizada nas instâncias do governo federal. Por outro lado, as permanentes continuidades dos elementos do currículo oculto que permeiam a organização do cotidiano escolar.

Acreditar no ser humano é acreditar na utopia enquanto pilar fundamental nos contextos educativos. Trabalhadorxs da educação sem utopia não conseguirão alcançar transformações basilares para a escola e para a nossa sociedade, e o sonho que nutre nossa condição humana – a janela da alma – não pode esmorecer. Esperançaremos, sempre!

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Orientação Pedagógica para a Orientação Educacional** na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília: SEEDF, 2019.

_____. **Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal** – Subseção II: Da Orientação Educacional. Brasília: SEEDF, 2019. pp. 59-62.

_____. **Caderno Orientador: Convivência Escolar e Cultura de Paz**. Brasília: SEEDF, 2020.

GALLO, Sílvio. Heterotopias no espaço educacional: repensando as relações de poder nas práticas pedagógicas. In: MARTINS, Angela Maria Sousa; BONATO, Nailda Marinho da Costa. (orgs.). **Trajetórias históricas da educação**. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

GRINSPUN, Mirian Paura S. Zippin. **Autonomia e ética na escola**: o novo mapa da educação. São Paulo: Cortez, 2014.

HARPER et al. **Cuidado, Escola!** São Paulo: Brasiliense, 1980.

KOLTAI, C. O estrangeiro, o racismo e a educação. In: GALLO, Sílvio; SOUZA, Regina Maria de. (orgs.). **Educação do preconceito**: ensaios sobre poder e resistência. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

LOUZADA, Fernando; MENNA-BARRETO, Luiz. **O sono na sala de aula**: tempo escolar e tempo biológico. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2007.

MARIANA, Fernando Bomfim. Emancipação e Trabalho Docente. In: ARAÚJO, Neuza de Farias; ALVES, Vitor João Ramos; MAGALHÃES, Maria José; Melo, Thiago Sebastião de (orgs.). **Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades**: a práxis da interseccionalidade na contemporaneidade. 1a ed.- Brasília/DF: Editora Otimismo, 2020.

PACHECO, José. **Inovar é um compromisso ético com a educação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SANTOS, Cléssia Mara; BELEZA, Flávia Tavares; CONFESSOR, Michelle Ribeiro. Formação continuada de educadores/as em mediação de conflitos no contexto escolar da SEEDF. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 85-93, nov. 2016.

CAPÍTULO 14

ESTUDANTES COM INDICATIVO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E A RELEVÂNCIA DO TRABALHO PEDAGÓGICO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

*Maria Eugênia Monteiro
Francisnilde Miranda da Silva*

As necessidades educacionais dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) se diferem dos outros por seus interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e características de personalidade. Com características e habilidades diversificadas formam um grupo heterogêneo que demanda a diversificação de aprendizagem e a valorização das potencialidades, exige também um olhar atento às possíveis fragilidades relacionadas à socialização, construção da autoimagem, afetividade e motivação.

O contexto de pandemia de Covid-19 trouxe a necessidade do distanciamento social e as aulas desenvolvidas por meio do ensino remoto emergencial. Essa organização do ensino exige dos professores de um modo geral, a utilização de abordagens e estratégias de engajamento diferentes das que estão acostumados a utilizar em sala de aula presencial. Estudar remotamente exige dos alunos autogestão e motivação, comportamentos que corroboram com a qualidade dos processos de aprendizagem envolvendo estudantes com Altas Habilidades/Superdotação. O fato de estarem sozinhos, afastados dos amigos, tendo que dar conta de uma grande quantidade de conteúdo de tarefas em casa é um fator complicador; além disso, não são todos os alunos que podem contar com o apoio dos pais para realização dessas tarefas e para o monitoramento dos estudos. Assim, o papel de articulação do Orientador Educacional é de suma importância, vislumbrando o desenvolvimento humano, apoio emocional e à aprendizagem dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação.

Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação têm direito previsto de acesso às práticas escolares que atendam às suas necessidades educacionais; A Lei 9.394, de 20 de

dezembro de 2013, inclui este grupo de estudantes nos dispositivos que regulamentam o Ensino Especial. Todavia, observam-se importantes lacunas no atendimento a este público que tornam-se obstáculos para que os estudantes AH/SD possam desenvolver suas potencialidades educacionais. O presente trabalho traz como temática a inclusão e o desenvolvimento humano no contexto escolar, evidencia lacunas e ações interventivas acerca do trabalho pedagógico desenvolvidas pelo Orientador Educacional e o atendimento aos estudantes com indicativo de Altas Habilidades /Superdotação no contexto do Ensino Remoto.

Esses estudantes têm direito ao planejamento de ensino individualizado e acompanhamento pedagógico que dialogue com suas particularidades, necessitam de desafios adequados para que possam se manter engajados com os processos de aprendizagem e desenvolver seus talentos. Estudos indicam que o não atendimento a estas demandas pode provocar baixo rendimento escolar e compromete o desenvolvimento global desses sujeitos. Os orientadores assumem um importante papel nesse contexto quando desenvolvem ações inclusivas, voltadas à identificação, a elaboração do planejamento de ensino individualizado e mecanismos de articulação entre os segmentos da comunidade escolar que atendem esses estudantes.

O ensino voltado para estudantes com indicadores Altas Habilidades/Superdotação necessita de um olhar atento, ações planejadas para inclusão. O trabalho com esses estudantes no ensino remoto exige conhecimento, dinamismo e sensibilidade por parte dos profissionais que os atendem, para que possam mapear potencialidades, fragilidades e construir ações interventivas alinhadas às necessidades individuais que apresentam. Para articular ações que favoreçam o desenvolvimento e aprendizagem desses estudantes, no contexto de ensino remoto, o Orientador Educacional precisa utilizar mecanismos que possam mapear potencialidades, talentos e fragilidades dos sujeitos pedagógicos, contribuindo para o planejamento de ensino voltado ao atendimento das particularidades, o que favorece a identificação de estudantes AH/SD e a articulação com os atendimentos realizados pelas equipes especializadas de apoio à aprendizagem.

A presente pesquisa foi desenvolvida no contexto da pandemia de Covid-19, período do ensino remoto emergencial. O objetivo geral é suscitar a reflexão crítica e o debate acerca do trabalho pedagógico do Orientador Educacional e o atendimento a

estudantes com indicativo de Altas Habilidades/Superdotação. Tem como objetivos específicos: identificar ações interventivas realizadas pelo Orientador que contribuem para o atendimento às necessidades educacionais desse público, bem como evidenciar lacunas nesse atendimento no cenário que envolve o ensino remoto emergencial. É uma pesquisa qualitativa que aborda o fenômeno da Superdotação e a atuação do Orientador Educacional numa perspectiva do sujeito complexo e suas relações. Foram utilizados dois questionários sendo um direcionado aos pais ou responsáveis de estudantes com indicação de Altas habilidades/Superdotação e o outro a orientadores. As questões levantadas referem-se às lacunas e ações pedagógicas e interventivas desenvolvidas por esses profissionais que impactaram no atendimento desses estudantes no contexto do ensino remoto.

Os resultados apontam que os profissionais que trabalham com esse público carecem de uma formação especializada que os habilitem a identificar e acompanhar o desenvolvimento e a inclusão desses estudantes no processo de aprendizagem os resultados apontam também à relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional que incide na possibilidade de articular com os diversos segmentos para a construção do planejamento educacional individualizado voltado ao estudante AH/SD.

Estudantes AH/SD, identificação e atendimento no Brasil

Altas Habilidades/Superdotação não deve ser entendida como uma “vantagem” na vida, mas como uma realidade diferenciada, com aspectos positivos e dificuldades que podem fazer com que esse indivíduo seja vulnerável, necessitando de apoio por parte de pais, família e comunidade. Nessa perspectiva, entende-se que os indivíduos AH/SD, “percebem a realidade de uma maneira diferente, mais intensa e multifacetada”. (MENDAGLIO, 2008, p.24).

O desenvolvimento assíncrono, característica da Superdotação, consiste no desenvolvimento mental em ritmo muito mais rápido do que outros aspectos. Nessa perspectiva, Silverman (2012), argumenta que o fenômeno implica diferenças de desenvolvimento tanto no raciocínio abstrato quanto em sua complexidade, sensibilidade e intensidade, alta consciência, risco de alienação social e vulnerabilidade.

Os estudantes identificados com Altas Habilidades/Superdotação são reconhecidamente público alvo da Educação Especial, respaldado pelos dispositivos legais que garantem atenção educacional para o pleno desenvolvimento de seus potenciais e

talentos, em uma perspectiva inclusiva. Todavia, é comum nas redes de ensino a invisibilidade dessa população escolar, o que acarreta a falta de respostas educativas no que diz respeito à oferta de uma educação de qualidade para essa população.

A definição de Altas Habilidades/Superdotação utilizada no Brasil, proposta pela Política Nacional de Educação Especial, perspectiva da Educação Inclusiva é a seguinte: Alunos com Altas Habilidades/Superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL, 2008, p. 15).

Conforme descrito na Orientação Pedagógica do Ensino Especial do Distrito Federal: “é importante destacar que nem todos os estudantes com Altas Habilidades/Superdotados ou talentosos apresentam as mesmas características e habilidades, e nem todos expressam plenamente o mesmo nível de desenvolvimento do seu potencial. Cada um tem um perfil próprio e uma trajetória particular de realização.” (DISTRITO FEDERAL, 2010, p. 32)

Vale ressaltar que há formas e maneiras muito diferenciadas de crianças com essas características se manifestarem, porém a maioria delas “não se adapta à rotina e tem modos originais de abordar e resolver os problemas, podendo apresentar baixo desempenho e falta de motivação.” (REZZULLI, 1998)

Nesse sentido, os profissionais da educação precisam estar atentos à falta de motivação e/ou engajamento dos estudantes com as atividades escolares, bem como o baixo rendimento acadêmico, pois estes podem “mascarar” a Superdotação. O comportamento do estudante com esses indicativos, aparentemente, não se “encaixa” no Modelo dos Três Anéis, que apresenta: habilidade acima da média, criatividade e motivação, como indicativos do comportamento superdotado, proposto por Renzulli (1978, 1998,2005) esse modelo fundamenta as políticas públicas para identificação e atendimento dos estudantes AH/SD no Brasil.

Renzulli (2004) apresenta dois tipos de AH/SD: a escolar ou acadêmica e a produtivo- criativa. A acadêmica pode ser caracterizada pelos sujeitos que apresenta bom rendimento escolar, notas altas, aprendem rapidamente, se destacam nas áreas mais valorizadas na escola (português e matemática), apresentam nível de compreensão elevado; o produtivo-criativo, envolve aspectos da atividade humana nas quais se incentivam o

desenvolvimento de ideias, produtos, expressões artísticas e “áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais plateias-alvo” (RENZULLI, 2004, p. 83).

Cabe ressaltar que a AH/SD produtivo-criativa está mais sujeita a ser camuflada no ambiente escolar devido a não valorização que esta sofre nesse contexto; os indivíduos que apresentam estas características passam despercebidos e a ausência de uma oportunidade de atendimento adequado a estes sujeitos, pode influenciar negativamente no seu desenvolvimento global.

Como apontam Hallahan e Kauffman (2015), ao contrário dos casos de deficiência, no senso comum as pessoas imaginam que quem apresenta talentos especiais desenvolve seus potenciais deliberadamente, o que não corresponde à realidade. Esses sujeitos vivenciam os riscos da rejeição e de serem estigmatizados, quando não são identificadas e/ou compreendidas suas características; podendo também resultar desde a dificuldade de aprendizagem em determinados campos do conhecimento, até o desajuste social.

Para este público são indicadas práticas de ensino e atividades curriculares que contemplem o ritmo de aprendizagem e seus interesses no ambiente natural de sala de aula, (BRASIL, 2001) e também o atendimento complementar para aprofundar e enriquecer seu(s) talento(s), suas formas de aprendizagem específicas e oferecer oportunidades para que explorem áreas de interesse e aprofundem conhecimentos já adquiridos como: habilidades relacionadas à criatividade, resolução de problemas, raciocínio lógico e outras áreas do conhecimento (BRASIL, 2001).

Ao avaliar e propor ações educacionais que ampliam a participação e o desenvolvimento humano desse grupo é fundamental desconstruir percepções equivocadas como a de que o estudante com Alta Habilidade/Superdotação já tem muito e que não precisa de mais nada, que já é inteligente o suficiente e não precisa de intervenção pedagógica, de modo a questionar os mitos que rondam esse tema e promover uma educação de qualidade que atenda às suas necessidades educacionais, baseada em pesquisas e evidências. Evidencia-se defasagens sobre a temática da superdotação na formação de professores; a predominância do modelo teórico dos Três Anéis de Renzulli em pesquisas e trabalhos brasileiros publicados sobre a temática. Pessoas que apresentam AH/SD numa sociedade como a nossa, que desconhece suas necessidades especiais, ainda são submetidas a uma série de concepções distorcidas, pré-concebidas e equivocadas. Para que este grupo possa

desenvolver e/ou aprimorar seus talentos e habilidades, faz-se necessário a construção de um ambiente escolar cuja proposta de ensino esteja atenta à identificação e atendimento das suas particularidades cognitivas, afetivas e sociais.

Observa-se uma maior quantidade de professores especialistas em Educação Especial com habilitação nas diferentes áreas de deficiência, enquanto o número de profissionais com o mesmo nível de formação na área de AH/SD ainda é extremamente pequeno, como evidenciam Perez e Freitas (2014).

Ecologia do desenvolvimento humano

A Ecologia do desenvolvimento humano traz uma nova concepção de pessoa em desenvolvimento, do ambiente, e da interação entre ambos. Ela produz uma orientação ecológica que defende o comportamento, o desenvolvimento, e o ambiente conforme ele é percebido. Um dos pressupostos da Ecologia do Desenvolvimento é que o desenvolvimento humano é o produto da interação entre organismo humano e o ambiente. (BRONFENBRENNER, 2002).

Neste sentido, o comportamento evolui em função da interação entre as pessoas e o ambiente. Para demonstrar que o desenvolvimento humano ocorreu é necessário investigar o papel e as relações interpessoais (microsistemas) assim como, os macrosistemas, definido como um complexo de sistemas integrados em forma de sociedades, grupos com manifestações de padrões globais de ideologias, organização das instituições sociais comuns a uma determinada cultura.

Portanto, ao analisarmos ambientes de aprendizagem como o ensino remoto, que caracterizam diferentes grupos sociais, religiosos, étnicos, é possível descrever e distinguir as propriedades ecológicas desses contextos sociais mais amplos, como ambientes para o desenvolvimento humano, nesse contexto encontram-se os estudantes AH/SD.

A escola é concebida como um ambiente de aprendizagem, onde a capacidade de aprender de uma criança, pode depender de como ela é ensinada, quanto da existência da natureza e de laços entre escola e família. O ativo envolvimento, ou mera exposição ao que os outros estão fazendo, inspira a criança a realizar atividades semelhantes sozinha. A aprendizagem acontece quando há transformação de comportamento, ou seja, quando há uma mudança nas concepções e /ou atividades da criança transferida para outros ambientes

e momentos.

Deste modo, faz-se necessário ressaltar a importância do profissional que trabalha com o desenvolvimento humano, como os orientadores educacionais, conhecer as necessidades do estudante, acolher, ter sensibilidade, estimular o prazer de compreender, descobrir, construir o conhecimento, acreditar no seu potencial, desenvolver sua criatividade, pois educador é o sujeito responsável por coordenar, na relação com o outro, os processos de ensino e aprendizagem.

Como propõe BrofenBrenner (2002) e Carvalho (2004) o desenvolvimento humano acontece a partir da interação com o ambiente o espaço escola, no momento em que o estudante, repensa seus valores, constrói uma consciência global, dando sentido às suas experiências, mantendo uma relação de troca mútua com o seu meio. As mudanças passam a acontecer na medida que o homem se mostra amadurecido e atua no sentido da sustentabilidade, em integralidade e não somente com individualismo e pretenciosismo de Ser superior.

A perspectiva do sujeito complexo

A perspectiva do sujeito complexo propõe o desafio de sabermos um pouco mais sobre nós mesmos, como sabemos, o que sabemos, e os propósitos desse saber. A complexidade, como pensamento que pensa o próprio pensar MORIN (2001), na linha do pensar sistêmico, da construção de um Projeto Educativo societário, como sustenta (Morin, 2005). Morin (2005) defende que é necessário seguir um método – uma caminhada, a fim de que possamos nos alimentar das culturas ao redor, e que permanentemente (re)construamos a nossa própria. A teoria da complexidade discorre, sobre o (re)pensar do ser e do saber de forma autocrítica, considerando, os vários níveis de realidade em que estamos inseridos, na direção do inacabável devir humano. Morin (1997) também afirma a importância de reconhecer o papel do sujeito na construção do conhecimento complexo.

Neste sentido, este estudo tem como ponto de partida o estudante AH/SD conectado a sua realidade, a um pensamento multidimensional que supera o modo dicotômico de pensar parte versus todo, razão versus emoção, sujeito versus objeto, estimulando o modo de pensar articulado incluindo todas as dimensões: afetivas, cognitivas, emocionais, sociais, culturais. Dessa forma, as partes podem ser compreendidas a partir de suas inter-relações, com vista ao desenvolvimento global do sujeito.

Assim, alinhados ao pensamento de Morin, temos a ecologia humana compreendida como um campo referencial em que todas as ciências trazem contribuições, que resultam na compreensão de como podemos ser conhecedores de nós mesmos e do mundo.

A ecologia humana como um campo multidisciplinar, aberto nos ajuda a exercitar nossa compreensão-ação do homem no mundo numa perspectiva de construir um processo educativo que possibilite ao sujeito individual ou coletivo refazer o seu fazer, a partir da ampliação do seu próprio ponto de vista de uma forma mais complexa, criativa, integral e dialógica (PATO, 2004). Destarte, o trabalho do Orientador educacional fundamentado nos princípios que defende a ecologia humana, reconhece a pluralidade e as dimensões envolvidas na formação dos sujeitos, sendo relevante ao planejamento dos processos educacionais voltados para identificação de dos estudantes AH/SD.

Atuação do Orientador Educacional

A concepção de Ecologia Humana CARVALHO (2004), dialoga com a educação e com o trabalho do Orientador Educacional no sentido de contribuir para a formação de futuras gerações, sendo o papel desse profissional de suma importância para atuar no planejamento de um ambiente mais adequado aos estudantes AH/S, onde possa cultivar atitudes ecológicas, concebida como um sistema de valores sobre como relacionar-se com o ambiente virtual de aprendizagem.

Diante do cenário atual em que se encontra o ensino remoto emergencial, faz-se necessário que o ambiente educacional esteja voltado à utilização de estratégias com estudantes AH/SD que favoreçam o desenvolvimento das seguintes competências gerais previstas na BNCC: Autogestão, Autonomia, Repertório cultural, Comunicação, Cultura digital, Empatia e Cooperação. Na medida em que os alunos fazem uso de aplicativos para smartphones e computador com objetivo de produzir e compartilhar conteúdos relevantes; quando os alunos AH/SD têm oportunidade de conviver em grupos reais ou virtuais estabelecendo regras de boas convivências e cumprindo essas regras, aprendem muito sobre o respeito ao outro e a si próprio, sobretudo quando o Orientador atua como mediador dos conflitos conforme Orientação Pedagógica (2019).

O Orientador Educacional em sua atuação com o estudante AH/SD, poderá ir além dos conteúdos disciplinares, considerando a complexidade do sujeito, tendo com princípio a dignidade humana e o reconhecimento e a valorização das diferenças e diversidades,

construindo mediações voltadas para a gestão ambiental no espaço escolar, dentro de uma meta educativa, entendida como ações que visam a vivência e a reflexão coletiva e crítico-criativa, necessária à descoberta dos valores que possam fundamentar o viver humano e as relações, como fundamenta a abordagem transdisciplinar defendida por SANTOS (2005).

Metodologia

Este trabalho tem como abordagem metodológica a pesquisa de campo qualitativa. Utilizamos os dispositivos legais que regulamentam o atendimento educacional aos estudantes AH/SD, como objeto de estudo, bem como referências bibliográficas que fundamentam a temática.

Tem como critério de participação pais de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação, matriculados em qualquer modalidade do Ensino Regular no ano de 2021 e Orientadores Educacionais que atuaram no mesmo ano em qualquer modalidade de ensino, ambos em território nacional.

O levantamento dos dados foi feito por meio de questionários específicos, sendo um destinado a grupos de pais de estudantes AH/SD e outro a Orientadores Educacionais. Visando abranger o maior número possível de participantes, o instrumento foi disponibilizado em redes sociais (Instagram, Telegram, WhatsApp), no período de quinze dias, sem número limite de colaboradores. Sendo disponibilizados em espaço virtual, preconizamos a participação de colaboradores de todos os estados do Brasil.

As questões apresentadas no instrumento buscavam identificar lacunas e ações interventivas evidenciadas entre o trabalho pedagógico do Orientador Educacional e o atendimento aos estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação no contexto da pandemia de Covid-19, durante o ensino remoto emergencial.

O questionário destinado aos pais buscou identificar dificuldades educacionais apresentadas pelos estudantes AH/SD durante as aulas desenvolvidas por meio do ensino remoto emergencial e as intervenções pedagógicas realizadas por Orientadores Educacionais que incidiram no processo de ensino aprendizagem desses estudantes. Enquanto o questionário destinado aos Orientadores pretendeu: Identificar ações realizadas por Orientadores Educacionais, voltadas ao atendimento de estudantes AH/SD, durante o período do ensino remoto e as concepções desses profissionais acerca da temática:

atendimento educacional para estudantes AH/SD.

Análise de dados

Os formulários respondidos por pais de estudantes AH/SD, de alguns estados do Brasil (Santa Catarina, Bahia, Distrito Federal, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul Maranhão) onde 66,7% estavam matriculados em escolas particulares no ano de 2021, conforme figuras 1 e 2.

Figura 1

1. Seu filho estuda em escola:
27 respostas

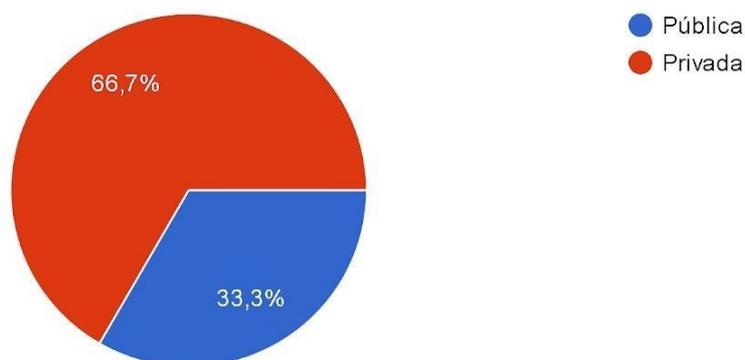
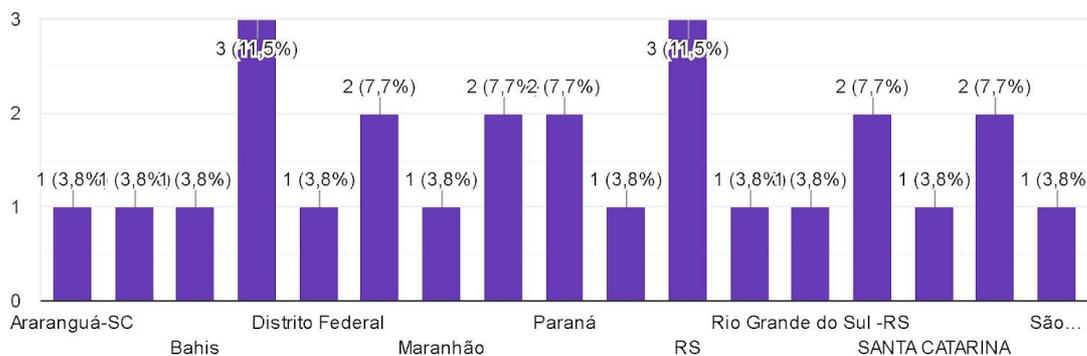


Figura 2

2. Em qual Estado do Brasil está localizada a escola em que o seu filho está matriculado? (ano de 2021)

26 respostas



Segundo os pais, as principais dificuldades apresentadas pelos estudantes no contexto do ensino regular, durante o período de aulas remotas foram:

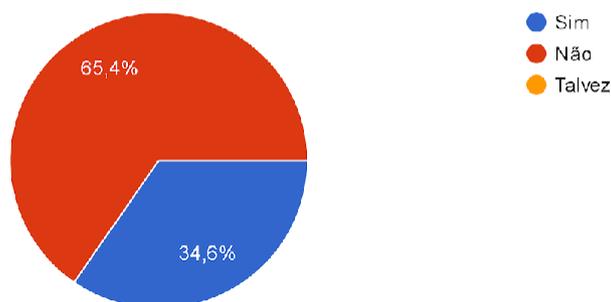
- Falta de: engajamento, motivação, atenção, concentração nas aulas, interação com colegas e professores que reverberam em agitação e desinteresse. O tempo longo no uso de tecnologias, dificuldades com uso das ferramentas tecnológicas para acessar as aulas; A falta de criatividade nas aulas expositivas, monótonas e exercícios repetitivos, o tédio e a ansiedade também foram mencionados. Alguns pais relatam que os filhos não gostam de abrir a câmera durante as aulas.
- Relatam ainda que a escola não busca meios para trabalhar uma rotina educacional, demandando do aluno uma autonomia de estudos que ele não tem. O método de ensino também tem sido um entrave já que a escola não busca utilizar a tecnologia a seu favor para gerar interesse do aluno. Os conteúdos muito fáceis e desestimulantes; o fato de ter que ficar muito tempo ouvindo as aulas expositivas foram aspectos pontuados pelos pais, bem como o acúmulo de horas diante do computador e consequentemente das atividades assíncronas.
- O desinteresse em assistir às aulas por não serem desafiadoras e a recusa em realizar atividades pela justificativa de não fazer sentido para os estudantes; o comportamento disperso e o desinteresse pelas aulas bem como a avaliação das aulas como “chatas, monótonas e repetitivas” e conteúdos desvinculados de significações e objetivos para os estudantes.
- Dessa forma, ressalta-se a importância em criar um cronograma que inclua a revisão dos conteúdos, leitura e realização de exercícios desafiadores, constituindo-se em atividades simples que trazem resultados no desempenho. No que concerne aos professores compete elaborar mudanças metodológicas de ensino com avaliações frequentes das estratégias utilizadas, e acompanhamento da sala de recursos em parceria com a Orientação Educacional, além disto, realizar aulas criativas, com atividades desafiadoras e menos repetitivas, incorporando os conteúdos às práticas sociais dos estudantes.
- No tocante aos orientadores educacionais cabe contribuir na elaboração do Plano Individual do estudante juntamente com outros profissionais, como professores da sala de recursos, coordenadores, psicólogos. Uma outra ação relevante é a elaboração de projetos voltados para a área de interesse do estudante baseado na resolução de

problemas. (ABP -Aprendizagem baseada em problemas) proposta por Ribeiro (2010).Esses projetos podem estimular o estudante a participar de feiras, congressos, fóruns, enfim, espaços que possam dar visibilidade às suas criações.

Figura 3

5. O estudante recebeu algum atendimento interventivo do Orientador Educacional, no contexto do Ensino Regular durante o período de aulas remotas?

26 respostas



Os pais citaram ações interventivas que consideram mais adequadas ao atendimento das necessidades educacionais do seu filho são elas:

- Elaboração do plano de atendimento individual, contato frequente quanto a avaliação/ alterações nas estratégias, acompanhamento da Orientação Educacional e equipe pedagógica.
- As reuniões on-line para tirar dúvidas.
- Projetos na área de interesse dos estudantes, baseados em resolução de problemas desafiadores.
- Construção de espaço para socialização, trabalhos em grupo, diagnóstico de dificuldades e potencialidades;
- Aceleração de série apenas por disciplina.
- A adição de atividades mais desafiadoras foi a única intervenção feita, a mãe relata que seu filho foi atendido durante 1 mês pela professora da sala de recursos e foi dispensado com a justificativa de que ele tem facilidades em aprender e outros necessitam mais do atendimento, já que apresentam dificuldade de aprendizagem.

- Reuniões com todos os professores para o caso específico do estudante e abertura para o uso da sala de recursos a fim de sanar suas necessidades emergenciais.
- Um dos pais relata que a coordenadora pedagógica, juntamente com a professora responsável pelos alunos com necessidades especiais, fez um atendimento individual, uma vez por semana, durante 20 minutos de forma on-line com o estudante. E com os pais, fizeram uma reunião virtual e algumas orientações via WhatsApp, segundo eles, apesar do pouco tempo e sendo apenas uma vez por semana, o atendimento foi importante, pois o filho se sentiu acolhido e compreendido pela escola.
- Adaptação de atividades e adaptação de avaliação foram intervenções citadas.
- Uma mãe sugere que o ideal para atendimento dos estudantes AH/SD seria reduzir o tempo de aula na sala regular e proporcionalmente, aumentar a quantidade de horas no atendimento especial em grupos de estudantes com altas habilidades, visto que, nas palavras da mãe, a pandemia revelou que o ensino tradicional em sala de aula, no ritmo dos colegas, é uma tortura psicológica para o seu filho.

Em relação a participação da família no desenvolvimento do processo educacional do estudante AH/SD, aconselha-se a estabelecer um espaço de trocas e compartilhamento de experiências e dúvidas por meio de ambientes virtuais, coordenados por profissionais da escola, incluindo o Orientador Educacional, já que, conforme relatam os pais neste estudo, foram experiências que trouxeram bons resultados.

Outra ação interventiva do Orientador Educacional é fortalecer a parceria entre a escola e a família por meio de reuniões, orientações individuais momentos de escuta e acolhimento, participação em estudos de casos para maior adequação às necessidades do estudante. Por fim, propor oficinas com a turma para desenvolver a interação entre o estudante AH/Superdotação com colegas, professores, reforçando o sentimento de pertencimento e acolhida por parte da turma, implementando a inclusão no âmbito escolar.

No que diz respeito aos questionários destinados aos Orientadores Educacionais obtivemos os seguintes dados.

Os resultados apontam que os Orientadores Educacionais reconhecem a importância no atendimento a estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação, porém a temática é desconhecida para a maioria dos participantes. Segundo os orientadores

educacionais não existe uma concepção a respeito do atendimento a alunos com AH/Superdotação, quando perguntados a respeito da compreensão em relação ao trabalho com esses alunos as respostas foram as seguintes:

- Um ambiente de aprendizagem fundamental para que eles possam construir relações saudáveis, desenvolver consciência social, realizar atividades criativas, expor suas ideias entre outros.
- Importante, mas muito desconhecido para mim”
- Sim. Um trabalho de grande importância com vista à garantia das aprendizagens educacionais.”
- Desenvolvimento de habilidades.
- Desconheço o assunto. Não compreendo a importância para o desenvolvimento e o aprimoramento das altas habilidades.

O desconhecimento evidenciado a respeito da temática reforça o pequeno número de Orientadores participantes e o interesse em responder o formulário da pesquisa. Neste sentido, na concepção dos participantes o papel da Orientação Educacional no atendimento a AH/SD é dar suporte emocional aos estudantes e família, por meio de atendimentos individuais e coletivos, além de fazer encaminhamentos às Equipes de Avaliação e Apoio a Aprendizagem e a instituições parceiras, conforme respostas abaixo:

- Contribuir na consciência coletiva quanto a relações que os sujeitos estabelecem com outros.
- Fazer esse elo entre família x professor x aluno.
- Desconheço.
- De conscientização e de fortalecimento nas questões ambientais visando o estudante como um ser integral.
- O papel é o de cuidar desse estudante e buscar reflexões para a compreensão do meio ambiente em que vive! Trabalhando sua autoestima, suas habilidades, competências e seu protagonismo juvenil!
- Encaminhar para Equipes de Avaliação e Apoio à Aprendizagem, e instituições parceiras.

Partindo da premissa que o trabalho do Orientador Educacional contribui para a formação integral dos estudantes, as estratégias apresentadas na perspectiva de potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos AH/Superdotação foram:

- Ações que contribuam para a autodescoberta e plena participação desses estudantes sempre com base no diálogo, no respeito e nas relações democráticas e sustentáveis.
- Rodas de conversas, pesquisas, questionamentos, reflexões sobre o tema.
- Realizar rodas de conversa pelo Meet com os estudantes trazendo reflexões e temáticas importantes.

Os resultados demonstram as dificuldades encontradas em construir ferramentas que estejam alinhadas às necessidades do estudante AH/SD.

Nesse contexto, faz-se necessário oferecer formação, compartilhar experiências que possam definir eixos norteadores ao atendimento de crianças com AH/Superdotação, e sinaliza que os Currículos Acadêmicos de Pedagogia necessitam ser revisados, já que não possuem áreas de conhecimento voltadas para o atendimento a crianças AH/SD ficando a cargo do profissional buscar a complementação da sua formação.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que existem lacunas evidenciadas entre o trabalho pedagógico do Orientador Educacional e o atendimento aos estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação no contexto da pandemia de Covid-19, durante o ensino remoto emergencial.

Considerações finais

Considerando que a escola é um espaço de participação, desenvolvimento de habilidades e potenciais e que nesta esfera encontram-se alunos com AH/SD, ao refletir sobre a inclusão desses sujeitos e o ambiente educacional é preciso evidenciar ações pedagógicas que contemplem suas especificidades, interesses e necessidades com o objetivo de ofertar oportunidades ao enriquecimento e desenvolvimento humano.

É fundamental investir em alternativas que favoreçam o desenvolvimento de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação, promovendo a participação e inclusão desses grupos, num ambiente escolar que estimule seus talentos, diminua sua vulnerabilidade emocional, dando-lhes condições para que possam trilhar seus caminhos de desenvolvimento em ritmo próprio, dentro do processo educativo.

Conclui-se que existem possibilidades de intervenções a serem realizadas pelo Orientador Educacional direcionados aos alunos AH/SD, recomenda-se que seja feito mapeamento das potencialidades e dificuldades apresentadas pelo estudante, estabelecendo um diálogo entre a escola e a família. propõe-se também que o Orientador articule o processo de acompanhamento do aluno por meio de uma equipe multidisciplinar (pedagogos, psicólogos,) que possa contribuir com a definição de um Plano de Atendimento individualizado para atender as demandas educacionais do estudante AH/SD, visto que o plano de atendimento individual é um importante instrumento pedagógico pois contempla atividades mais direcionadas aos interesses, estilo e ritmo de aprendizagem desses estudantes, como preconiza os dispositivos legais que regulamentam o Ensino Especial.

Nesse sentido, cabe à educação reorganizar o processo de conhecimento, a partir de novas premissas, utilizando-se de todas as dimensões de que o ser humano dispõe, sejam elas racionais, emocionais, intuitivas e corporais, tendo como perspectiva que os grupos de indivíduos caminhem para uma construção própria que os ajude a compreender melhor a reconhecer sua identidade, a descobrir seus caminhos, ou mesmo reconstruir padrões que permitam rearticular seus valores, sua qualidade de vida e sua participação social. A escola deve adotar uma concepção de educação aberta, formativa, na qual a relação ensino-aprendizagem envolva processos cognitivos e socioculturais de atribuição de significados.

Referências bibliográficas

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução 2, de 11 de setembro de 2001, institui as **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: CNE/CEB, 2001a.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até Emenda Constitucional 83, de 05 de agosto de 2014. Brasília: Senado Federal, 2014.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de setembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5a ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmeras, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial (MEC/SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BROFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito

ecológico 6 ed. São Paulo, Cortez, 2012.

HALLAHAN, D. P; KAUFFMAN, J. M. **Exceptional Students: An Introduction to Special Education**, Edition 13, revised Ed. Education Pearson, 2015.

MENDAGLIO, S. (2008). **Dabrowski's theory of positive disintegration: A personality theory for the 21st century**. In S. Mendaglio (Ed.), *Dabrowski's theory of positive disintegration* (pp. 13-40). Scottsdale, AZ: GreatPotential Press.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O método 6: ética**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PATO, C. **Comportamento Ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais**. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PEREZ, S.G; FREITAS, S. N (2014). Políticas públicas para as Altas Habilidades/ Superdotação: incluir ainda é preciso. **Revista Educação Especial** | v. 27 | n. 50 | p. 627-640.

RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan./abr. 2004

RENZULLI, J. S. **The multiple menu model for developing differentiated curriculum for the gifted and talented**. *Gifted Child Quarterly*, v. 32, 1988a, p. 298-309.

RENZULLI, J. S. **The Three-Ring conception of giftedness**. A developmental model for promoting creative productivity. In: R. J. STERNBERG & J. E. DAVIDSON (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2nd ed., pp.246-279). New York: Cambridge University Press. 2005

RENZULLI, J. S. **What makes giftedness?** Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan*, 60 (3), 180-184, 1978.

RIBEIRO, L.R.C **Aprendizagem baseada em problemas (PBL)**. Uma expectativa no ensino superior, Ed. UFscar, São Carlos,2010, 141p.

SANTOS, Akiko (Orgs.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: 2005.

SILVERMAN, Linda. Kreger; TEBBS, Trevor. J. (2012): Giftedness 101, **Gifted and Talented International**, Taisir Subhi Yamin (Editor), Heinz Neber (Editor), Sandra K. Linke 27:2, 75-80, DOI: 10.1080/15332276.2012.11678396

CAPÍTULO 15

ENCONTROS E DESCOBERTAS NA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL PELO BRASIL

Marina Cantanhêde Rampazzo

No último dia de agosto de 2020, recebi uma mensagem da Senhora Rosângela, da Associação dos Orientadores Educacionais do Rio Grande do Sul - AOERGS. O contato se deu mediado por uma mestranda da UnB que, ao contar sobre a contextualização da profissão no Distrito Federal, despertou o interesse das colegas em saber mais sobre o que a Orientação Educacional andava realizando aqui no quadrado. Naquela ocasião, eu ainda não sabia que esse contato se tornaria um dos grandes presentes dessa pandemia.

Naquele momento, a Gerência de Orientação Educacional foi convidada a fazer uma live em nível nacional para contar um pouco sobre como se desenvolve a profissão no DF. Tivemos a oportunidade de compartilhar com os colegas de todo o país os avanços que tivemos com a contratação de novos profissionais, com a formação continuada na área, com o plano de carreira aliado ao magistério, com a modulação por estudantes, entre outras conquistas.

Também foi o momento de apresentar a concepção Pedagógico metodológica por meio da “Orientação Pedagógica da Orientação Educacional” (DISTRITO FEDERAL, 2019), documento que apresenta o histórico da Orientação Educacional, as bases teóricas que nos referenciam e o trabalho a ser desenvolvido em cada uma das etapas e modalidades da educação, por meio de seis eixos, a saber: ações para implantação, ações institucionais, ações junto aos professores, ações junto aos estudantes, ações junto às famílias e ações em rede.

Para mim, que estava ingressando no grupo, contar e compartilhar sobre o meu próprio contexto, foi o ponto de partida da viagem, que seguiria roteiro por muitos outros lugares desse vasto e diverso território chamado Brasil.

Esse tour virtual teve como próxima parada a cidade de Franca, no interior de São

Paulo. O Estado não conta com a presença do profissional da Orientação Educacional, mas o município, sim, ainda que em pequeno número. Foi representado pela colega Flávia, que atua na formação continuada local e demonstra um amplo conhecimento teórico e uma visão bastante atual da Orientação Educacional.

Depois dessas duas conexões ocorridas em setembro de 2020, no mês seguinte voamos virtualmente até o Rio Grande do Sul. A presença da mais antiga e articulada das Associações de Orientadores do país garante uma organização e articulação peculiares nesse grupo que é grande e presente tanto no Estado quanto em diversos municípios locais. Também é possível perceber uma formação continuada gerenciada por meio da própria Associação.

Durante o percurso, tivemos contato também com o vídeo comemorativo dos cinquenta anos da AOESC - Associação dos Orientadores Educacionais de Santa Catarina, cheio de história e afetividade. A frente do grupo há mais de dez anos, a colega Dileia faz uma articulação constante com os demais profissionais considerados especialistas tanto em nível estadual quanto nacional, tais como inspetores.

O fechamento do ano ficou na responsabilidade da colega Thatiana, presidente da Associação Fluminense de Orientação Educacional, que nos presenteou com um destino final digno de lua mel. Esteve presente nesse momento, como convidada de honra, a professora e Orientadora Educacional Mirian Grinspun, autora de diversos livros que fizeram parte da formação da grande maioria de nós como profissionais da área. Citada, inclusive, como um dos referenciais teóricos da nossa Orientação Pedagógica. Miriam, com sua fala extremamente doce e acolhedora, nos emocionou ao relembrar sua trajetória como orientadora e concluir: “Eu faria tudo outra vez!”.

Em 2021, o grupo seguiu se encontrando regularmente e sempre buscando novos e novas colegas de outros Estados. Foi assim que tivemos uma nova viagem, desta vez para Rondônia, com a paisagem permeada por cidades e florestas, e realidades às vezes desconhecidas por muitos de nós, como a existência de escolas indígenas. Fomos recebidos por Orientadoras Educacionais muito bem formadas e esbanjando paixão pela profissão. Nosso guia neste roteiro foi estudioso e carismático colega Locimar.

Ainda estamos planejando novas viagens conjuntas para continuar fazendo esse tour virtual pela realidade da Orientação Educacional, passando por Minas Gerais, Goiás e Bahia, além de todos os outros que possam surgir ao longo da nossa trilha investigativa e

agregadora. Mas já compreendi o que até agora não era claro para mim. Tanto se questiona e se discute sobre a identidade da Orientação Educacional. Uma identidade que se adaptou a diferentes contextos históricos, sociais, políticos e pedagógicos. Porém uma identidade que hoje se faz cada vez mais firme, não só no Distrito Federal, mas em todo o território nacional. Identidade essa pautada em seu propósito educativo, calcada no currículo, nos fundamentos da diversidade, da sustentabilidade e dos direitos humanos, para acolher todo e qualquer estudante da escola, bem como professores e famílias, fazendo articulação de rede e contribuindo, assim, para uma educação democrática, justa e de qualidade.

Nos encontros desse grupo, além de ter a oportunidade de conhecer outras realidades e a prática da Orientação Educacional, pudemos também conhecer pessoas. Digo, pelo menos da minha parte, que já se criaram laços de amizade. Amizades essas igualmente mediadas e possibilitadas pela tecnologia. Amizades que provavelmente jamais se teriam feito se não houvesse uma terrível pandemia assolando o país. E diante do deserto, pudemos colher uma bela flor de cacto.

Como uma das pautas surgidas entre as muitas conversas, sempre com foco na Orientação Educacional, surgiu a vontade de resgatar o passado e saber mais sobre a história da extinta FENOE - Federação Nacional dos Orientadores Educacionais. Marcamos, então, um encontro com poucos convidados, entre eles algumas pérolas que participaram a época desse movimento nacional em prol da nossa profissão, tais como Maria Helena Saraiva, do DF, Mônica e Naima do Rio Grande do Sul e a professora Sônia Melo. Mais uma vez com esse grupo tive uma oportunidade única: mesmo que a distância, estar tão próxima a uma das principais autoras que baseiam o nosso trabalho. Sônia, como pude chamá-la naquela noite, contou piadas, causos de família, histórias diversas sobre a FENOE e, ainda, nos deu uma bela aula de Materialismo Histórico e Dialético e de Pedagogia Histórico Crítica. Mais uma noite repleta de emoções, permeada por memórias, por patrimônio e por um profundo mergulho no conhecimento.

Às vezes, algumas colegas me perguntam que rumos esse grupo irá tomar ou o que eu pretendo seguindo junto com ele. Muitas vezes, faço a mim mesma e ao próprio grupo a mesma pergunta, que ainda não tem uma resposta definitiva. Mas é certo que até agora já rendeu grandes frutos. Talvez não contribuições efetivas para a educação do DF, mas certamente para a minha jornada pessoal e profissional. Então, fico com as palavras da querida professora Miriam: “Eu faria tudo outra vez!”.

CAPÍTULO 16

O DESAFIO INTERPESSOAL DO TRABALHO REMOTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Maristela Pereira de Sousa Severo

O trabalho da Orientação Educacional se mostra’’ ainda mais essencial diante a atual situação. A pandemia com certeza trouxe um novo modelo de relação interpessoal de distanciamento o que para os alunos tem causado muito desconforto uma vez que é nas interações com seus pares que as aprendizagens acontecem sem contar que presencialmente é muito fácil fazer sondagens, detectar comportamentos e fazer as interferências necessárias.

A Orientação Educacional além de auxiliar o trabalho docente exerce a função de zelar pelo bom desenvolvimento pessoal de cada estudante. Partindo do pressuposto que a atuação do Orientador Educacional envolve entre outras a tarefa de acompanhar e intervir junto aos discentes e encaminhá-los, quando necessário, para especialistas; apoiar o processo de integração entre a escola, a família e a comunidade ensino; intermediar interesses e conflitos entre professores, alunos, direção e familiares; orientar os estudantes em seu desenvolvimento, considerando a formação de valores, atitudes, emoções e sentimentos, observe que são ações que requer o contato, ou seja, a interação, a proximidade entre os envolvidos. Mas como esse trabalho pode ser desenvolvido remotamente? Quais são as alternativas viáveis para proporcionar o acesso a esse atendimento?

A expressão da vez, neste contexto de pandemia, é “se reinventar”. Para o trabalho de orientação não é diferente. O qual está usando meios variados para chegar até o aluno. As redes sociais nunca foram tão requisitadas, acredito que estão sobrecarregadas no atual momento. Nesse sentido, é imprescindível que a escola dê o suporte para a equipe de Orientação Educacional para acompanhar os alunos em seu desenvolvimento pessoal mesmo que a distância, levando em conta suas emoções e seus sentimentos que estão ainda mais intensos devido a pandemia. O profissional responsável pela assistência também deve ajudar os professores a compreenderem o comportamento dos discentes, facilitando a mediação de demandas e conflitos.

Sabemos que o momento atual está extremamente delicado, se por um lado temos professores e toda equipe escolar buscando alternativas para garantir a educação lutando pela escolarização fora dos muros das escolas, essa que possui toda uma sistematização dentro do âmbito escolar, por outro lado temos estudantes e familiares em uma gama de todo tipo de vulnerabilidades. Todos nós, todo o planeta vive a mesma pandemia tornando-nos vulneráveis a vida humana, parece-nos contraditório entre o que é importante e necessário agora. As famílias dos estudantes já nos deixaram bem claro que lutam para sobreviver desde antes da pandemia e com ela então, aumentaram as batalhas, nós educadores (as) é que estamos insistindo para um movimento de caminhar sem deixar de esperar dias melhores, nós que estamos na peleja de mantermo-nos vivos, reagir contra o desmonte da educação que infelizmente enquanto o nosso tempo é dedicado a prestar uma aula ou ação de qualidade no que nos é possível e viável, outros em uma esfera maior e com a caneta na mão estão justificando males maiores para a sociedade e/ou categorias, porque a pandemia com certeza irá passar, mas os prejuízos emanados permanecerão.

Então, aqui entra um momento propício do docente/Orientador Educacional atuar, apresentando ações rumo ao que dizia Paulo Freire sobre ter esperança do verbo esperar no sentido de ir atrás, construir porque somos sujeitos históricos, não podemos ficar no contentamento de objetificação, assim sendo somente objeto do capitalismo, da crise sanitária, levando-os a conscientização da condição de objeto para sujeito também. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) diz que a esperança inerente ao ser, sem um mínimo dela não podemos sequer iniciar algo.

Nesse ponto iniciamos um movimento, uma atitude de continuar, um novo caminhar ou reinventar mesmo diante de muitas incertezas, contudo é também momento oportuno de aprimoramento das relações e aprendizado. Fazer do tempo de espera do fim da pandemia, um tempo para fazer, assim como Paulo Freire, que diante do exílio experienciado não se deu por vencido e sim com esperança:

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti; quem sempre espera na pura espera; vive um tempo de espera vá; por isto, enquanto te espero; trabalharei os campos e, conversarei com os homens; suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam; enquanto esperarei na pura espera; porque o meu tempo de esperar é um tempo de esperar é um tempo de que fazer; desconfiarei daqueles que virão dizer-me: em voz baixa e precavidos: é perigoso agir; é perigoso falar; é perigoso andar; é perigoso, esperar na forma em que esperas; porque esses recusam a alegria da tua chegada; desconfiarei também daqueles que virão

dizer-me; com palavras fáceis, que já chegastes; porque esses, ao anunciar-te ingenuamente; antes de denunciarem; estarei preparando a tua chegada; como jardineiro prepara o jardim; para a rosa que se abrirá na primavera.

A Orientação Educacional de acordo com OP, Orientação Pedagógica (OSE/DF, pg.59) “atua nos seguintes eixos: ações, implantação/ implementação da OE, ações institucionais, ações junto aos professores, ações junto aos estudantes, ações junto à família e ações em rede, nessa perspectiva percebe a dimensão do trabalho de atuação da OE”. O quanto a se realizar e a convicção da importância da subjetividade com conexões empáticas. Porém, o olhar fragmentado dos conteúdos e daqueles que historicamente foram conduzidos assim a fazerem dificultam muitas intervenções do OE, e não somente isso: remeto ao início deste texto ao dizer que a escola necessita dar condições para o trabalho da Orientação Educacional alcançar os estudantes.

E a escola necessita do apoio e condições estruturantes que nem nós mesmos o conhecemos ou que tenhamos conhecimento e informação ainda não visto, especialmente da área tecnológica, posto que se para nós as plataformas digitais (Google Meet, etc.) nos fascina e possibilita o mínimo de atendimento, vejo o quanto precisamos e necessitamos caminhar em tecnologias educacionais e ainda conscientizar nossos estudantes a não função alienante que nos torna facilmente vivenciar. Somente possível ver agora devido a necessidade imposta no momento atual. Olha o quanto tenho ouvido e aprendido com tantas *lives* via YouTube, o tão quanto rico e valioso o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nesse contexto de pandemia com o distanciamento social.

Os conteúdos escolares que se colocaram como principal e sua importância em cada matéria/disciplina curricular. Agora se remete ao conjunto de valores, emoções, habilidades como: empatia, felicidade, solidariedade, autoestima, paciência, autoconhecimento, responsabilidade, autonomia, dentre outros viabilizando a oportunidade de aprendizado para o trabalho interdisciplinar e o desenvolvimento das competências socioemocionais, porém um desafio a ser conquistado e contextualizado porque senão ficaremos somente na espera vá, no tempo oportuno, sem dialogar e sem conectar-se com as pessoas.

Diante da conectividade de redes tecnológicas com a conexão humana que pretendo trazer a minha relação interpessoal no âmbito familiar e profissional que se desmembra na emoção e sentimentos, isto é, não há como separá-la ou deixá-la no canto da casa.

Sou mãe de dois filhos, Maria Tereza Pereira Severo, 15 anos e Enzo Fernando

Pereira Severo, 6 anos e autista. Em tempo e espaço familiar, o qual exige-me pesquisa e estudar determinadas temáticas para elaborar o plano de ação exige-se tempo e concentração, dentre outros aspectos e desafios pessoais.

No espaço físico escolar eu tinha a grande potencialidade de garantia ou possibilidade do desenvolvimento de convivência e aprendizagem dentro das experiências. Contudo, trata-se de algo mais interno que exterior, este sendo fator estimulante e fortemente influenciador para as questões emocionais, a qual se encontra a flor da pele, evidenciado nos sentimentos diversos e quase que incontroláveis. Como lidar com as adversidades dentro de casa? Com relações interpessoais distantes?

Esse novo formato remoto parece-me levar numa desconexão ainda maior, ora me percebo querer me conectar com os estudantes/equipe escolar/familiares sem me conectar primeiramente a mim mesmo, a minha história, fragilidades, saindo da minha autenticidade. Querendo falar do medo, da ansiedade e propósitos sem antes domá-los em mim.

Ao buscar meios e estratégias para desenvolver o trabalho remoto, também me percebo na história de vida de cada estudante/família, isto é, nas fragilidades/vulnerabilidades emocionais que para a Orientação Educacional cabe-nos a desenvolver e praticar a escuta sensível e nesses momentos também nos falta as palavras sábias e poderosas de consolo para uma perda familiar ou outra situação. Com tantas incertezas não há palavras certas, simplesmente um processo de escutatória dos problemas sociais de estudantes e família.

Certa vez, ao realizar um acolhimento estudantil/familiar via telefone, uma mãe me relatou que não tinha como seguir com o acompanhamento escolar porque seu filho com deficiência quebrava o celular, nesse dia chorei junto com ela porque sei bem o que está mãe vivencia, pois também com meu filho experiencio isso neste exato momento que pelejo para escrever, meu filho grita, chora, corre, pula, busca perigo de machucar-se, e nos momentos mais calmos conversa sem parar, pede para ir para a rua andar de bicicleta, ir na quadra jogar bola, brincar no parquinho ou sentar com ele para ensiná-lo a brincar, 24h de vigilância e cuidado. Aqui novamente me anseio e frustro-me por não conseguir desenvolver com qualidade a função profissional, mãe, esposa...

Apresento abaixo dois textos/redações que trazem aspectos emocionais também com o tema: aulas online, de estudantes da rede pública de Goiás do Colégio Estadual da Polícia Militar Fernando Pessoa: “Minha experiência não tem sido das melhores nesse momento de

pandemia em que tenho que passar muito tempo em casa, sem poder passear, falar cara a cara com meus amigos. Já tem quase um ano e meio nessa situação lamentável.

Quanto aos estudos, não falta recursos tecnológicos, mas falta estrutura mental. As aulas são cansativas, eu acabo não aprendendo muita coisa, muitas atividades além dos novos conteúdos do ensino médio, fico sobrecarregada. Ainda tem o meu curso de inglês e a minha catequese, são muitas coisas para fazer em pouco tempo e sem relaxar, sem contar as obrigações de casa, por que tenho que ajudar meus pais. Vou ficar doida! Meus pais também não colaboram muito, sempre me cobram por tudo, recentemente, por que minhas notas abaixaram, aliás, por qualquer razão.

Eu me sinto estressada, dizem que não tenho motivos, que meu nome ainda não está no Serasa, mas penso que não sou uma adulta, meus problemas são diferentes, eu tenho todo o direito de estar estressada, minha mente não está suportando tanta coisa e minha produtividade diminui drasticamente. Antes do distanciamento, desse isolamento, eu tinha momentos para descarregar, agora, não.

Eu sei que quando tudo isso passar, eu nunca mais quero ter aula EAD de novo, depois dessa experiência prefiro muito mais as aulas presenciais, com meus amigos e professores ali em uma sala, muitas vezes quente e fedida depois da educação física, nunca pensei que sentiria tanta falta da escola.” (Maria Tereza)

“Final de janeiro, mais um início de ano letivo, mas dessa vez, on-line. Achei que iniciariamos presencial esse ano, porém a situação continuou difícil, impossibilitando o nosso retorno. Mesmo assim, ainda tenho bastante expectativa para esse novo ano, torço para que tudo ocorra bem.

No início das aulas do ano passado, estávamos todos animados para as novas experiências que viriam, mas, de repente, iniciou-se uma pandemia, tivemos que parar de ir à escola e começar um ensino remoto. Foi muito difícil no início, todos nós-alunos, professores e membros da comunidade escolar, tivemos que nos adaptar. Num momento de tantas incertezas, foi extremamente cansativo e exaustivo.

Por alguma razão, fiquei ansiosa para a famigerada “volta às aulas”, era uma nova chance de recomeçar e fazer dar certo. Estava disposta a mudar e melhorar em relação ao ano anterior. Não acho que as aulas on-line tenham sido ótimas para o meu rendimento escolar, mas graças a elas, pude aprender a ter mais responsabilidade e correr atrás dos meus objetivos.

Assim, vou me dando a chance de aprender mais a cada dia, porque sei que no futuro, colherei os resultados de todo o meu esforço que tive até aqui.” (Monalisa)

Observo o grau de responsabilidades e o desejo no encontro com o outro, a convivência com seus pares/colegas para o desenvolvimento de habilidades sociais/socioemocionais.

Assim o processo educativo se viabiliza para a construção coletiva das particularidades de cada estudante nos diversos espaços sociais.

Então, que tipo de comunicação e conhecimento estamos a oferecer aos estudantes que trazem à tona emoções e sentimentos? Na observância dos fatos com os atendimentos realizados, as emoções sempre estiveram presentes, contudo, parece nos que na escola não havia tempo oportuno para aprender a lidar com as emoções, por isso, repito que apesar da crise sanitária, dentre outras é um tempo oportuno para atuar e aprender para a vida inteira.

Boa parte dos orientadores educacionais foram convidados ou obrigatório para fazerem o curso Aprender Sem Parar específicos para nós ofertado pela EAPE (...). Sendo parte da formação estamos a vivenciar e aprender a comunicação não violenta de Marsheg Rosenberg, que apresenta como foco principal o exercício para a comunicação empática, comunicação com o coração comigo e o outro, identificando as emoções por meio da observação, sentimento, necessidade e pedido. Tendo aprendido neste curso e especialmente com a comunicação não violenta o quanto o conhecimento de nossas emoções/sentimentos faz-nos grandiosos e preciosidades da comunicação em que o fazer compassivo, a harmonia, o bem-estar coletivo estão invisíveis devido às estruturas dos sistemas, aqui fomos educados ora para manter e raramente postura emancipatória, lembro-me dos socioeducadores (privados de liberdade) sobre o poder do Estado que relativamente controla o ambiente, contudo, não se pode controlar pessoas ainda que presos, sua mente é livre, isto é, somos livres para fazer escolha.

Enfim, remeto-me novamente a preciosidade do tempo oportuno para a atuação do desenvolvimento do reconhecimento da natureza humana/compassiva existente em cada um de nós, de cada estudante e familiar. Os vários desafios não reconhecidos porque somos ignorantes a respeito. “Não reconhecemos a violência porque somos ignorantes a respeito dela” (Gandhi) Parafraseando: na comunidade primitiva as pessoas mantinham com maior facilidade a conexão humana o bem comum, com o desenvolvimento das cidades as pessoas mudaram o modo de viver refletindo no modo de pensar, da linguagem e no modo de usar o

poder, desse modo, se justificando em modelos punitivos ou recompensantes numa linguagem estática diferentemente da linguagem da paz. Assim, se faz valioso e importante a atuação do Orientador Educacional na busca de outras alternativas para mediar/resolver conflitos de várias ordens.

CAPÍTULO 17

PRINCÍPIOS TEÓRICOS NO TRABALHO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Michele Miranda

O presente texto pretende colaborar com o pensamento da e na Orientação Educacional, a partir de uma perspectiva no contexto da pandemia, explicitando princípios teóricos que permeiam a práxis da Pedagoga Orientadora Educacional Michele Miranda, servidora pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

O movimento do texto seguirá por uma abordagem em que a autora, enquanto costura a escrita para chegar em sua práxis, vai apresentando uma série de conceitos, que de alguma forma se aquarelam em seu pensamento pedagógico em permanente construção.

Compreendendo a importância de uma análise do contexto tanto para subsidiar o trabalho, quanto para apresentar o trabalho neste texto, ressalta-se que uma das limitações é estar no presente, sem o devido distanciamento histórico dos acontecimentos, a escrita acontece em tempo-histórico e tempo-calendário (REIS, 2011) do agora, pois a pandemia no Brasil ainda é uma realidade cruel.

Ainda assim, permitindo-se as limitações do tempo-histórico, do tempo-calendário, do agora e de suas próprias singularidades afetadas, a autora trará alguns elementos do contexto. A intenção é apresentar o próprio trabalho dentro dessa conjuntura. Anteriormente, porém, serão realizadas observações teóricas acerca das concepções da autora a respeito da educação, que se fazem importantes para compreensão do trabalho realizado.

Concepção de educação

Como concepção basilar de educação, a autora tem o trabalho educativo como “ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2012 p.13). Sobre esta afirmação, há muitos significados, sem pretender, nem chegar perto de esgotá-

los, portanto, segue uma breve síntese do pensamento capturado:

- a) Trabalho é a atividade vital humana, o que nos diferencia de outras espécies, nos constitui individualmente e socialmente (DUARTE, 2013). É também elaborado “como uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional” (SAVIANI, 2012, p.11).
- b) A intencionalidade, no caso do trabalho docente, é aquela que nos difere de outros educadores. Os processos educativos gerados pelos professores são aqueles que pretendem alcançar finalidades específicas, por serem pensadas para isso, não deixando a cargo de experiências educativas espontaneístas.
- c) O termo ‘indivíduos singulares’ pressupõe o desvelamento das diferenças, e não apenas da diversidade humana, sentido escamoteado que explora essas diversidades em detrimento das identificações das diferenças de classe (ABRAMOWICZ & RODRIGUES, 2013).
- d) A produção da humanidade é entendida como algo não natural. Aqui cabe o conceito de ‘gênero humano’ (DUARTE, 2013), para contrapor a ideia biologizante de que, se pertence à espécie humana, está, pois, inserido naturalmente socialmente e se constituiu humanizado. A ideia de gênero humano nos convida a construir nossa humanidade, e implica uma abordagem histórica de formação do indivíduo, que deverá ter direito às mediações necessárias para as apropriações do que nós construímos até aqui.

A partir dessa concepção de educação, a autora tem buscado construir sua práxis, adotando o conceito de práxis como “prática fundamentada teoricamente” (SAVIANI, 2012, p.120). A práxis depende da teoria assim como da prática. Ela é essencialmente a unidade entre esses elementos. No cotidiano da escola, busca então estabelecer relações que promovam uma educação planejada, intencional, desvelando as diferenças e considerando a necessidade urgente de humanizar. No cotidiano, esse conceito pode ser observado nas ações direcionadas a todas as instâncias de atuação da Orientação Educacional, em diversos espaços/tempos.

Ora aparece em forma de conversas aparentemente despreziosas com os sujeitos ou um coletivo, ora visualiza-se em coordenadas ações predeterminadas muitas vezes por outros agentes escolares ou do sistema de ensino, mas que são objetivadas para trazer sentidos e significados ao trabalho. Sob a premissa de buscar oportunidades humanizadoras

nos momentos escolares, aprofunda-se questões que desvelam as contradições.

Campo da Orientação Educacional

Também a partir desse conceito de educação é que a autora pretende contribuir com o pensamento da e na Orientação Educacional. A construção, reconstrução, análise, crítica e problematização da Orientação Educacional se faz necessária pois trata-se aqui, de um campo educacional presente na materialidade das escolas de todo país. Considera-se um campo intelectual (Bourdieu, 2002) porque sendo histórica e relativamente autônoma, conseguiu se estabelecer com um escopo teórico próprio em determinado momento, dentro da educação.

A materialidade da Orientação Educacional nas escolas do Brasil se dá por meio de ações e trabalhos docentes, que poderiam estar associadas a profissionais da Orientação Educacional. Observa-se que tais trabalhos não são produzidos por profissionais caracterizados como orientadores, e não o são, por conta de questões muitas vezes, meramente econômicas, que exploram a intensificação do trabalho docente. Portanto, a Orientação Educacional está presente, ainda que não explicitada por meio de um profissional denominado Orientador que a conduza.

Por isso, pensar Orientação Educacional como campo intelectual da educação é importante para aprofundar a práxis, seja dos profissionais orientadores identificados profissionalmente, seja para contribuir com o magistério, na produção de um concreto pensado (KOSIK, 1976). Esta é a lógica dialética, o processo de construção do concreto do pensamento (ela é uma lógica concreta)” (SAVIANI, 2016, p. 79).

Para citar um contexto no trabalho da autora, por exemplo, nos momentos em que as problemáticas da escola são mapeadas, é possível contar com o método dialético. Na instância de atuação institucional, uma das atividades previstas é o mapeamento da escola. Esse mapeamento não trata apenas de mera descrição dos espaços/tempos, para uma ambientação do profissional, na escola, esta é apenas uma das etapas, tal qual a etapa da observação das aparências no método dialético. Faz-se necessário, que esses espaços/tempos sejam conhecidos, descritos, analisados, estudados, problematizados para serem apropriados pelo coletivo da escola, com vistas a promoção de uma educação emancipadora, que traga em seu bojo os direitos de acesso às mais avançadas formas de pensamento do homem.

O trabalho da Orientação Educacional aqui, é promover ações que permitam que esse processo de mapeamento seja oportunizado a todos. Uma ação possível para isso é, por exemplo, o convite aos professores dentro de uma coordenação coletiva, de olhar para a arquitetura da escola e pensar/repensar em possibilidades pedagógicas de uso do espaço, e provocá-los a problematizar os atuais espaços. Outro exemplo, é provocar os estudantes a pensar na escola ideal para eles, realizando mediações entre seus pensamentos e a concretude da realidade social e material da escola pública. As possibilidades de atividades dentro de uma perspectiva dialética são muitas. Cabe ressaltar que dialética, se distingue de apenas dialógica. a dialogicidade é necessária, mas é uma etapa, o diálogo pode não necessariamente elevar o pensamento. A dialética como método, prevê que o concreto, a realidade que é vista, seja problematizada, para que seja alcançada a essência das coisas, em contraposição a aparência das coisas, pois a aparência não revela sua totalidade, daí então, que tendo o pensamento elevado seja possível uma transformação da realidade.

Nesse sentido, na busca por uma educação transformadora, revolucionária,

O professor deve entender a própria essência da ciência, seu estado atual, as principais etapas do seu desenvolvimento, a sua relação com outras ciências, com as relações sociais, entender seu peso específico na construção social, sua ligação com a vida, com a prática. Em uma palavra, ele deve dominar o fundamento dialético da ciência, [...] (KRUPSKAYA, 2017, p. 207).

Assim, o trabalho da Orientação Educacional como trabalho docente que é, prevê também que tenha em seus fundamentos a dialética, e que esta por sua vez, seja permeada por mediações necessárias para objetivações conscientes.

Pedagogia Histórico-Crítica e Orientação Educacional

A respeito das bases teóricas ratificadas pelos documentos oficiais da SEEDF, encontram-se duas com as quais a autora coaduna: a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural. Os documentos que promovem tais teorias na rede pública de ensino do Distrito Federal são: os Pressupostos Teóricos do Currículo para a Educação Básica e a Orientação Pedagógica para a Orientação Educacional. Tais documentos podem ser consultados no sítio virtual da SEEDF.

A pedagogia histórico-crítica é a teoria que se “empenha em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo [...] da determinação das

condições materiais da existência humana” (SAVIANI, 2012, p.76). Ela se constitui hoje como uma teoria construída por um coletivo, que tem alcançado cada vez adeptos e estudiosos, tendo inclusive uma metodologia própria. A perspectiva histórico-cultural é a teoria de Vygotsky para uma educação revolucionária de formação homem para uma sociedade socialista. Saviani (2016, p. 99), inclusive, conclui que:

[...] há uma intermediação entre a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural que pode ser expressa nos seguintes termos: a pedagogia histórico-crítica é mediação para que a psicologia histórico-cultural se constitua como a ciência dialeticamente fundada do desenvolvimento do psiquismo humano e a psicologia histórico-cultural é mediação para que a pedagogia histórico-crítica se construa como a ciência dialeticamente fundada da formação humana tendo em vista o objetivo de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (SAVIANI, 2016, p. 99)

A pedagogia histórico crítica e a psicologia histórico-cultural pretendem uma educação que emancipe o homem das alienações do modo de produção capitalista, e seja possível uma transformação real da sociedade. O modo de produção capitalista nos afasta dos sentidos e significações do trabalho como atividade vital e, portanto, caracterizador da nossa essência, porque ele nos coopta a executar o trabalho apenas como atividade de sobrevivência, de onde tiramos o sustento. Uma educação emancipadora busca libertar e constituir uma individualidade para si que nos aproxime de um gênero humano que supere as atuais relações sociais alienadas (DUARTE, 2013).

O método da Pedagogia Histórico-crítica tem passos definidos (Gasparin, 2005):

- a) prática social inicial - a realidade, a problemática, o conteúdo, o assunto, tal qual ele se apresenta para o estudante;
- b) problematização - o estranhamento da prática social inicial que pode ser mediado pelas abstrações da realidade;
- c) instrumentalização - é o ensino propriamente dito, com os devidos fundamentos dialéticos da ciência;
- d) catarse - expressão da apropriação dessa realidade pensada, em que o estudante realize uma síntese do conhecimento científico e do cotidiano;
- e) prática social final - diante da realidade pensada, ser capaz de uma nova postura social, passo para a constituição de uma individualidade para si que transforme o

gênero humano desalienando-o do modo de produção vigente.

Os passos da pedagogia histórico-crítica foram, num primeiro momento, propostos para a didática. Entretanto, valendo-se do pensamento pedagógico descrito até aqui, e construindo a práxis da Orientação Educacional, trata-se de um método que pode ser apropriado também pelo Orientador. Assim, pode-se inferir que uma Orientação Educacional nessa perspectiva terá como ponto de partida e de chegada a prática social, com investigação da realidade material, concreta, histórica e pelo movimento dialético, em que a essência dos fenômenos não está dada.

Trabalho na pandemia

O ano de 2020 provocou mudanças radicais no nosso modo de vida. A pandemia escancarou as diferenças e intensificou os conflitos educacionais, sociais, políticos, econômicos, de saúde, acirrou as disputas de poder em todos os seus contextos, e nos deixou ainda mais vulneráveis aos interesses do capital. O trabalho na pandemia da autora se valeu muito de desvelar essas contradições no cotidiano, especialmente nos momentos de coordenação pedagógica, onde propôs e fomentou discussões sobre o papel da escola.

No Brasil, vive-se o limite entre os cuidados necessários com a saúde individual e coletiva e a necessidade de sobrevivência. O trabalho tomou a centralidade nos discursos governamentais, no sentido mais capitalista possível, em que ele tem apenas a função de prover sobrevivência. A respeito disso, é possível citar que na medida que houve adaptação aos novos espaços/tempos virtuais da escola, mas havia uma normalização da centralidade produtivista.

Foi percebido o esvaziamento total da humanidade que é conferida pelo trabalho, uma vez que o indivíduo é ignorado, sua figura humana é uma ferramenta, inclusive substituível a qualquer momento em caso de negativa ao trabalho. Sabe-se que essa premissa de substituição é integrante da lógica capitalista, mas ressalta-se o caráter com que o discurso se escancara num momento em que a morte é possibilidade real alternativa. A continuidade das atividades econômicas por meio da exploração do trabalhador foi colocada em primeiro plano em detrimento da saúde pública. Fomos cooptados a agir sem pensar.

Esse contexto foi tão apropriado pela escola, que mesmo diante de um cenário em que mortes ocorriam a cada semana, dentro da própria, em torno da comunidade, na casa dos

estudantes, o sistema de ensino não parou em nenhum momento para problematizar com profundidade o próprio trabalho. Seguiu-se substituindo a mão de obra a cada adoecimento ou funeral. Apesar de isso afetar subjetivamente a autora, a objetivação do trabalho movia para a promoção dessas reflexões, para a problematização dessas e outras naturalizações que ocorreram. Os encontros com professores e estudantes tinham como intencionalidade desvelar essas naturalizações, identificar as estruturas de cooptação e promover um olhar para a realidade.

A escola foi cooptada a agir sem pensar. A “Educação básica a distância” foi inventada. A modalidade a distância não era prevista para essa etapa de ensino, pois entende-se que nessa etapa, a educação escolar em sua integralidade, somente é possível presencialmente. Afinal, nas perspectivas teóricas que foram explicitadas aqui, a educação se materializa nas relações e relacionamentos humanizadores em tempos/espços pensados para tal.

Nesse contexto, para não ‘confundir’ com a modalidade já estabelecida, os sistemas educacionais do país logo trataram de divulgar o termo “educação remota”. Entretanto, não havia antecedente que orientasse para ‘educação remota’ e é bem aceitável que a referência que existe é a modalidade de Educação a distância, que inclusive, não somente é amparada pela legislação, como também apresenta uma vasta produção intelectual a respeito. Razoável então, que nos primeiros momentos, se buscasse alguma referência para o trabalho, na já tão debatida modalidade.

Ao fazer esse movimento de buscar subsídios teórico-técnicos na educação a distância, surge a maior problemática da educação dos últimos tempos: seria possível uma educação básica regular a distância? Encontra-se muitas produções intelectuais que não defendem a educação a distância em nenhum contexto, outras que apontam possibilidades e fazem ressalvas pertinentes à apropriação da modalidade aos interesses econômicos.

De todo modo, algumas características da educação a distância imediatamente saltaram como aquelas que não seriam possíveis e/ou dificultariam sua apropriação para a Educação Básica regular, como por exemplo, a autonomia dos estudantes e as condições materiais tanto dos estudantes quanto dos professores, para realização do trabalho.

Na modalidade a distância concentram-se os cursos oferecidos a jovens e adultos, que, em sua maioria, escolheram estudar a distância e se comprometem com a disciplina e organização exigida. Os estudantes da Educação básica regular estão no processo de

desenvolvimento de sua autonomia.

Então, nesse contexto de educação remota, a autora ao produzir material com informação e provocações para os estudantes e comunidade escolar, considerou temáticas propensas para o momento, mas também o caráter precário das condições em que esse material seria oferecido.

Sobre as questões materiais, elas já eram evidentes e marcam as diferenças entre as classes sociais, ainda na educação presencial. Para o trabalho remoto a falta de instrumentos, equipamentos e acessos à internet foram mais que denunciados. A escola pública atende um público diverso economicamente. Entre eles, temos estudantes que não têm acesso à internet, seja por falta de equipamento, seja por residir em área que não é atendida pelas operadoras de telefonia.

Para os estudantes, seriam então oferecidos materiais impressos. Movimento que poderia ter sido substituído por uma operação de oferta de instrumentos e acesso à internet. Mas temos também professores nessas condições. Porém, a SEEDF convocou a trabalhar em regime *home office*, com as despesas advindas às próprias custas, ou seja, os instrumentos, o acesso à internet, e qualquer despesa é por conta do professor. O artigo 24 da Portaria 133, de 03 de junho de 2020, que dispunha sobre os critérios para atuação dos profissionais em exercício nas unidades escolares da rede pública de ensino do Distrito Federal, nas atividades educacionais não presenciais, no período de pandemia pelo coronavírus, informava que:

Art. 24 O servidor poderá utilizar os equipamentos disponíveis, para atuar presencialmente no ambiente de trabalho, eventualmente e se necessário, nas UEs/UEEs/ENEs, Bibliotecas Escolares, Bibliotecas Escolares-Comunitárias e da EAPE para atender situações excepcionais ao regime de teletrabalho e cumprimento de suas atribuições, desde que respeitadas as medidas de segurança orientadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SEEDF), como orientações de restrição à aglomeração de pessoas, de manutenção de distanciamento mínimo, de adoção de mecanismos de profilaxia, assepsia, sanitários e de informação com relação à Covid-19. (SEEDF, 2020)

Foi a institucionalização da precarização do trabalho docente. Segundo o artigo 24 então, a possibilidade era realizar trabalho presencialmente. Não havia na Portaria, previsão de oferta de instrumentos de trabalho.

Nesse contexto, o trabalho da Orientação Educacional foi logo convocado a localizar

os estudantes que não se manifestaram imediatamente nas plataformas. Diante dessa convocatória, muitos questionamentos por parte da autora, talvez o principal deles fosse, particularmente: por que admitir esse esvaziamento do trabalho?

A questão se coloca, pois, ao fazer a leitura do cenário, seria certo que muitos estudantes estariam fora do sistema de ensino e que isso não poderia se configurar em uma responsabilização de apenas um profissional dentro e/ou fora da escola. Diante disso, o posicionamento foi divulgado e teve o apoio, ao menos, interno da escola, que promoveu ampla divulgação e responsabilidade de todos os servidores nessa busca. Ainda assim, debatemos que a escola foi responsabilizada sozinha para manter os estudantes frequentes.

Todas essas questões citadas e muitas outras foram debatidas em círculos de professores, entretanto sem grandes impactos diante das políticas públicas. Fomos cooptados a trabalhar imersos nessas contradições, entendendo que a Educação em si, estaria fatalmente comprometida, mas não menos, que a luta pela vida na pandemia.

Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete & RODRIGUES, Tatiane C. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100002>. Acesso em: 10/06/21.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**: itinerário de um conceito. Colección: Jungla Simbólica. Editoria Montessor. Argentina, 2002.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Portaria 133**, de 03 de junho de 2020. Dispõe sobre os critérios para atuação dos profissionais em exercício nas unidades escolares da rede pública de ensino do Distrito Federal, nas atividades educacionais não presenciais, no período de pandemia pelo coronavírus. 2020.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3ª ed. Revisada. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3ª ed. Revisada. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução: Célia Neves, Alderico Toríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRUPSKAYA, Nadezhda Konstantinovna. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

REIS, João Carlos. (2011). O Tempo Histórico como “Representação Intelectual”. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, 8 (2), 1-21. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/312>. Acesso em 10/06/21.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

_____. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. In: **Teoria histórico-cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. Organizadores: Maria Valéria Barbosa; Stela Miller; Suely Amaral Mello. – Marília: Oficina Universitária; São Paulo, 2016, p.77-101. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/teoria-historico-cultural_ebook.pdf. Acesso em 10/06/21.

CAPÍTULO 18

ENCONTRO ARTICULADO PEDAGÓGICO: MOMENTO ESTRATÉGICO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DA PRÁXIS DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DURANTE O ENSINO REMOTO

Nádia Lopes dos Santos

O texto tem como objetivo apresentar a importância dos Encontros Articulados pedagógicos no processo de formação e de trocas de experiências para a atuação do Orientador Educacional nas unidades escolares no período presencial e no período remoto. Podemos entender o EAP como um momento de coordenação coletiva entre pares. Na carga horária dos profissionais das escolas (equipe gestora, professores, supervisor pedagógico, coordenadores, orientadores educacionais e outros) têm este espaço garantido todas as quartas feiras. Para o Orientador Educacional este momento acontece nas sextas feiras pela manhã entre seus pares em cada Coordenação Regional de Ensino.

Conforme a Orientação Pedagógica publicada em 2019, o trabalho da Orientação educacional, deve estar articulado às demais instâncias da unidade escolar, bem como à família e à comunidade, estabelecendo uma rede social e institucional de proteção e garantia aos direitos do estudante e de melhoria da educação. Daí a necessidade de ser um trabalho dinâmico e planejado coletivamente, articulado em rede para atender a diversidade das demandas apresentadas pelos estudantes e suas famílias durante a vida escolar.

O Encontro Articulado Pedagógico acontece em nível central (Gerência e Coordenadores Intermediários) e em nível local (coordenadores intermediários e Orientadores educacionais locais). Em nível Central ele é planejado e conduzido pela Gerência da Orientação Educacional (GOE) e apresentado pela Orientação Pedagógica (p. 27 2019) como reuniões que acontecem com coordenadores (as) intermediários (as) para orientações técnicas e pedagógicas e articulação das ações da Orientação Educacional.

Os EAPs em nível central, antes da pandemia de Covid-19, aconteciam toda segunda terça-feira de cada mês. Durante o período remoto foi decidido coletivamente que acontecerão semanalmente às terças pela manhã. A equipe da Gerência da Orientação

Educacional teve que se reinventar neste momento para dar suporte às coordenadoras intermediárias e seus pares. Encontrou suporte nas tecnologias, aplicativos e plataformas que favorecessem a prática deste profissional. Entre eles estavam as Plataforma Google Meet e Zoom, Telegram e canal no YouTube. Durante o período em que as escolas estavam em processo de recesso, conforme Decreto publicado pelo GDF, a GOE se organizou com as coordenadoras intermediárias para planejarem momentos de acolhimento para os servidores que retornaram logo em seguida no ensino remoto. Entre eles auxiliar na construção do Guia de Acolhimento para o Ensino Remoto, construir lives com temas pertinentes à atuação dos Orientadores educacionais locais em suas unidades escolares durante. Essa organização aconteceu durante os encontros articulados pedagógicos da GOE com as coordenadoras intermediárias.

O Encontro Articulado Pedagógico em nível local com os coordenadores intermediários e os orientadores educacionais locais, de acordo com a OP (2019) é um momento de planejar, realizar, participar e subsidiar conjuntamente com os orientadores locais, semanalmente na Coordenação Regional de Ensino em que atua. Durante o ensino remoto esses EAPs contribuíram para movimentar e implementar novos conhecimentos e instrumentos que favoreceram o trabalho do OE neste período pandêmico. Foi neste espaço que o coordenador intermediário e seus pares se encontraram para articular e formular momentos de construção da sua práxis. Entre eles, utilizar da mídia para conduzir e reformular suas ações junto aos professores, estudantes e suas famílias. Utilizaram a plataforma Google Meet para realização dos encontros, a plataforma Google Sala de Aula, para incluir todas as atividades realizadas nos encontros, inclusive as pautas, os textos e vídeos reflexivos e até mesmo a gravação dos encontros.

Os orientadores vivenciaram coletivamente trocas de experiências e aprendizados durante o ensino remoto, como construção de tutoriais para promover a implantação da Orientação Educacional neste processo. Foi neste espaço que tiveram oportunidade de dialogar com a rede social local, entre eles o Conselho Tutelar, equipe da saúde para construir ações coletivas para acompanhar a frequência e realizar a busca ativa dos estudantes durante o processo do ensino remoto e também implementar ações que prevenissem as violências domésticas.

Nos Encontros Articulados Pedagógicos foi possível organizar momentos de avaliação da prática do coordenador intermediário durante a organização desses momentos e também da atuação do Orientador Educacional em suas unidades escolares. Houve

construção de vídeos individuais e coletivos para postarem nas salas de aulas do Google Classroom, implementação da frequência dos OEs nestas atividades pedagógicas para encaminhar para os gestores etc.

Durante o momento de pandemia o WhatsApp foi utilizado como uma ferramenta poderosa para a comunicação imediata e para a transmissão das documentações publicadas pela SEEDF. Foi utilizado também para assessorar os orientadores educacionais nas suas demandas com os estudantes e suas famílias. Trouxemos também a realização de um novo formato de frequência durante o ensino remoto. Usando aplicativos disponíveis. Foram utilizados aplicativos para fazer flyer/convite para os encontros e para divulgação das lives (muito utilizadas pela Gerência da Orientação Educacional para a formação da equipe de Orientadores Educacionais do DF).

No período do ensino remoto os encontros articulados pedagógicos tiveram que ser repensados e reavaliados e foi um espaço privilegiado para construção de momentos de acolhimento, reencontros e de trocas de vivências e experiências das Unidades Escolares. Foi também um espaço de estudo coletivo das publicações da SEDF (Decretos, Portarias, circulares, guias e cadernos). Documentos que foram publicados constantemente e em consonância com os Decretos do GDF. Foi também espaço para refletir sobre o papel da escola durante o período remoto e após ele, inclusive com falas de profissionais da SEDF, entre eles Gina Vieira, Marina Rampazzo e Michelle Confessor. Foi neste espaço que se debateu as temáticas do luto, acolhimento, transição, entre outros.

Para os Orientadores Educacionais este espaço é um momento privilegiado de descontração, onde ele pode expor suas dúvidas, seus fracassos, suas angústias nos desafios encontrados na escola. Estar entre os pares é o momento onde o OE encontra compreensão para os seus anseios. O EAP é um momento de planejamento coletivo e avaliação da prática do Orientador. Nas Coordenações Regionais de Ensino, onde o quantitativo de OEs são maiores, ele pode acontecer de forma setorizada, por etapas de ensino ou por modalidade. Lembrando que o encontro também acontece com os orientadores do noturno a cada 15 dias do mês e preferencialmente nas quintas feiras.

Algumas Coordenadoras Intermediárias passaram, em algumas situações coordenar juntamente com outras CREs para aproveitarem as temáticas que eram demandas coletivamente por suas equipes. Daí veio a necessidade de utilizar o canal do YouTube para atingir mais pessoas, já que a plataforma do Google Meet tinha as suas limitações.

Conforme Portaria 3, de janeiro de 2021, o Encontro Articulado Pedagógico da Orientação no ano letivo de 2021 acontece todas as sextas feiras nas Coordenações Regionais de Ensino. Conforme a OP (2019) ele é coordenado pelo profissional da Orientação Educacional eleito pelo grupo anualmente. Este Coordenador Intermediário quando eleito, passa a pertencer a equipe da Unidade de Educação Básica - UNIEB. Lembrando que nesta unidade, ele é o único profissional eleito.

Os encontros são organizados de forma que contemple espaços de formação, trocas de experiências, articulações com a rede interna e externa e que proporciona também momentos de autocuidado com o grupo, com sua saúde física e mental, quando se fizer necessário.

Faz-se necessário ressaltar que este espaço, nem sempre aconteceu neste formato. Foram conquistas que se deram principalmente a partir de 2008, quando houve uma nomeação de mais de 600 profissionais da Orientação Educacional, onde o objetivo era ter um OE por escola. A articulação coletiva favorece espaços e diálogos, de luta para garantir direitos na qualidade da atuação e do ensino/aprendizagem.

CAPÍTULO 19

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: TECENDO NOVAS ESTRATÉGIAS DE ESCUTA PEDAGÓGICA DIANTE DOS NOVOS CONTEXTOS SOCIOEMOCIONAIS

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

No Distrito Federal como em todos os contextos sociais da humanidade, enfrenta-se uma pandemia do novo coronavírus, COVID-19. Uma pandemia que se alastra por mais de um ano e com resultados devastadores para a toda a sociedade mundial. Podem-se registrar prejuízos em diversas áreas do conhecimento, para não se falar perdas em todos os campos de atuação, prejuízos materiais e imateriais. Pandemia, que não foi a primeira, nem será a última na história da humanidade.

Faz-nos lembrar da nossa extrema fragilidade em face de um microscópico/ vírus que nos ataca de maneira sorrateira, misteriosa e muitas vezes fatal (mito de que era apenas uma gripe), causando estragos coerentes com o tamanho da crise sanitária mundial. Mensurar o quanto a pandemia transformou e irá transformar o modo de viver das pessoas é incalculável e mostra que não temos nada sob nosso controle.

Sob a ótica da medicina, a pandemia foi catalisadora de novas pesquisas com o intuito de descobrir mais sobre sintomas, variantes, vacinas, mutações, formas de contágios, país de origem, reações e suas especificidades; como a doença está circulando no meio da população brasileira, no contexto do Distrito Federal, e principalmente como o governo e suas políticas públicas Mundiais, Federal, Estadual e Municipal podem ou não modificar o cenário atual.

Neste cenário pode-se falar em avanço de pesquisas superando as expectativas. A crise gerou revolução e crescimento, o que não deixou de gerar sofrimentos. Contribuiu ainda para o fomento de pesquisas em outras áreas da saúde pública e divulgação de redes externas de proteção. Contudo, em relação à logística para a compra, recebimento, distribuição, cronograma de vacinação da população como um todo, segundo infectologistas, estamos em atraso há algumas décadas.

Sob a ótica da população, deparamos com uma doença nova, cheia de mitos e verdades que atrapalham o conhecer dessa nova realidade. O sistema de saúde mundial está em colapso, com altas porcentagens de contágios e mortes. Profissionais da linha de frente, enfraquecidos com a sobrecarga de trabalho e com o medo de colocar suas vidas e a vida de seus familiares em risco. Enquanto esse cenário não se estabiliza, a população mais vulnerável perde familiares, espera por leitos de UTI, busca por oxigênio entre outras inseguranças, o qual se arrasta por novas ondas de contágio e aumento de mortes.

Outro fator importante em relação a certos atos do governo negacionista causador de dissintonia estrutural, disparate de altos e baixos com ações desarticuladas, com informações desencontradas. Consequência disto, muitos enfrentam o que pouco se ouvia falar e que se tornou imprescindível sobre a saúde mental dos profissionais da linha de frente diante do caos e por quanto tempo ainda esse cenário irá perdurar. A saúde mental desequilibrada da população atinge também outras profissões, seja pela insegurança na permanência, seja pelo fato do contato com outras pessoas contaminadas ou não, sintomáticas ou não. E sobre o novo normal, e sobre as outras ondas de contágio, e suas variantes e cepas?

Acerca da saúde mental ainda, cabe ressaltar o fato da população também está vivenciando um momento obscuro com muitas dúvidas e incertezas, com tantas informações e notícias. Notícias que em sua maioria atingem violentamente o emocional e o psicológico de crianças e de adultos. Ricos e pobres. Intelectuais ou não. A escola se apresenta como um lugar privilegiado de debate, acolhimento e conhecimento. Para muitos, único lugar de arrematar experiências.

Outro ponto relevante, porém, não menos importante do que o outro está acerca das mais diversas doenças preexistentes que não deixaram de existir e fazer vítimas, todavia tem o poder letal maior ou igual ao do novo coronavírus que causa a Covid-19. Lembrando dos acidentes de trânsito, com números assustadores mesmo em períodos que chegamos a 60% das cidades em Lockdown, a qual há consideravelmente a redução de pessoas transitando pelas ruas.

Da comunidade local

O segundo momento dessa tessitura está em uma das áreas mais afetadas com a pandemia e o objeto de pesquisa é o Sistema Educacional, o trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional como um todo. Neste ponto, haverá maior atenção e explanação das

ideias e sob uma nova perspectiva humana, socioemocional e pedagógica. Como profissional servidora da rede da Secretaria de Estado de Educação, como pedagoga orientadora educacional atuante na Região Administrativa de Ceilândia em uma comunidade com vulnerabilidade social extrema; com alunos, alunas, jovens e adultos do CEF (Centro de Ensino Fundamental anos finais), com um ensino remoto cheio de desafios, sejam de ordem tecnológica sejam de ordem humana; sejam pelo descrédito do ensino por partes dos pais, responsáveis e alunos.

Com um público que depende de projetos sociais e em sua grande maioria depende do auxílio do governo. De uma comunidade local, os quais os provedores e as provedoras perderam suas rendas (redução extrema da capacidade de sustento) e **o que é pouco ficou em quase nada** (grifo meu); numa comunidade ainda com recursos humanos escassos decorrentes do distanciamento social, de estudante que teve que se tornar provedor da família reduzindo ou exterminando o tempo dedicado aos estudos; de discentes que perderam parentes e amigos, encontrando-se enclausurados dentro de suas residências sem perspectivas de retorno às aulas. Com o objetivo natural social de sobrevivência. Lutar pela vida é a prioridade e sempre será prioridade.

Dos refugiados/estrangeiros

Outra questão desafiadora para a Educação do Distrito Federal entre outras tantas está na acolhida de jovens estudantes refugiados ou não vindos de outros países, geralmente de língua espanhola em busca de condições melhores de emprego, moradia, saúde e educação. Numa língua que não é a língua materna. Distante de sua cultura e de seus familiares. A Legislação Brasileira determina acolhida, adequação curricular conforme a Constituição federal; Estatuto da Criança e Adolescente - ECA; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; a Lei da Migração e a Lei dos Refugiados – Lei 9474 de 1997. Acolher tantas peculiaridades, tantas especificidades, tantas situações adversas e de forma remota? Incentivando o estudo e a aprendizagem sem preconceitos? A Orientação Educacional pode minimizar esses efeitos na aprendizagem com ações individuais com apoio de material em português, direcionando o estudante ao modo cultural local, quebrando a barreira da comunicação entre os professores e alunos, promovendo um espaço de fala e escuta para seus familiares, fomentando políticas de acessibilidade linguística e fazendo da escola um ponto de referência para os discentes.

A pandemia deixa evidente as diversas faces da desigualdade que possui fator biológico se concretizando socialmente num país como o Brasil. A mesma pandemia não ocorre igualmente para todos, há o encontro e os desencontros dos mundos e das realidades. Há sofrimentos em tempos e espaços opostos. Sociedade desigual e diversificada segmenta ainda mais o processo em curso da digitalização social que ocorre de forma desigual. Teria como ser diferente? E os feitos e seus efeitos, para cada resposta ou ação há uma dupla de resultados, evidenciados em projetos tecnológicos a qual beneficia uma minoria e/ou projetos arcaicos burocráticos sem eficiência.

Dos profissionais de educação

E quanto aos profissionais da educação, talvez mais um ano atípico e desafiante, todavia para muitos profissionais da educação um pouco menos desgastante. Trabalhar em casa (teletrabalho), cuidar das atividades domésticas, atuar diretamente com meios tecnológicos passando da sala de aula presencial, físico e de convívio, para fazer parte da casa do aluno por vídeo aula, por chamadas de vídeo, ou ainda por mensagens escritas ou áudios. Ensinar para além dos conteúdos, ensinar a usar o celular, aproveitar o tempo nas aulas, a ter rotina de estudos, a ser gentil e educado mesmo virtualmente, Netiqueta.

Ensinar a respeitar as diferenças mesmo sem usar o chat ou sem usar o microfone ou ligar a câmera. E entender que se ensina para o aluno que não conhecemos ou sabemos seus sentimentos e anseios. Há indiretamente um currículo oculto adentrando casas e culturas sem pedir licença. Ministrando e ensinar seus próprios filhos, minimizando os desafios e maximizando as convivências (ideia de fusão); participar de cursos de formação continuada, teleconferências, Lives ao vivo ou gravadas; produzir kits de material impresso para os alunos que não têm acesso a plataforma por algum motivo.

Segundo o Guia para o Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais, esse material tem de possibilitar, efetivamente, uma explicação objetiva, com exemplos e logo após exercícios para fixação das aprendizagens, aprendizagens que façam sentido para vida prática daquela realidade social em questão. Com vista ao desenvolvimento e fortalecimento do sentimento de pertencimento, assim como a promoção do processo de escolarização para o sucesso integral do aluno.

Leva-se ainda em consideração nesse processo de escolarização, que não há como

controlar o ambiente de casa, quais pessoas convivem naquele ambiente e quais podem ajudar na realização dessas atividades. Se há alguém instruído para esse acompanhamento, corroborando as dificuldades, respeitando os tempos e os espaços que cada indivíduo tem para cada disciplina. Adaptar e acessibilizar conteúdos práticos e claros para estudantes e famílias sem qualquer nível de instrução ou sem um lugar adequado para esse momento de concentração.

Adaptar também para os alunos com laudo médico os conteúdos, que necessitam desse acompanhamento e acolhida mesmo de longe, seja pela sala de Recursos Generalista (apta para alunos com deficiência física entre outras), seja pelo apoio aos profissionais dos polos itinerários especializados (deficiência visual, entre outras). Cabe ao Orientador Educacional dentro dos seus eixos de atuação acolher esses profissionais com ações pontuais ou coletivas com formações ou momentos de escuta ativa. Há efetivamente uma lente de aumento diante das novas possibilidades de ensinar e aprender e se de fato haverá aprendizagem? Só o tempo e as próximas avaliações diagnósticas poderão afirmar.

Dos Pedagogos-Orientadores Educacionais

Nesse momento é propiciar ao estudante e a família que a escola (produz e recebe conhecimentos) está próxima para apoiá-los, para orientá-los e principalmente que todos nós estamos juntos. Que há uma nova rotina escolar em casa. Assim garantir também que o direito aos conhecimentos sistematizados e de qualidade sejam assegurados e segundo a autora Galtung não se reverta em violência estrutural típica das instituições de ensino.

o trabalho educativo realiza-se em organizações de diferentes graus de institucionalização. Desde os diversos tipos de escola até grupos informais na pedagogia social. A variedade organizacional é enorme. Com estrutura organizacional próprio, cada instituição exerce grande influência no modo de agir de seus integrantes. Tendo em vista, ao falarmos acerca da violência estrutural na educação, referirmos –nos basicamente às fontes de violência inscritas nos respectivos tipos de institucionalizações (GALTUNG, 1998).

Assegurar redes externas de proteção e de apoio como: CRAS, UBS, apoio psicológico em conjunto com a rede privada de faculdades, farmácias populares e etc., favorecem a acolhida e minimiza os efeitos da violência direta e cultural.

O intuito com a acolhida e o diálogo é amenizar essas rupturas estruturais com uma Comunicação Não Violenta. Acolher com uma palavra ou com um gesto as famílias com

tantas inseguranças, com tantos medos quanto à educação e a aprendizagem de seus filhos. Perceber o indivíduo como sujeito integral de direito nesse contexto tão notório. Perceber o indivíduo que faz parte e o próprio cotidiano que o faz. Misturas de mundos e de resultados. Como aprender num contexto claro-escuro, presente-ausente? Como conviver com o inusitado ampliando a capacidade de intervenção transformativa da sociedade em todas as suas facetas?

Uma das propostas da Orientação Educacional é intermediar uma escuta ativa e sensível entre as partes em conflito de diversas ordens e estruturas. É mediar sem julgar possíveis momentos de tensão entre alunos e família, entre aluno e professor, entre aluno e aluno, entre professor e professor e entre professor e gestão escolar. E Apesar desse ambiente virtual e sem contato, percebeu-se muitas outras formas de conflitos e demandas tão significativas e complexas, assim o convite está lançado ao diálogo: as famílias podem se permitir dialogar nas esferas da escola. Ligar quando não podem ir pessoalmente, expor suas ideias durante a aula virtual; questionar quanto aos conteúdos e comportamentos de alunos e profissionais na reunião de pais. Mostrar seu valor como cidadãos de direito e deveres. Profissionais também permeiam o processo de fala e escuta, de valorização do trabalho docente e de valorização de si e do outro dentro do ambiente educacional.

Por outro lado, há o aumento das demandas e do adoecimento desses docentes e discentes em sua grande maioria com desequilíbrios físicos, socioemocionais, psicológicos e financeiros, que afetam tanto a qualidade do trabalho docente e motivacional quanto à qualidade das aprendizagens dos estudantes. Consequências: evasão escolar, pouca adesão ao uso da plataforma, falta de atenção na resolução de atividades e questionários. Desmotivação e desinteresse.

Segundo Marshall em seus escritos na comunicação não violenta, tema contundente com momento, nos faz pensar na comunicação, no diálogo entre os pares. Há o papel crucial da linguagem e do uso das palavras. Desde então, identifica-se uma abordagem específica da comunicação - falar e ouvir - que nos leva a nos entregarmos de coração. A comunicação não violenta (CNV) se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, com dificuldades, anseios e medos. Ajuda-nos a reformular a cada diálogo a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Faz-nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo em que damos

aos outros uma atenção respeitosa e empática.

O olhar o outro com importância. Marshall simboliza a CNV com a girafa. De pescoço longo que percebendo o todo ao redor, mas com atenção e sem julgamentos e como um animal de maior coração, ou seja, apto a escutar mudando padrões antigos de comportamento e sem violência. E os antigos padrões de não perceber o outro, uma comunicação alienante da vida, moralizante e sem se colocar no lugar do outro está representado pelo chacal. Animal sagaz e cheio de si.

E, finalmente como nos apropriar de uma linguagem dinâmica e sensível e transmiti-la na práxis? Diariamente, nos deparamos com situações inusitadas e de difícil compreensão. O papel mais evidente do pedagogo orientar é acolher sem julgamentos com empatia, buscando sanar aquela necessidade: internet, material impresso, mudança de endereço, falta de emprego, doenças, vulnerabilidade nutricional, não realização das atividades por falta de conhecimento, uma informação sobre a vida do aluno ou simplesmente está lá, seja qual for à necessidade.

A empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo. O filósofo chinês Chuang-Tzu afirmou que verdadeiramente empatia requer que se escute com todo o ser: “ouvir somente com os ouvidos é uma coisa. Ouvir com o intelecto é outra. Mas ouvir com a alma não se limita ao único sentido – o ouvido ou a mente, por exemplo. Portanto exige esvaziamento de todos os sentidos. E, quando os sentidos estão vazios, então todo o ser escuta. Então, ocorre a compreensão direta do que está ali mesmo diante de você que não pode nunca ser ouvida com os ouvidos ou compreendida com a mente... ao nos relacionarmos com os outros, a empatia ocorre somente quando conseguimos nos livrar de todas as ideias preconceituosas e julgamentos a respeito deles. (MARSHALL, 2006)

Atender essa comunidade minimizando a violência direta e a violência cultural mencionada por Galtung faz parte da estratégia pedagógica relevante para acolhida da comunidade escola em tempos de estudos mediados por tecnologias.

Para entender um pouco a realidade da referida comunidade, no início do ano letivo de 2021, realizei uma pesquisa descritiva pelo Google Forms. A pesquisa foi destinada para os alunos dos 6º anos e 7º anos de Centro de ensino fundamental 25 de Ceilândia na sala criada, especialmente para a Orientação Educacional. O objetivo específico é sondar um pouco da realidade dos nossos alunos e de alguma maneira orientá-los nesse processo árduo, longo e para muitos de difícil aceitação.

No formulário há perguntas como: Qual cidade você mora? Quantas pessoas há em

sua casa? Quantas pessoas usam o aparelho eletrônico para acessar a plataforma em casa? Qual a qualidade de sua internet? Quem te ajuda a realizar as tarefas ou você a faz sozinho (a)? Há um ambiente de estudo apropriado? Qual a qualidade desse ambiente? Há algum tema que você como aluno gostaria de aprender na sala virtual? Você acha que está aprendendo nessa pandemia? E sobre a sala da Orientação Educacional, fale um pouco; você acha que a Orientação Educacional pode te ajudar a minimizar os efeitos da pandemia em relação à vida acadêmica?

Esse formulário teve boa aceitação por parte dos alunos, sendo voluntária a adesão, reflete as especificidades de cada aluno. Os resultados, em si, mostram uma comunidade carente e vulnerável, em média 80%, o compartilhamento do aparelho eletrônico se faz de no mínimo duas pessoas por família. Muitos usam internet cedida; 70% dos estudantes fazem as atividades individualmente e em ambientes inadequados; e sobre o papel do Pedagogo-Orientador Educacional dentro da escola, principalmente para os alunos recém chegados na unidade (6º anos). Os alunos e muitos profissionais não internalizaram o nosso papel e sua importância. A base da pesquisa descritiva é de caráter informativa e diagnóstica, todavia desempenha um papel fundamental para orientar pais e alunos e gestão escolar face às novas aprendizagens e seus desafios.

O intuito não é torna esse formulário como único e engessado, mas sim como um dos instrumentos de percepção da realidade da comunidade local e a partir desse ponto nos sensibilizarmos e intervirmos socioemocionalmente, mudando histórias e agregando o protagonismo.

Das aprendizagens

Objeto do estudo, o aprender aberto de possibilidades, mas aprender como e o quê em tempos de pandemia? Há desafios e barreiras a serem ultrapassadas, em primeiro lugar como achar o equilíbrio, a justa medida do nosso projeto de vida. O que de fato queremos ser? Onde estamos e o que estamos realizando para alcançar o futuro? Vejo o prisma do intrapessoal, abrimos mão do presente, do que é do campo do agora, e tentamos ou pensamos antecipar o futuro, desejamos ver o que não podemos ver ou saber do futuro. A nossa postura hoje (presente), nossos feitos têm efeitos colaterais ou não para o amanhã. O futuro desejado depende da nossa inteireza hoje, depende dos dramas e das possibilidades de hoje. Do tear de hoje, firme e bem entrelaçado.

Com todos os riscos e desafios de acertos e erros, o desafio de aprender hoje é intensificado em situações adversas como a pandemia. De alguma forma, o processo de crise motiva a criatividade e coloca uma lente de aumento naquele que já existia, amadurece aquilo que ainda não está pronto e pode nos fazer desapegar daquilo que já estava passando do ponto. A mudança de lente nos faz querer enxergar os pequenos remendos, as contradições da crise e ajustar e se preciso consertar o velho gerando o novo. Crise continua sendo crise. Sofrimento também continua sofrimento. Aprende-se com outros erros e com erros dos outros. Se ainda não é suficiente o erro do outro, eu me permito errar e aprender sob uma nova perspectiva.

O conhecimento velho sozinho é somente o velho e o conhecimento novo sozinho não é real, assim funciona a coletividade. O eu precisa de si e do outro para viver como serem sociais, errando, acertando e gerando aprendizagens significativas para o hoje urgente, mas que se refletirão para o futuro que desejamos viver.

Assim, a pandemia não tem todas as respostas e soluções para todas as inquietações, mas deixa de alguma forma legados positivos para a sociedade: de mais amor, empatia, cuidado, palavras de carinho, gestos, conhecimentos sistematizados, do aprender informalmente; novas descobertas nos campos científicos, tecnológicos; outros meios de escrever cartas, de comunicação; de compartilhar novas amizades; do visitar novos lugares sem sair de casa; do criar novas áreas de trabalho; do plantar literalmente nova semente com perspectiva de colheita próxima; do aceitar do luto, processo natural da vida; do me aceitar como parte do cotidiano.

Ganhar ou perder, ainda não há um placar final. O que de fato sabemos é que há muito trabalho a fazer. O tecido da vida foi colocado em nossas mãos, e o indivíduo pode ir tecendo novas formas positivas de viver o momento.

Patrícia Miranda Chaves dos Santos com formação em Letras Português e Respectivas Literaturas, Letras Inglês e suas Respectivas Literaturas e Pedagogia. Pós-Graduação em Orientação Educacional, Psicopedagogia e Libras. Curso de Inglês pelo Cile e Espanhol cursando. Trabalho na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal como Pedagoga Orientadora Educacional em Ceilândia DF desde 2019.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2007. BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, 2009.

_____. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.promenino.org.br> (<http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-integra-ecomentarios-tecnicos>). Acesso: 16/02/2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)** Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 07.01.2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica**: ensino fundamental, ensino médio. Brasília: SEEDF.

_____. **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019.

_____. **Ficha Profissiográfica da Orientação Educacional que rege sobre a descrição do cargo de Pedagogo-Orientador Educacional**. Publicada no DODF 193, de 17 de setembro de 2013, p. 8.

_____. **Ficha Profissiográfica da Orientação Educacional que rege sobre a Caderno Orientador Convivência Escolar Cultura de Paz**. Brasília: SEEDF, 2020. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 20/08/2021.

_____. **Guia para Acolhimento à Comunidade Escolar no Contexto de Atividades Pedagógicas Não Presenciais**. Brasília: SEEDF, 2020.

FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia de Covid-19**. Publicada em: 09/04/2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, 27(3), 1990, p. 291-305 Recuperado em 15/01/2015

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006. Disponível: <http://www.educacao.df.gov.br/> Acesso: 10/10/2019.

PORTO, Olivia. **Orientação Educacional**: teoria, prática e ação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

CAPÍTULO 20

BUSCA E ESCUTA NO ENSINO REMOTO: UM OLHAR SOBRE OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vera Lúcia Bezerra Candido

A Busca Ativa Escolar é uma metodologia desenvolvida tendo como foco, em primeiro lugar, a garantia do direito à educação, ao enfrentamento à evasão e exclusão escolar dentro do contexto pandêmico atual, o qual tem impactado a população de forma negativa em diferentes níveis. Consiste em uma forma de incentivar a participação efetiva dos estudantes no ensino remoto, através de práticas educativas efetivas e da contribuição de um membro familiar, um “mediador”. Nesse sentido, a rede pública de ensino do Distrito Federal desenvolveu uma conexão com os estudantes e suas famílias tendo como base o Currículo em Movimento do Distrito Federal.

Os pressupostos teóricos deste currículo relacionam a etapa de ensino da educação infantil com o desenvolvimento coletivo, e não apenas individual, devendo este ocorrer em meio às interações sociais e culturais. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, fixadas na Resolução do Conselho Nacional de Educação, estabelecem em seu artigo 9º que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, devem ter como eixos norteadores as brincadeiras e as interações”, contudo, no atual contexto causado pela epidemia do vírus Sars-Cov-2, a relação de construção das aprendizagens por meio destas, bem como das manifestações de criatividade e do aprendizado significativo e espontâneo em sala de aula, foi interrompida. Devido à necessidade do isolamento social, houve a limitação das relações sociais das crianças e a restrição de estar fisicamente com seus pares e educadores, levando a ausência de atividades lúdicas e criativas, promovendo uma sensação de vazio e incertezas.

Frente a essa situação e a uma normativa distrital que preza pela continuidade das ações educativas em sua integralidade, quando possível, o primeiro pensamento para a construção de um projeto pedagógico neste contexto pandêmico, baseou-se no acolhimento dos alunos e em refletir como seria a adaptação a um novo método de ensino, com uma nova

proposta de rotina de estudos e inerente ao engajamento das famílias neste processo, para que finalmente, os profissionais pudessem conduzir as aprendizagens, a preparação das aulas e atividades dentro desse novo método de ensino remoto .

Levando em conta a ideia proposta pela Psicologia Histórico-Cultural, de que ninguém nasce sabendo brincar e de que a brincadeira emerge da vida em sociedade, entre os seres humanos e que a mesma resulta no aprendizado, sabe-se que as crianças aprendem a partir das interações umas com as outras, do contato com objetos e materiais, da observação, reprodução e recriação que envolve a criatividade. Aprendem, portanto, nas vivências mediadas pelas convivências, e a relação com seu meio. Logo, para que a aprendizagem acontecesse durante o ensino remoto, a brincadeira foi definida como a principal prática educativa efetiva para ser usada na Busca Ativa.

A metodologia foi implementada pelo corpo docente do Jardim de Infância 02 do Gama, Distrito Federal, o qual atende classe popular da região. Em 2021, a instituição contava com 361 crianças matriculadas, com idades entre três a cinco anos, divididas em um total 18 turmas, divididas em: Maternal, Primeiro e Segundo períodos, Classes de Integração Inversa e Classes Especial.

Passos iniciais da busca ativa e problemáticas observadas

Sabe-se que alguns pais e mães não se envolvem com a educação dos filhos. Seja por falta de tempo, de interesse, ou pensam não ser importante e necessário o acompanhamento escolar e acabam por delegar o processo educacional apenas para as escolas. Entretanto, com a suspensão das aulas presenciais e o isolamento social, os educadores se tornaram dependentes das famílias, na representação do estudante durante o confinamento. A família – entende-se como as pessoas responsáveis pela criança - tornou-se peça fundamental no processo educativo principalmente nesse novo formato virtual.

Para o desenvolvimento do projeto, questionários foram enviados com o intuito de levantar dados sobre quem dispunha de ferramentas tecnológicas para acesso remoto. Após a coleta de respostas, definiu-se que a participação e entrega das atividades seriam realizadas de duas formas: virtual, através da plataforma Google Meet, e impressa. Com isso, deu-se início às orientações das “práticas pedagógicas domésticas”, primeiramente através da escuta sensível das famílias, a fim de conhecê-las e planejar a estruturação do ensino-aprendizagem, além de garantir o envolvimento e parceria dos pais nesse novo formato. A

escuta sensível constituía um espaço para entender como os familiares dos alunos lidavam com seus sentimentos e o momento que estavam passando, suas dificuldades e necessidades. Elas eram realizadas, de forma individualizada, por telefone ou virtualmente, e seguida, de forma coletiva com membros da escola, gestores e pais.

As escutas desencadearam na nomeação de um *mediador* em cada família. O mediador seria o representante do estudante frente à escola – um adulto, ponte entre a escola e a família, para que juntos garantissem a realização de estudo, das trocas compartilhadas, assegurando assim os direitos a educação dos pequenos, foco da Busca Ativa. Seu papel consiste em estar presente durante as aulas na plataforma online, caso houvesse recursos, orientar as tarefas escolares, comparecer a escola para retirar tarefas, dentre outras atividades esporádicas.

Para uma melhor organização deste trabalho pedagógico, foi apresentada aos pais e responsáveis a “Proposta Pedagógica da Instituição” de como o trabalho da educação infantil acontece, enaltecendo a importância da internalização dos conteúdos desenvolvidos, de forma lúdica, especialmente para as crianças e os benefícios que eles trazem para o desenvolvimento infantil, preparando-os para o ensino fundamental, e possibilitando a alfabetização posteriormente. Foram apresentados também alguns aspectos sobre os princípios norteadores da educação, os quais propõem a unicidade entre teoria e prática, interdisciplinaridade, contextualização, flexibilização e diversificação dos seus conteúdos, favorecendo uma organização temporal em respeito as fases de aprendizagem dos bebês e das crianças pequenas.

A integração da família foi muito importante neste processo teórico e explicativo, onde eles puderam esclarecer pontos que causavam dúvidas e compreender melhor a importância da educação infantil. A partir dessa integração percebeu-se que muitos pais e responsáveis, compreendiam esse período educativo das crianças como apenas “para brincar e passar boa parte do dia” – muitos deles consideram a merenda escolar um fator central para encaminharem os filhos à escola, pensavam também que essa etapa do ensino “não reprovava” e muitos deles consideravam que o formato do ensino remoto não era adequado para as crianças, portanto “não era necessário”.

Coube à escola o desafio de desmistificar as ideias de que os educadores “apenas distraem as crianças” neste espaço de aprendizagem, desmistificar que “eles não estão aprendendo nada” como uma mãe relatou. Foi reforçado pela equipe escolar que a educação

infantil prepara a criança para as demais etapas da educação formal que virão em seguida, ao trabalhar principalmente a formação do desenvolvimento infantil relacionado aos aspectos físico, motor cognitivo, social e emocional, além de fomentar a exploração, as descobertas, desenvolver suas aprendizagens significativas, alcançadas pelas suas vivências dentro da sua primeira sociedade que é a família. Além de aprenderem a interagir com seus pares e grupos de pessoas fora do seu círculo familiar, sendo nesta fase que noções básicas de cidadania, valores e princípio éticos formam-se nas crianças, além da capacidade de aprender a lidar com as diferenças.

À luz das Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a 2ª edição do Currículo em Movimento do Distrito Federal, a Educação Infantil adota uma organização que emerge dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que asseguram:

[...] as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidam a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p. 33).

De acordo com a BNCC, os campos de experiências da educação infantil linguagem e escrita “constituem um arranjo curricular que acolhem as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2017, p. 38). Portanto, a partir desse entendimento, os educadores tem como atribuição instigar a criança a uma nova visão de mundo, onde elas vão se apropriando da cultura, internalizando outros conhecimentos e compreendendo a vida e o que se passa ao seu redor além de produzirem novos significados, desenvolvem outras experiências e estabelecem novas formas de relação consigo, e com o outro, além disso essa proposta perpassa a constituição da autonomia, habilidade básicas de autorregulação, do reconhecer e aceitar regras e limites, desenvolve habilidades sociais, a lidar melhor com as emoções, aprender sobre a importância do autocuidado, como alimentação, higiene, etc.

O desafio dos educadores frente à falta de conhecimento das famílias em não saber como se dá o processo ensino-aprendizagem na educação infantil – muitas vezes por vários motivos que ultrapassam apenas o conhecimento comum e tocam em vulnerabilidade sociais diversas –, fizeram com que eles, espontaneamente, pensassem em elaborar atividades

simples e funcionais para com as crianças e seus familiares, além da preocupação com o tempo de exposição das crianças a telas – televisão, computador e celular – e a disponibilidades das mães e pais (ou responsáveis) – os quais ocupam boa parte do dia com o trabalho.

Outro desafio não menos importante aos educadores, foi compreender e ser empático a situação real de que “pais não são professores”, e que para essa mediação acontecer faz se necessário um bom roteiro de orientações para a família, um direcionamento pontual e simples, onde as atividades fossem explanadas de forma que o mediador entendesse a intencionalidade de cada tarefa e sua objetividade. Além de ser necessário levar em consideração que o momento pandêmico já era um complicador para as famílias, que precisavam lidar com muitos outros problemas, inclusive fatores de riscos que impediam o desenvolvimento saudável das crianças como: negligência, abandono, desemprego, falta de uma alimentação, dificuldades financeiras, ausência de tecnologias em casa, problemas de saúde dos filhos, necessidade de rotina, de espaços adequados, entre outros, caracterizando um contexto estressor devido a essas alterações ambientais adversas.

Há um modelo psicológico de Lazarus e Folkman (1984, apud SANZOVO; COELHO, 2007), que visa explicar como os indivíduos empregam estratégias e forças para lidar com as exigências específicas provenientes de uma situação de stress - exigências essas consideradas como sobrecarregadoras de seus recursos pessoais. Este processo é chamado coping e abrange um conjunto de esforços tanto cognitivos quanto comportamentais. Esse processo, pode ser entendido, como um conjunto de respostas comportamentais que o indivíduo, diante de uma situação de stress, emite para modificar o ambiente na tentativa de adaptar-se da melhor forma possível ao evento estressor, reduzindo ou minimizando seu caráter aversivo.

Há que se mencionar também que nesse momento para a educação, a busca ativa de mediadores para o ensino infantil doméstico se depara com outro desafio: inserir as crianças da educação especial, as quais nos remete à inclusão de pessoas com necessidades específicas, o que requer discussões e ações conjuntas de uma rede de atendimento, não apenas escolar, para atender esse grupo de crianças que carecem tanto de interações, acolhida, e escuta sensível. Percebeu-se que o desenvolvimento desses estudantes portadores de deficiência foi muito prejudicado nesse contexto do Covid-19, pelo motivo da suspensão dos atendimentos especializados, que complementam o atendimento da escola, tais como: Serviços Itinerantes, Salas de Recurso, Centros de Ensino Especial, Classes Hospitalares,

Atendimento domiciliar. Todas essas ofertas de atendimento específicos para essas crianças foram suspensas e hoje a escola segue com uma demanda de intervenções envolvendo as famílias para nos representar nesses momentos de aprendizagem.

Colhendo os frutos da busca ativa

Muitos foram os desafios apresentados até então para a atividade pedagógica. A pandemia, o isolamento social, a necessidade da continuação das aulas por meio virtual, o uso das ferramentas tecnológicas, a necessidade de reajuste na prática pedagógica, a interação e o alcance dos estudantes e de suas famílias, dentre outras tantas missões. A comunidade escolar e, especificamente, os orientadores educacionais foram surpreendidos com uma avalanche de mudanças e tiveram que se reinventar para um novo modelo de ensino, que exigia uma urgência e novas estratégias para manter o direito à educação e evitar a evasão escolar. O resultado de todo esse esforço e organização trazida pelo projeto foi percebido e avaliado a cada bimestre. Resultados como mudanças de postura das famílias através do acompanhamento das atividades escolares, das interações com a escola durante as aulas online, das participações efetivas nas reuniões bimestrais, foram notórias.

Para as crianças da educação especial, foram feitas adaptações das atividades com conteúdo mais dinâmicos e flexíveis, compatíveis com as necessidades dos estudantes e capazes de atender as limitações e as necessidades individuais, respeitando e valorizando a diversidade. A implementação das adaptações também foram possíveis graças a ajuda dos mediadores, que exerceram papel de incentivo e suporte aos alunos, chegando até a confeccionar materiais para isso.

A presença do educador nos lares das crianças através das plataformas virtuais, trouxe mais interesse às crianças. A manutenção de um roteiro de estudo para o acompanhamento dos conteúdos, a aplicação e o uso de cartilhas sobre a rotina escolar a serem desenvolvidas em casa, trouxeram uma maior organização da vida cotidiana e que facilita um maior envolvimento dos adultos, tanto para os procedimentos da organização didática como para a introdução dos conteúdos a serem acompanhados pelos responsáveis (mediadores).

Todos os frutos advindos do Projeto Busca e Escuta Ativa no Ensino Remoto, vieram a agregar e motivar para continuarmos acreditando no trabalho e nos profissionais educacionais, que mesmo diante dos desafios e adversidades enfrentadas, trilharam novos

caminhos para dar andamento a esse novo desafio pedagógico. Todas as propostas de engajamento, de parceria, de organização, divididas agora com os mediadores, avaliados até esse momento, corresponderam a resultados positivos.

Considerações finais

De acordo com o estudo sobre emoções e sentimentos, ressaltando que ambos se apresentam de modos diferentes. As emoções nos preparam para agir, em circunstâncias de emergência, são as forças propulsoras que preparam o corpo para fugir ou lutar, as emoções são base nas nossas atitudes. Os sentimentos, por sua vez, podem ou não ser coerentes com nossas atitudes, porque podemos escolher nos comportar de maneira que os oculte.

Refletir sobre a emoção como um processo inconsciente, nos trouxe a certeza que durante esse processo remoto, envolvendo indivíduos permeados por incertezas, medos e dificuldades, a ação e o pensamento tornou-se o aliado para que as coisas acontecessem. As forças propulsoras do momento indicavam a necessidade de união na busca de soluções de sobrevivência e de garantia ao direito dos pequenos de não ficarem fora da escola. E foi, a partir desse pensamento, que a família e a escola compreenderam a necessidade da ajuda mútua, voltada para esse enfrentamento. Esperamos que essa ação pontual possa levar incentivo e ser um instrumento de inspiração para outras escolas e redes de ensino. Estamos dispostos a ajudar e crescer juntos, mesmo que em tempos difíceis.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 1990.

_____. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília: 2017.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIAS, Ewerton Naves; PAIS-RIBEIRO, José Luís. O modelo de Colping de Folkman e Lázarus, (1984) Aspectos históricos e conceituais. **Revista Psicologia e Saúde**, vol. 11, n.2 Campo Grande maio/ago. 2019.

CAPÍTULO 21

A PRÁTICA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DO CEF 101 DO RECANTO DAS EMAS

Zenilda Martin

Diante de tantas controvérsias sobre a atuação do(a) Orientador(a) Educacional, apresentaremos, neste texto, a experiência de orientadoras educacionais de uma escola localizada na região periférica do Distrito Federal – o Centro de Ensino Fundamental 101, do Recanto das Emas –, realizada com o objetivo de suscitar nos trabalhadores da instituição novos pontos de vista acerca do trabalho desenvolvido pela Orientação Educacional.

Primeiramente, iremos abordar o histórico da profissão de Orientador Educacional, os diferentes campos a que ele já foi direcionado, e, em seguida, daremos um enfoque no modo de atuação desse profissional no Distrito Federal, segundo o documento que orienta esse trabalho na capital do Brasil. Depois, apresentaremos a concepção que embasa o nosso trabalho, fundamentada em autores de teorias marxistas.

A atuação do(a) Orientador(a) Educacional em uma escola é uma prática bastante questionada, e o enfoque do trabalho desenvolvido por esse profissional é alvo de grandes controvérsias e discussões. Isso talvez aconteça em razão do que vem sendo desenvolvido por esse segmento da educação, durante todo o percurso histórico da profissão. Segundo Pimenta (1988), a Orientação Educacional no Brasil surgiu em 1930, inspirada no que os Estados Unidos realizavam em termos de Orientação Profissional. Observamos que, na época, o(a) Orientador(a) Educacional atuava mais diretamente no campo vocacional dos estudantes.

Em 1942, a Orientação Educacional aparece pela primeira vez na legislação federal brasileira e restrita ao Ensino Médio, com caráter profissionalizante. Depois, apareceram novas funções, inclusive em documentos legais, como o Decreto 72.846, de setembro de 1973, que regulamenta a Lei 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que trata do exercício da profissão de Orientador Educacional. Essa Lei estabelece, em seu artigo 5º:

A Profissão de Orientador Educacional, observadas as condições previstas neste regulamento, se exerce na órbita pública ou privada, por meio de planejamento, coordenação, supervisão, execução, aconselhamento e acompanhamento relativos às atividades de Orientação Educacional, bem como por meio de estudos, pesquisas, análises, pareceres compreendidos no seu campo profissional. (BRASIL, 1973)

Verificamos, neste artigo, que o trabalho do(a) Orientador(a) Educacional já inicia o seu processo de abrangência incluindo vários aspectos que podem ser trabalhados na escola também com o sentido de atuar de forma mais psicologizante individual e coletivamente, como mencionam Giacaglia e Penteado:

Com o crescimento do número de alunos e como começaram a surgir problemas de comportamentos inadequados semelhantes em vários deles, a Orientação Educacional passou de um tratamento individualizado, de um ou poucos alunos por vez, para outros tipos de estratégias mais adequadas a grupo de alunos, dentre outras, reuniões e palestras para alunos e para seus responsáveis, palestras essas tratando dos problemas mais recorrentes. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2010, p. 11)

No Distrito Federal, em 2019, publicou-se o caderno de Orientação Pedagógica da Orientação Educacional, em que já se prevê uma atuação pedagógica e bem mais abrangente para o(a) Orientador(a), no sentido de atuar em consonância com a gestão pedagógica, a coordenação, os professores, as famílias, enfim, com toda a comunidade escolar, para promover as aprendizagens e para que o estudante seja visto em sua integralidade, ou seja, como um ser integral, e não fragmentado. Ele se compõe de um todo e deve se desenvolver em todos os aspectos: individual, social, emocional, intelectual, físico. Esses aspectos devem ser construídos com base na ética e no diálogo, respeitando-se a diversidade, o social e o cultural. O(A) Orientador(a) Educacional necessita estar empenhado em ações que surgem da realidade da comunidade em que atua. Baseado nisso, esse trabalhador da educação precisa dar voz ao estudante, fazer com que ele seja protagonista da sua própria ação pedagógica juntamente com professores e toda a comunidade escolar. Com base nisso, a Orientação Pedagógica da Orientação Educacional preconiza:

A Orientação Educacional atualmente contribui para o processo educativo a partir de uma prática articulada com toda a comunidade escolar, repensando coletivamente o fazer pedagógico, participando na análise da realidade, apoiando diálogos problematizadores, promovendo a tomada de decisão individual e coletiva e executando ações com foco em objetivos compartilhados no Projeto Pedagógico da instituição escolar, a fim de tecer uma rede social e interinstitucional que colabore com o desenvolvimento integral do estudante. (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 15)

Considerando que o homem é um ser social, que as relações são estabelecidas a partir do contato com o outro e que, por meio disso, ele vai se constituindo, a educação, enquanto atividade humana geral, assume a função de mediar e de fazê-lo apropriar-se de elementos da cultura para que possa iniciar uma transformação individual e social.

Vigotski (2020) cita Marx ao dizer que é preciso chegar à tomada de consciência por meio da relação com os seres sociais, que é característica do ser humano:

Onde existe alguma relação, esta existe para mim; o animal não 'se relaciona'. Para o animal não há 'relação' com os outros, como tal. Por conseguinte, a consciência, já desde o princípio, é um produto social e segue sendo enquanto existirem os seres humanos. Claro está que a consciência, a princípio, é a tomada de consciência do meio mais próximo. (VIGOTSKI, 2020)

Nesse trecho, o autor quis enfatizar que a consciência se desenvolve na relação com os outros seres humanos, que a chamada para essa prática acontece na relação com o humano e que, no animal, esse desenvolvimento do conhecimento não ocorre, apenas no indivíduo.

Superação da fragmentação na prática da Orientação Educacional

Na perspectiva mencionada, a Orientação Educacional não pode ser vista de modo fragmentado no trabalho pedagógico das instituições; embora seu histórico seja bastante complexo, esse segmento da educação precisa estar articulado com toda a equipe pedagógica da escola. O trabalho pedagógico deve ser visto como um trabalho integrado. E, devido a todas as demandas que surgem para o professor, esse trabalho pode se tornar repetitivo e cansativo, não tendo o docente tempo para se apropriar de leituras, fazer reflexões sobre a sua prática e sobre todo o contexto em que o estudante está inserido.

Em face dessa alienação e repetição do trabalho pedagógico, o docente acaba sem tempo de se apropriar de novas leituras, participar de formações em que se aprofunde mais sobre como acontecem os espaços de ensino e aprendizagem, em que possa conhecer a realidade do estudante e a forma com que ele mais facilmente se apropria dessa realidade, imbricando-a com a sua própria realidade para desenvolver um trabalho para o qual se sinta mentalmente estimulado. A esse respeito, Freitas cita Marx:

A forma como os homens organizam suas relações sociais afeta poderosamente tal

dinâmica. Inserido em um processo de alienação, o homem vê o produto de seu trabalho ser dele separado, perde o controle sobre o próprio processo de trabalho e termina distanciado dos próprios homens (Marx, in Fromm, 1983.) A educação não está imune a estas relações. Veja-se por exemplo, o seguinte trecho de Marx, o qual refere-se à descrição do trabalhador alienado: “O que constitui a alienação do trabalho?” Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas, mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido [...]”. (FREITAS, 2005, p. 13-14)

Inserir-se aí, pensando no coletivo, o trabalho da Orientação Educacional para mostrar aos trabalhadores da escola a realidade do estudante. A partir disso, a escola precisa refletir e traçar estratégias para que esse estudante seja alcançado, de forma que ele se desenvolva em sua integralidade. Também se faz relevante que esses professores estejam dispostos a verem a concretude da realidade dos educandos e de suas famílias a partir de um novo ponto de vista, como explicita Kosik:

O mundo real, oculto pela pseudoconcreticidade, apesar de nela se manifestar, não é o mundo das condições reais em oposição às irreais, tampouco o mundo da transcendência em oposição à ilusão subjetiva, é o mundo da práxis humana. É a compreensão da realidade humano social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura. (KOSIK, 2002, p. 12)

Diante dessa observação, a escola precisa navegar profundamente sobre a realidade daquela comunidade em que está inserida, e estar aberta a novas possibilidades de mudança de modo a, cada vez mais, colocar sua ação em favor dos seus interesses e necessidades.

Uma experiência da prática da Orientação Educacional

Passamos, então, a descrever experiências vivenciadas no referido Cef em relação à superação das dificuldades dos estudantes e como experiência para a reflexão de todos da escola, principalmente a equipe pedagógica e a comunidade escolar.

Em março de 2020, repentinamente, com a chegada do vírus Sars-Cov-2, as escolas se viram obrigadas a fechar as suas portas para evitar maior contaminação entre aqueles que constituíam a comunidade escolar. Para seguir com o trabalho pedagógico, as instituições

precisaram se reinventar e inovar em relação às suas práticas. Deste modo, os trabalhadores da educação, inclusive a Orientação Educacional, viram-se obrigadas a repensar e desenvolver novas formas de diálogo com as famílias, utilizando outras ferramentas tecnológicas, como a chamadas de vídeo por WhatsApp e também o Google Meet.

Diante desse cenário, a Orientação Educacional do Centro de Ensino Fundamental – 101 – Recanto das Emas resolveu adotar como dispositivo para atender as famílias o grupo de WhatsApp da Orientação Educacional. Esse grupo é composto somente pelas duas orientadoras da escola. Ao ser encaminhado, o estudante é inserido nesse grupo, elas realizam a chamada de vídeo junto com ele e a família e, também, se possível, com o professor.

A escola defende, em sua proposta pedagógica, a ideia de escola inclusiva. Com foco nisso, surgiram indagações e questões a serem superadas, buscando-se mecanismos para descobrir como incluir todos e todas, uma vez que o professor, a gestão e a Orientação Educacional veem suas áreas de forma fragmentada. Em face dessa situação, a Orientação Educacional, com autorização da gestão escolar, e por meio de conversas durante as coletivas, propôs que o professor ou a professora, sempre que possível, passasse a participar dos atendimentos junto com as orientadoras educacionais.

Diante da decisão tomada, este serviço, ao apresentar o Serviço da Orientação Educacional aos professores da instituição na semana pedagógica, expôs um projeto de trabalho na perspectiva de que ele deveria estar articulado com toda a comunidade escolar.

Assim, o Serviço de Orientação Educacional propôs a realização de um evento de jogos eletrônicos e indagou se algum professor teria disponibilidade para desenvolver esse trabalho junto com as orientadoras educacionais e os estudantes. Logo um professor se manifestou. Solicitamos ao estudante que ficava conectado aos jogos por muito tempo – e cuja mãe se mostrou angustiada por isso – que convidasse outro colega para debater essa problemática e apresentá-la à comunidade escolar.

A partir dessa situação, planejamos de nos encontrarmos semanalmente, em determinado horário, para que fossem planejadas pesquisas e estratégias relacionadas às habilidades que os jogos eletrônicos têm potencial de desenvolver nas crianças e também aos malefícios que causariam, se elas ficassem grande quantidade de horas conectadas a eles.

Para isso, foi feita uma pesquisa junto aos estudantes por meio de um questionário com perguntas fechadas e o aplicamos na comunidade escolar para que obtivéssemos

informações sobre o tempo que os estudantes ficavam conectados aos seus jogos preferidos e sobre experiências positivas e negativas nesse aspecto. Obtivemos 218 participações.

A partir desses dados e de pesquisas relacionadas ao assunto, os estudantes elaboraram falas para seus pares no sentido de conscientizá-los sobre o tempo adequado para ficarem brincando com os jogos eletrônicos e quais jogos seriam apropriados para cada faixa etária. O professor apresentou o jogo preferido dos estudantes, revelado na pesquisa, por meio do qual foram trabalhados conteúdos relacionados a todas as disciplinas. Na reunião de pais do bimestre em que isso ocorreu, ouvimos elogios relativos ao projeto, pois, antes, esses pais haviam tentado conscientizar os filhos, no entanto, não tinham conseguido nenhum resultado.

A partir da experiência vivenciada nesse projeto, que teve a contribuição das famílias, do professor e dos estudantes, tomamos a iniciativa de trabalhar outro projeto, intitulado “Em trégua com a guerra”, que tratava da questão da igualdade de gênero.

Uma estudante havia postado uma foto de biquíni em seu perfil de WhatsApp, o que tinha causado uma certa polêmica no conselho de classe. Iniciamos por conscientizar a estudante do que poderia acontecer caso alguém do mundo virtual utilizasse a foto dela com a finalidade de constrangê-la. Assim, nós a convidamos para realizarmos, juntamente com a professora de Ciências e mais um colega que esta indicou, algumas pesquisas sobre a temática e, depois dessas pesquisas e alguns encontros via Google Meet, com a participação da gestão, decidimos tratar do assunto na coletiva e levantar questões como: tipos de xingamentos que são direcionados a homens e mulheres, atitudes que reforçam o machismo, consequências do machismo para a sociedade. Por meio de leitura de livros, documentários, pequenos vídeos, temos trabalhado com os professores e professoras para se apropriarem do assunto. Salientamos que a Regional de ensino também participou desse debate.

Durante a reunião na coletiva, ficou acordado que esse assunto seria tratado com muita delicadeza e cuidado para que não ganhasse uma conotação diferente do sentido almejado, pois, embora a SEEDF orientasse, por meio do currículo, que a escola devia trabalhar esse assunto, o contexto histórico que estávamos vivenciando exigia que cada ação, cada palavra fosse escolhida meticulosamente, com muita atenção.

A direção da escola, inicialmente, pediu cuidássemos para que o trabalho não fosse interpretado como incentivo à sexualidade. No entanto, depois disso, temos recebido, cada vez mais, colegas com disponibilidade para estudar e trabalhar o tema. Uma professora de

5º ano até preparou um material riquíssimo para atividades com as várias formas de preconceito existentes na sociedade capitalista, o que foi muito bem recebido por todos. Lembramos que a escola é um espaço de coletividade e diversidade que abrange inúmeras e diferentes culturas e saberes que também devem ser valorizados.

Por intermédio de nossa inserção no Grupo de Estudos Círculo Vigotskiano (UnB) – que estuda como as crianças se desenvolvem junto com a coletividade, principalmente as que têm algum tipo de necessidade especial –, temos nos apropriado da Teoria Histórico-Cultural (BARBOSA; MILLER; MELLO, 2016), que surgiu na Rússia Comunista e delinea o sujeito e sua constituição de forma colaborativa. Essa teoria se constitui no Brasil a partir de grupos específicos, como o nosso, por meio do qual decidimos desenvolver a prática da Orientação Educacional na coletividade por acreditarmos que, de acordo com Vigotski (2020) e seus contemporâneos, o ser humano se desenvolve em contato com os outros. Portanto, nossa proposta é olhar o estudante em sua complexidade, situado em seu contexto social, histórico e cultural.

Nessa perspectiva, procuramos promover, com o corpo docente, o desenvolvimento dos estudantes envolvidos e colaborar com aqueles que privilegiam o nosso trabalho, pois, dessa forma, estamos valorizando a aproximação de todo o processo por que passam os alunos, que nos apontam caminhos para melhor compreender seus comportamentos e seus anseios. Podemos afirmar que essas experiências têm sido bastante significativas, pois percebemos que os estudantes e nós, trabalhadores da educação, saímos com uma visão mais ampliada a respeito dos jogos eletrônicos, o que também vem ocorrendo com relação à identidade de gênero.

Aprendemos, ainda, que para que os estudantes sejam conscientizados, é mais proveitoso que alguém da faixa etária e do grupo ao qual eles pertencem também se aproprie do assunto e fale, então, para os seus pares. Com isso, houve mudança nas formas de abordagem dos projetos, que serão realizados com a participação dos estudantes, dos professores e também da gestão pedagógica.

Considerações finais

Diante das experiências relatadas, constatamos que a Orientação Educacional não deve ser vista como uma atividade fragmentada em relação ao trabalho pedagógico. Nossa prática deve ser repensada e desenvolvida por meio de projetos que suscitem no estudante a

vontade de aprender, que lhe proporcionem condições físicas, psicológicas e sociais para se dedicar plenamente à aprendizagem.

As experiências descritas, como o tema dos jogos eletrônicos e a questão de gênero, estão relacionadas ao histórico da carreira de Orientador Educacional, do trabalho docente e também das realidades dos estudantes e desta comunidade.

Temas como esses merecem ser abordados com mais profundidade para que possamos refletir melhor sobre eles e aperfeiçoar a aprendizagem conjunta. A discussão sobre Igualdade de Gênero, por exemplo, cujo projeto foi nomeado de “Uma trégua para a guerra”, está em fase de construção, e gostaríamos de ter a oportunidade de relatar, em outra ocasião, como se desenvolveu todo o processo, além dos resultados obtidos.

Por ora, concluímos que o trabalho do(a) Orientador(a) Educacional deve ser articulado com toda a comunidade escolar no intuito de promover transformações na sociedade à qual ele pertence.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral (ed.). **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. São Paulo, Unesp, Campus de Marília: FFC, Oficina Universitária, 2016. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/88. Acesso em: jun. 2021.

BRASIL. **Decreto 72.846**, de 26 de setembro de 1973. Regulamenta a Lei n. 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/1970-1979/d72846.htm. Acesso em: 24 jun. 2021.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Orientação Pedagógica da Orientação Educacional na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp->. Acesso em: 10 jun. 2021.

FORTUNA, Maria Lúcia de Abrantes. O Psicólogo Escolar e o Orientador Educacional no cotidiano escolar. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 27-32, ago./dez. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/download/21406/15522>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Orientação Educacional na prática: princípios, histórico, legislação, técnicas e instrumento**. 6. ed.

São Paulo: Cengage Learning, 2010.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB). Grupo de Estudos Círculo Vigotskiano. Anotações e debates online sobre artigos de Vigotski e Teoria Histórico-Cultural, jun. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. Instrução e desenvolvimento na idade pré-escolar. In: **Cadernos RCC#21**, v. 7, n. 2, p. 144-160, maio 2020.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. De apontamentos para conferências em psicologia de crianças em idade pré-escolar. In: **Estação MIR**, arquivos digitais. [trad. do espanhol, sem data, em confronto com a fonte russa, por Achilles Delari Junior] nov. 2020. 21 p. Disponível em: http://estmir.net/lsv_s.data_not-psi-pre.pdf.